



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Taynée Mendes Vieira

Leitura 24/7: práticas de leitura de livros em telefones celulares

Rio de Janeiro

2019

Taynée Mendes Vieira

Leitura 24/7: práticas de leitura de livros em telefones celulares

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

V657	Vieira, Taynée Mendes. Leitura 24/7: práticas de leitura de livros em telefones celulares / Taynée Mendes Vieira. – 2018. 108 f.
	Orientador: Márcio Souza Gonçalves. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.
	1. Comunicação Social – Teses. 2. Livro digital– Teses. 3. Práticas de leitura – Teses. I. Gonçalves, Márcio Souza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.
es	CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Taynée Mendes Vieira

Leitura 24/7: práticas de leitura de livros em telefones celulares

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2019.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves (Orientador)
Faculdade de Comunicação Social – UERJ

Prof. Dr. Fernando do Nascimento Gonçalves
Faculdade de Comunicação Social – UERJ

Prof. Dr. Bruno Guimarães Martins
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do PPGCOM da UERJ que tive oportunidade de conhecer. Obrigada pelas aulas, dedicação e compromisso com a educação e o espírito crítico neste país.

Agradeço ao grupo de pesquisa em História do Livro, coordenado pelo professor Márcio Gonçalves, pelo companheirismo, ideias e discussões.

Agradeço ao meu orientador, Márcio Gonçalves, por aceitar orientar este trabalho e por me ajudar a enriquecer e aprofundar meus estudos.

Agradeço aos colegas e amigos do PPGCOM/UERJ pelos livros, conversas e apoio nos momentos críticos das aulas.

Agradeço a minha amiga Clarissa Marinho pelas conversas e encorajamento que me proporcionou durante esse período. Sem você, esta pesquisa não teria saído do campo teórico!

Agradeço a todos da minha família pelo apoio e, em especial, ao meu marido Lucas Sabino pelo constante incentivo à pesquisa e aos livros.

Every inch of space in your head
Is filled up with the things that you read
Everything Now, Arcade Fire

RESUMO

VIEIRA, Taynée Mendes. *Leitura 24/7: práticas de leitura de livros em telefones celulares*. 2019. 108 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Esta pesquisa tem como objeto as práticas de leitura atuais em telefones celulares. Busca-se saber de que forma os leitores interagem com os livros digitais em seus próprios smartphones, suas preferências, apropriações e como tal formato produz sentido. Primeiramente, discutimos o conceito de “leitura” e “texto” a partir de referências teóricas do campo da Comunicação, passando por uma abordagem histórica dos diferentes suportes e sua relação com as tecnologias da escrita. Em seguida, apresentamos os debates pertinentes às questões acerca da leitura em telefones celulares, reforçando o contexto cultural e social do presente: um predomínio da informática, a cultura da conexão constante, a coleta de dados por meio de algoritmos, a mobilidade e a materialidade do livro digital. Na pesquisa de campo são realizadas entrevistas qualitativas com doze leitores de livros digitais em celulares. Ao final, é traçado um levantamento das principais questões que envolvem a leitura hoje no celular, tendo em vista a disponibilidade, a materialidade e a relação de continuidade com outros suportes.

Palavras-chave: Livro digital. Leitura no celular. Práticas de leitura. Materialidade.

ABSTRACT

VIEIRA, Taynée Mendes. *Reading 24/7: reading practices and book meanings in mobile phones*. 2019. 108 f. Dissertation (Master Degree in Communications) – Social Communication School, State University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This research aims to investigate current reading practices in mobile phones. We seek to know how readers interact with digital books in their own smartphones, their preferences and appropriations, and how such format makes sense. First of all, we discuss the concept of "reading" and "text" from theoretical references from the Communications field, going through a historical approach from different media and their relations with writing technologies. After, we present the debates related to questions about reading in mobile phones, reinforcing the cultural and social context of the present: a dominance of informatics, a constant connection culture, the data collecting through algorithms, the mobility and materiality of the digital book. In the field research qualitative interviews with twelve mobile book readers are carried out. Thus, we trace the main questions related to reading today, regarding availability, materiality and the continuity among other media.

Palavras-chave: Digital book. Reading in mobile phones. Reading practices. Materiality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Rocket eBook, o primeiro leitor eletrônico. Fonte: Kozlowski, 2018.	36
Figura 2 -	Campanha do Kindle da Amazon.com veiculada em 2011. Fonte: Spoon, 2011.....	39
Figura 3 -	Página da Amazon.com voltada para crianças (ainda no ar). Fonte: Amazon....	39
Figura 4 -	Imagem celebrando os 20 anos da primeira mensagem SMS. Fonte: BBC. 2012.....	40
Figura 5 -	O romance do escritor Yume-Hotaru escrito em celular e publicado em livro impresso posteriormente. Fonte: Farrar, 2009.....	41
Figura 6 -	Primeiro iPhone lançado em 2007. Fonte: Dernbach, 2009.....	42
Figura 7 -	Primeiro Kindle lançado em 2007. Fonte: Roberts, 2016.....	42
Figura 8 -	Primeiro iPad lançado em 2010. Fonte: Brito, 2015.....	43
Figura 9 -	O empreendedor hippie Steve Jobs apresenta o iPhone em 2007. Fonte: Agência Ansa, 2017.	49
Figura 10 -	Divisão por idade dos participantes. Fonte: O autor, 2018.	66
Figura 11 -	Marca/modelos de celulares informados pelos participantes. Fonte: O autor, 2018.....	67
Figura 12 -	Locais de leitura. Fonte: O autor, 2018.	68
Figura 13 -	Formatos/plataforma de livros para celular. Fonte: O autor, 2018.	68
Figura 14 -	Uso de recursos de modificação do aspecto do texto digital. Fonte: O autor, 2018.....	69
Figura 15 -	Gêneros de livros (impresso ou digital) mais consumidos. Fonte: O autor, 2018.....	69
Figura 16 -	Gêneros de livros digitais mais consumidos em celulares. Fonte: O autor, 2018.....	70
Figura 17 -	Opção por marcar e compartilhar trechos de obras em redes sociais. Fonte: O autor, 2018.....	70
Figura 18 -	Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”. Fonte: O autor, 2018.	71
Figura 19 -	Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”. Fonte: O autor, 2018.	71

Figura 20 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”. Fonte: O autor, 2018.	72
Figura 21 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”. Fonte: O autor, 2018.	72
Figura 22 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”. Fonte: O autor, 2018.	73
Figura 23 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”. Fonte: O autor, 2018.	74
Figura 24 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”. Fonte: O autor, 2018.	74

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	LIVRO, LEITURA E TECNOLOGIA	15
1.1	Leitura como invenção	15
1.2	O leitor vadio	16
1.3	O sentido de um livro	18
1.4	O papel da tecnologia	23
1.4.1	<u>A leitura silenciosa</u>	23
1.4.2	<u>A abordagem evolucionista</u>	25
1.5	O livro: narrativas e monumento	27
1.6	A imprensa e a difusão da informação	29
1.7	Leitura no digital: retorno ou inovação?	32
1.8	O livro eletrônico nos anos 2000	34
1.9	Kindle: a versão melhorada do livro impresso	37
1.10	O livro no celular	40
2	LEITURA E CELULARES	45
2.1	Livros conectados	45
2.2	A informática e a utopia tecnológica	46
2.3	Leitura 24/7	49
2.4	Algoritmos e vigilância	52
2.5	Mobilidade e celulares	54
2.6	O sentido do livro no digital	60
3	PRÁTICAS DE LEITURA EM CELULARES	63
3.1	Aspectos metodológicos	63
3.2	Perfil dos entrevistados	66
3.3	Resultados do questionário	67
3.4	Entrevistas em profundidade	75
3.4.1	<u>Hábito de leitura e materialidade</u>	75
3.4.2	<u>Notificações e dispersão</u>	80
3.4.3	<u>Materialidade e afetividade</u>	86
3.4.4	<u>Leitura e maternidade</u>	90
3.4.5	<u>Livros 24/7</u>	91
3.4.6	<u>Sentidos do livro</u>	92

CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	101
ANEXO A – Roteiro de perguntas – entrevistas individuais.....	105
ANEXO B – Questionário.....	106
ANEXOC - Termo de consentimento.....	108

INTRODUÇÃO

“O que diferenciaria um livro de um artigo de um jornal se está tudo na tela?”, perguntou uma de nossas entrevistadas nesta pesquisa. A questão está inserida em um contexto que envolve diversos ambientes digitais onde são feitas leituras no geral, não apenas de livros, colocando em pauta a própria concepção de livro. Foram indagações desta natureza que nos guiaram rumo ao tema desta pesquisa: práticas de leitura de livros em ambientes digitais.

Por esse percurso, chegamos aos smartphones atuais. Chamados de “celulares inteligentes”, esses aparelhos funcionam como computadores portáteis, que apresentam em sua interface digital vídeos, fotografias, e-mails, notícias e, também, livros. Entender como o livro, enquanto tecnologia cultural, é encarado por seus leitores neste ambiente digital multimídia tornou-se um dos nortes desta pesquisa. Assim, procuramos como recorte a leitura de livros digitais em telefones celulares com acesso à internet do tipo smartphone, procurando investigar as condições peculiares em que leitores acessam e adquirem livros digitais em telefones celulares.

A leitura sempre foi considerada uma atividade que implica o uso de diferentes plataformas e recursos. A emergência de dispositivos digitais conectados à internet ampliou o leque de opções, sendo frequente a leitura de um livro iniciada no computador e continuada no meio impresso, por exemplo. Dessa forma, parece haver um intercâmbio e uma multiplicidade de meios. Além de verificar como diferentes meios afetam a experiência de leitura de cada leitor em particular, pode-se questionar se a diversidade de meios favorece certas práticas, e se tais práticas representam, a um primeiro olhar, rupturas em relação a práticas anteriores. Como veremos neste estudo, trata-se de uma questão complexa que é erguida por alguns pressupostos. Neste contexto, o celular surge como mais uma possibilidade de leitura de livros.

Pesquisas realizadas no país apontam um crescimento do uso do celular para a leitura de livros em arquivos digitais, os e-books. Na pesquisa Retratos do Brasil, realizada e coordenada pelo Instituto Pró-livro, em sua 4ª edição publicada em 2016, a proporção daqueles que já ouviram falar em livro digital pulou de 30% em 2011 para 41% em 2015, porém aqueles que nunca ouviram falar de livros digitais também aumentaram, de 45% para 52% (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 106). Entre aqueles que já ouviram falar, 26% afirmaram já terem lido algum livro digital (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 106). Entre os que já tinham lido, o principal meio apontado foi o celular ou smartphone (56%)

(INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 107). Na edição de 2012, entre aqueles que já ouviram falar de livros digitais, a maioria (82%) nunca leu, e os que leram apontaram como principais dispositivos o computador (17%) e o celular (1%) (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2012). Podemos ver que em quatro anos o celular ultrapassou o computador como dispositivo preferido na leitura de livros digitais.

Dessa forma, os atuais smartphones exemplificam bem esse ambiente digital multimídia que é um espelho do computador pessoal. Além disso, essa mídia digital móvel tem estado cada vez mais onipresente em nossa cultura, propiciando diferentes hábitos e atitudes, como a constante conexão à internet (o que facilita, por exemplo, o consumo de produtos e serviços pela rede) e a permanente disponibilidade de indivíduos (promovendo maior contato social com sua rede de relações).

Nos próximos capítulos, procuramos contextualizar a leitura em celulares colocando-a em perspectiva com leituras feitas em outras épocas, em outros meios, em outras culturas. Veremos como concepções históricas reafirmam certas visões acerca do homem e sua relação com o meio, em especial, com a tecnologia. Para nos fazer entender, organizamos a pesquisa em dois capítulos teóricos, um capítulo com a pesquisa de campo e considerações finais.

O primeiro capítulo nos levou a uma discussão teórica acerca da relação entre livros, leitura e tecnologia. Partindo do pressuposto de que o leitor possui certa liberdade (CAVALLO & CHARTIER, 1998) e que ler é um ato de produção não apenas de recepção (CERTEAU, 1998), abordamos o livro como detentor de formas expressivas que delimitam a liberdade do leitor e atuam na produção de sentido (McKENZIE, 1999). Em seguida, examinamos o papel da tecnologia no entendimento da leitura e veremos que, em muitos autores referência da área, a visão evolucionista em termos de suportes ainda predomina (McCUTCHEON, 2015). Essa concepção, tomada por vezes como um pressuposto natural, influenciará no entendimento dos livros presentes em plataformas digitais: uns acham se tratar de uma revolução; outros, de um retorno às práticas da Antiguidade. Faremos assim um percurso não tão cronológico das primeiras formas do livro até o livro consumido em celulares, a fim de verificar se tal visão evolucionista está presente naqueles que são considerados “marcos” na história do livro, a saber, a leitura silenciosa, o advento da imprensa e a recente digitalização de textos. Em seguida, traremos à luz algumas questões sobre a materialidade do livro digital, examinando sua percepção na época de seu surgimento no início do século XXI (BOLTER, 2001), analisando alguns exemplos de campanhas feitas pela Amazon para seu aparelho leitor de livros digitais, o Kindle. O texto referência para entender a leitura em celulares é de Gerard Goggin e Caroline Hamilton (In ARCENEUX;

KAVOORI, 2012), que fazem um panorama histórico sobre a leitura de livros em mídias móveis, passando pelo livro impresso, leitores eletrônicos, tablets e celulares. Os autores defendem que concepções acerca da leitura em aparelhos digitais móveis – como o celular – vêm acompanhadas de percepções naturalizadas acerca da mídia livro, que é vista frequentemente como um monumento. Essa discussão servirá para tensionar a visão evolucionista, presente entre os principais teóricos do livro e da leitura.

No segundo capítulo, trataremos das questões específicas trazidas pelo objeto desta pesquisa. Veremos que, com a conexão à internet, a percepção dos telefones celulares se aproxima muito a dos computadores. Examinaremos, portanto, o contexto político, econômico e cultural em que tal associação foi formulada e disseminada entre as empresas de tecnologia do Vale do Silício (BARBROOK, 2009). É possível perceber traços de determinismo tecnológico em afirmações de empresas de tecnologia até hoje – por exemplo, a de que o livro digital revoluciona nosso modo de leitura. O iPhone criado pela Apple sintetiza exemplarmente algumas questões difundidas por essas empresas, contribuindo para percepções acerca dos atuais celulares. A análise do contexto econômico e social atual de conexão constante (CRARY, 2014) fornecerá elementos para compreender o acesso a produtos e serviços culturais e a relevância de instrumentos de vida curta como o celular. Compreender a realidade de coleta de dados na rede, assim como o papel dos algoritmos moldando o comportamento do usuário-leitor, torna-se fundamental para mapear novas situações e sua influência na leitura. Para entender a natureza dos modelos matemáticos utilizados em sistemas de recomendação de produtos, usamos o recente trabalho de O’Neil (2017) como referência. Colocamos também em perspectiva o conceito de mobilidade, em geral, associados a dispositivos digitais móveis, como smartphones e tablets (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012). Por fim, contrapomos algumas visões sobre os livros digitais com a abordagem acerca dos sentidos do livro presente em McKenzie (1999).

No capítulo seguinte, apresentamos em detalhes nosso caminho metodológico, optando por uma pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas com doze (12) leitores que já leram ao menos um livro, todo ou em partes, no celular. A maioria dos entrevistados é de estudantes de pós-graduação, moradores do Rio de Janeiro e região metropolitana. Nessa parte, relatamos as opiniões dos entrevistados acerca da leitura em celulares, fornecidas por um questionário. Também descrevemos brevemente o perfil de cada entrevistado e relatamos suas percepções sobre o tema divididos por assunto durante as entrevistas presenciais em profundidade.

Encerramos o presente trabalho com um balanço do que foi dito nas entrevistas, retomando o arcabouço teórico tratado nos primeiros capítulos, o que nos permitiu observar tanto coexistências quanto rupturas ao analisar a leitura de livros em celulares em relação a outras práticas, além de apontar para um convívio entre meios, proporcionando leituras compartilhadas por mídias diferentes. Esse último aspecto parece ter afetado a percepção desses leitores sobre os sentidos que um livro pode assumir hoje, sendo o digital frequentemente entendido como algo etéreo e habitável em diversos corpos. Esperamos, portanto, que esta pesquisa possa contribuir para enriquecer a discussão sobre o tema e abrir novas veredas para o estudo do livro no Brasil.

1 LIVRO, LEITURA E TECNOLOGIA

O que é um livro enquanto tecnologia? Neste capítulo, levantaremos algumas questões relacionadas ao ato de ler e ao objeto livro em seus diferentes suportes, a fim de refletir sobre o papel da tecnologia na leitura. Examinaremos, por último, o livro digital que hoje pode estar presente em múltiplas plataformas, incluindo o celular.

1.1 Leitura como invenção

Uma referência significativa na área da leitura encontra-se no pensamento do francês Michel de Certeau (1998), principalmente por evidenciar que a leitura não é uma atividade passiva. Ele entende a leitura como um dos modos de operação ou esquemas de ação, não estando diretamente ligada ao sujeito que é seu autor ou seu veículo (CERTEAU, 1998, p. 38). Há então uma reflexão sobre as relações (sempre sociais) que estão envolvidas no ato de ler e no papel do leitor, que em nossa cultura é visto erroneamente como “consumidor” para Certeau (1998, p. 38), assumindo um status de dominado (o que necessariamente não implica passividade ou docilidade).

A investigação das “maneiras de fazer” que constituem as múltiplas práticas pelas quais os usuários “se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 1998, p. 41) não é feita sem dificuldades e tropeços. Trata-se de algo complexo, segundo o próprio autor, pois volta e meia essas práticas “exacerbam e descaminham as nossas lógicas” (CERTEAU, 1998, p. 43). Justamente por inverter nossa lógica pré-concebida da produção de textos – que pressupõe um autor produtor e um leitor receptor – que a leitura merece uma atenção especial nesse processo.

Certeau (1998, p. 48) destaca o papel fundamental da leitura na cultura contemporânea, relacionando-a ao campo da visão. Do jornal impresso às mídias eletrônicas, a nossa sociedade mediria a realidade pela capacidade de mostrar ou de se mostrar, sendo as comunicações como “viagens do olhar”. Segundo o autor, trata-se de uma “epopeia do olho e da pulsão de ler” (1998, p. 48). Nesse sentido, o binômio produção-consumo poderia ser substituído por seu equivalente: escritura-leitura. A leitura de imagens ou textos é similar, pelo menos pela sua caracterização de “ponto máximo da passividade”, na medida em que o leitor é visto como consumidor (CERTEAU, 1998, p. 49). Ao contrário, para ele, a atividade leitora apresentaria todos os traços de uma produção silenciosa, a saber:

flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectativa de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera. Mas incapaz de fazer um estoque (salvo se escreve ou “registra”), o leitor não se garante contra o gasto do tempo (ele se esquece lendo e esquece o que já leu) a não ser pela compra do objeto (livro, imagem) que é apenas o ersatz (o resíduo ou a promessa) de instantes “perdidos” na leitura (CERTEAU, 1998, p. 49).

Em tempos de livros e imagens digitais, fluidas, é interessante notar a questão da “compra do objeto” que, em certa medida, serviria para lembrar o leitor de instantes de leitura esquecidos. Talvez isso explique a compra de livros impressos mesmo quando os leitores já leram um título em formato digital, como apontaremos na pesquisa de campo. Porém, Certeau (1998, p. 49) deixa claro que a leitura se faz a partir de uma reapropriação de um texto de outrem, uma invenção. Assim, “um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor”. Por conseguinte, esta mutação tornaria “o texto habitável à maneira de um apartamento alugado” (CERTEAU, 1998, p. 49).

1.2 O leitor vadio

Ao citar e concordar com Certeau, Guglielmo Cavallo e Roger Chartier (1998, p. 5) aprofundam o tema e acrescentam que a leitura não está inscrita no texto em si, ou seja, existe uma distância razoável entre o sentido atribuído pelo autor (ou pelo editor, pela crítica, pela tradição, etc) e o uso ou a interpretação feita por seus leitores. Pois, obviamente, um texto só existe porque há um leitor para lhe conferir significação. Essa relação entre a liberdade do leitor e a figura do autor foi investigada por Michel Foucault (2001) no clássico *O que é um autor?* E certamente teve influência no trabalho dos historiadores.

Para Cavallo e Chartier, a significação de um texto não depende somente do leitor, mas também “das formas e das circunstâncias por meio das quais os textos são recebidos e apropriados por seus leitores (ou seus ouvintes)” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 6).

Além disso, para eles, o texto não pode ser pensado desprovido de qualquer materialidade. Por isso, é preciso considerar que “as formas produzem sentido e que um texto se reveste de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os suportes que o propõem à leitura” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 6). Acrescentam ainda que a leitura é uma prática social encarnada por gestos, espaços e hábitos (1998, p. 6), e que não é apenas uma operação intelectual abstrata: “é uso do corpo, inscrição dentro de um espaço, relação consigo mesma ou com os outros” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 8).

Para abordar a história da leitura, Cavallo e Chartier (1998, p. 37) escolhem a análise bibliográfica, uma abordagem usual do campo da Bibliografia – ainda neste capítulo aprofundaremos o conceito com McKenzie. Essa abordagem defende que os textos são sempre comunicados a seus leitores em formas (manuscritas ou impressas, escritas ou orais) “que as limitam sem contudo destruir sua liberdade” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 37). Nesse sentido, entendem a história da leitura como uma história de coerções e liberdades. As coerções podem limitar a frequência aos textos (por meio de censura, autocensura, regimes jurídicos; ou estratégias editoriais, novos gêneros, livros baratos, coleções populares; ou ainda pelo próprio texto que deseja produzir efeitos, ditar uma postura, obrigar o leitor). A liberdade estaria na invenção do leitor, “que está em condições de ignorar, deslocar ou subverter os dispositivos destinados a reduzi-la” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 37). Essa inventividade levou Chartier a afirmar em outra obra: “a leitura é, por definição, rebelde e vadia” (CHARTIER, 1999, p. 7).

Para Chartier (1999, p. 8), o livro, objeto de leitura por excelência, sempre procurou instaurar uma ordem, fosse a ordem de decifração ou a ordem de publicação permitida por uma autoridade. Porém, essa ordem de múltiplas fisionomias não conseguiu anular a liberdade dos leitores. É preciso dizer que essa dialética entre imposição e apropriação não é a mesma em todos os lugares. Em relação às materialidades do livro, manuscritos ou impressos, trata-se de objetos...

cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra declamadas num palco de teatro (CHARTIER, 1999, p. 8).

Assim, o aspecto material deve obviamente ser levado em consideração na medida em que uma obra ou um texto só passa a existir a partir de uma espécie de corporificação. Chartier (1999) é contra uma definição puramente semântica do texto, sendo necessário perceber que as formas produzem sentido e que “um texto, estável por extenso, passa a investir-se de uma significação e de um *status* inéditos, tão logo modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação” (CHARTIER, 1999, p. 7). Nesse raciocínio, o livro enquanto formato não é algo escrito por autores. Segundo Chartier (1999, p. 17), escritores escrevem textos que se tornam objetos escritos, que podem assumir diversas formas, podem ser manuscritos, gravados, impressos ou informatizados. Aqui vemos no pensamento do autor uma oposição interessante entre o que seria um texto e o que seria sua corporificação, sua forma. Barthes (2004), no clássico *A morte do autor*, também rejeita a ideia do autor como

uma espécie de chave para decifrar o signo linguístico no texto literário, valorizando assim a escrita em si e a figura do leitor, pensamento alinhado ao de Foucault (2001), Certeau (1998) e Chartier (1999).

1.3 O sentido de um livro

O pensamento de Chartier deve-se muito ao estudioso neozelandês Donald McKenzie (1999), referência na área da Bibliografia em que a preocupação com a forma material sempre foi uma constante. Por isso, examinaremos nesta parte o pensamento desse autor e sua contribuição para entender o sentido do livro.

Segundo McKenzie (1999, p. 9), tradicionalmente o foco da Bibliografia enquanto campo de estudos era analisar papéis ou pergaminhos com sinais manuscritos ou impressos. O significado e o sentido desses sinais não eram relevantes. Essa visão foi contestada por McKenzie (1999, p. 10), que defendeu que no momento em que tais sinais se fazem presentes em um livro, eles assumem um status simbólico. Ora, se um meio afeta a mensagem, o estudo das relações entre formas, função e sentido simbólico não pode ser excluído da Bibliografia.

Para McKenzie (1999, p. 13), os bibliógrafos devem se preocupar em demonstrar como as formas afetam o significado. Só então é possível descrever não apenas os processos técnicos da transmissão de sentido, mas também os processos sociais. Assim, ele cunha o termo “Sociologia dos Textos” para descrever o campo da Bibliografia. E isso implica uma concepção ampla de texto que obviamente não está restrito ao formato livro.

Defino “textos” de modo a incluir informações verbais, visuais, orais e numéricas, na forma de mapas, impressos e música, de arquivos de som graváveis, de filmes, vídeos e qualquer informação armazenada em computador, tudo de fato da epigrafia às últimas formas de discografia. Não há como fugir do desafio que essas formas têm criado (McKENZIE, 1999, p. 13, *todas as traduções são nossas*).¹

Ao recorrer à raiz etimológica da palavra “texto” – de origem latina *textere* que significa “tecer” –, o estudioso neozelandês destaca o fato de que a palavra não se refere a nenhum material específico, mas antes ao ato de tecer, à rede ou textura dos materiais (McKENZIE, 1999, p. 13). Portanto, o sentido primário seria definir um processo de construção material, porém não restrito a nenhuma substância ou forma em particular. Apenas em virtude de uma metáfora, a palavra “texto” se aplicou à linguagem na medida em que

¹ I define ‘texts’ to include verbal, visual, oral, and numeric data, in the form of maps, prints, and music, of archives of recorded sound, of films, videos, and any computer-stored information, everything in fact from epigraphy to the latest forms of discography. There is no evading the challenge which those new forms have created.

“tecer” funcionasse como o verbo “escrever” e que o texto fosse visto como uma teia de palavras (McKENZIE, 1999, p. 14).

Em relação ao termo “Sociologia” em “Sociologia de Textos”, McKenzie reconhece a ampla gama de realidades sociais que o meio em questão deve servir, da impressão de recibos a Bíblias, além de atentar para o fator humano no qual os textos estão imersos, o que inclui cada estágio da produção, transmissão e consumo. Assim deve-se prestar atenção ao papel de instituições e suas complexas estruturas que afetam o discurso social, no passado e no presente (McKENZIE, 1999, p. 15). Por essa perspectiva fica quase impossível relegar os textos apenas às formas materiais de livros e documentos impressos.

Por conseguinte, a Sociologia dos Textos contrasta com a análise bibliográfica tradicional, confinada à inferência lógica a partir dos sinais impressos em papel ou pergaminho. Sob a reivindicação de ser mais científica, a abordagem tradicional trabalhava apenas com a evidência física dos livros e se atinha aos valores não simbólicos, tentando “excluir as complexidades perturbadoras da interpretação linguística e da explanação histórica” (McKENZIE, 1999, p. 15).

Para alguns autores citados por McKenzie (1999, p. 19), o conceito de intenção autoral é sem sentido ao tentar estabelecer o significado de uma obra de literatura, uma vez que o sentido é totalmente construído pelos leitores. Já McKenzie defende que a intenção do autor pode ser em certa medida “recuperável”, mas também reconhece que os leitores constroem seu próprio sentido. Ou seja, cada leitura é sim peculiar a sua ocasião, mas pode ser recuperada parcialmente por meio das formas físicas do texto (McKENZIE, 1999, p. 19). Ele dá um exemplo de uma epígrafe retirada de uma edição específica com uma diagramação diferente da edição autorizada pelo autor, em que palavras em caixa-alta foram transformadas em caixa-baixa, para seguir a tendência *clean* e impessoal na impressão, em voga em 1946 (McKENZIE, 1999, p. 25). Essa pequena alteração levou a leituras incorretas da passagem e demonstra a tese do autor: as formas, ainda que mínimas, alteram o sentido proposto.

Em relação a livros impressos, o exemplo levanta questões sobre a nossa visão acerca da natureza desses objetos. Para o autor, “pensamos em livros como textos que receberam uma forma física particular” (McKENZIE, 1999, p. 26).² Veremos no capítulo seguinte que o computador herda muito dessa concepção de livro.

“Livros não são coisas absolutamente mortas, mas há neles uma vida em potência tão ativa quanto a alma que os produziu. Além disso, preservam como num frasco o mais puro e

² *We think about books as texts which have been given a particular physical form.*

eficaz extrato do intelecto vivo que os gerou”,³ escreveu o poeta inglês John Milton em 1644. McKenzie (1999, p. 31) chama a atenção para a palavra aqui traduzida por “frasco” (*violl* na versão autorizada usada pelo autor ou *vial* na versão aqui utilizada). Inicialmente, a palavra teria origem grega com o sentido de um recipiente amplo, plano, como um pires. Na versão autorizada de 1644, foi traduzida como uma tigela (*bowl*). O sentido de “frasco”, uma pequena garrafa de vidro contendo uma essência, segundo o autor, foi desenvolvida no século XVII (McKENZIE, 1999, p. 31).

Nesse sentido usado por Milton – e posteriormente por Robert Boyle – destaca-se a ideia de confinamento, de textos determinados, estáveis e claramente visíveis (McKENZIE, 1999, p. 31). Milton vê o livro como uma forma sagrada mas expressiva, cujo meio dá acesso transparente ao sentido essencial. Tanto que há uma tradição de autores que utilizam recursos impressos para mediar seus sentidos com mais justeza (McKENZIE, 1999, p. 32).

Quando pensamos em “textos não livros”, para usar o termo do autor, a imagem do frasco se quebra por completo como um símbolo adequado do livro tradicional enquanto objeto de pesquisa bibliográfica e textual (McKENZIE, 1999, p. 39). Levada ao extremo, essa noção também não daria conta de textos “visuais mas não verbais”, assim como “textos orais”, tanto na cultura ocidental quanto em culturas não letradas, onde há níveis de letramento funcional, mas onde o texto escrito ou impresso não possui o mesmo *status* do texto falado (McKENZIE, 1999, p. 39).

Assim, McKenzie (1999, p. 39) se pergunta: seria a terra – não a representação da terra num mapa mas a terra em si – um tipo de texto? Ao citar um estudo sobre a tribo aborígine Arunta, ele examina o conceito de tipografia totêmica, isto é, cada aspecto da paisagem nas terras da tribo – pedras especiais, cavernas, árvores e riachos – possui um significado totêmico. Não se trata apenas de seu sentido sagrado, mas de sua função textual; serve para contar uma história, possui uma função narrativa (McKENZIE, 1999, p. 40). Como exemplo, ele fala sobre um pequeno bloco de pedra chamado Gnoilya tmerga que em uma posição específica contava para aquela tribo a história da chegada do homem branco. Do ponto de vista eurocêntrico, não é fácil admitir que “a paisagem possui uma função textual, mas nesse relato não há como desassociar os aspectos físicos da narrativa” (McKENZIE, 1999, p. 40).⁴

³ *For books are not absolutely dead things, but do contain a potency of life in them to be as active as that soul was whose progeny they are; nay, they do preserve as in a vial the purest efficacy and extraction of that living intellect that bred them.*

⁴ *[...] that landscape has a textual function, but, in that account, there is no way of dissociating its physical features from the narrative.*

Se podemos apenas pensar na questão de forma invertida, pensemos não em livros como a única forma de artefato textual, mas em textos de diferentes tipos em diferentes formas materiais, apenas alguns deles são livros ou documentos, então começamos a vislumbrar um princípio em ação que tem surpreendentes implicações sociais, políticas e econômicas (McKENZIE, 1999, p. 41).⁵

Portanto, para o autor, o poder narrativo da terra é o *status* textual daquela cultura (McKENZIE, 1999, p. 40). E acrescenta: o argumento de que uma pedra para o povo Arunta é um texto só é absurda se pensamos em empilhar pedras numa estante e dar-lhe classificações. O verdadeiro absurdo, para ele, seria querer importar para a cultura Arrunta uma “obsessão fixa” com formas livrescas que possuem apenas algumas centenas de anos na história europeia (McKENZIE, 1999, p. 41).

O autor dá outros exemplos interessantes para essa discussão: para o povo Maori da Nova Zelândia, textos na forma de documentos escritos ou impressos não são considerados confiáveis, tanto pela força de tradições orais quanto por seu *status* simbólico da dominação britânica (McKENZIE, 1999, p. 41); a relação de mapas com a realidade é como a de palavras com o mundo, quase inteiramente arbitrário, não mimético, pois só vemos num mapa o que já sabemos (vale, pedra, colina), assim seu sentido se dá por meio de um entendimento convencional dado aos signos e sua estrutura em um texto particular (McKENZIE, 1999, p. 43); além de serem usados com fins narrativos, como em viagens, reais ou imaginárias, palavras e imagens compartilham essa natureza de contar histórias (McKENZIE, 1999, p. 44); no teatro, que inclui aspectos orais de performance, o texto pode ser melhor visto não como algo fixo, um artefato determinado em um meio específico, mas como potencial (McKENZIE, 1999, p. 51).

McKenzie (1999, p. 54) contrasta dois diferentes conceitos de “texto”: um é sancionado pelo autor, contido e definível historicamente; outro é o texto sempre incompleto, portanto, aberto, instável, sujeito a reconstrução perpétua por seus leitores, intérpretes ou audiência.

Um exemplo de como a forma influencia a leitura de certos textos é encontrado em John Locke, citado em McKenzie (1999, p. 56). Locke analisa as epístolas de Paulo e chama atenção para o papel da tipografia e da edição em revelar ou obscurecer a intenção do autor. Dividir as cartas em capítulos e versículos – como eram impressas naquela época – favorecia o entendimento, sobretudo pelas pessoas comuns, de que os versos eram apenas aforismos

⁵ *If we can but think the question through that way round, think not of books as the only form of textual artefact, but of texts of many different kinds in many different material forms, only some of which are books or documents, then we begin to see a principle at work which has quite staggering social, economic, and political implications.*

distintos, perdendo sua força de coerência de um formato de texto corrido, assim o olho sempre seria incomodado por frases dispersas (McKENZIE, 1999, p. 56). Impressas em versículos, as cartas poderiam frustrar leitores mais curiosos em saber o que Paulo quis dizer, enquanto outros mais apressados poderiam ver o que lhes agradassem mais (McKENZIE, 1999, p. 57). Não é difícil imaginar as implicações dessa questão em debates políticos, em que versículos de qualquer livro sagrado são usados para fundamentar o que já se acredita.

Em termos de formato, o livro pode ser uma forma expressiva de certa sutileza e qualquer política editorial que ignora esse fato pode trazer à tona um texto deficiente, segundo os critérios do autor (McKENZIE, 1999, p. 60). Seus argumentos reforçam a noção de que...

nenhum texto de qualquer complexidade produz um sentido definitivo. A unidade ostensiva de qualquer texto “contido” – seja na forma de manuscrito, livro, mapa, filme, ou arquivo armazenado em computador – é uma ilusão. Como linguagem, suas formas e sentidos derivam de outros textos; e conforme ouvimos, olhamos, ou lemos, ao mesmo tempo nós o reescrevemos (McKENZIE, 1999, p. 60).⁶

Assim, entender a leitura envolve necessariamente entender três questões não mutuamente excludentes: primeiro, os leitores constroem seu sentido; segundo, as intenções autorais podem ser transmitidas e recuperáveis em algum nível por meio da forma, sutil no caso do livro; terceiro, as diferentes formas físicas de qualquer texto e suas intenções são relativas a um momento, lugar e pessoa específicos. Para McKenzie (1999, p. 61), esse entendimento só é problemático se considerarmos que o sentido é absoluto e imutável. Na verdade, “mudança e adaptação são condições de sobrevivência, assim como o uso criativo dos textos é a condição para que sejam lidos” (McKENZIE, 1999, p. 61).⁷ Veremos no próximo capítulo o caráter mutável da mídia livro em Goggin e Hamilton (In ARCENEUX; KAVOORI, 2012).

Após o levantamento de algumas questões acerca da leitura, do leitor e da produção de sentido, passemos agora a analisar o papel da tecnologia nesse processo. Em tempos de leitura em múltiplos aparelhos, as tecnologias – novas e velhas – proporcionariam práticas de leitura inéditas? Se sim, haveria consequências cognitivas em cada tipo de leitura?

⁶ (...) *that no text of any complexity yields a definitive meaning. The ostensible unity of any one ‘contained’ text – be it in the shape of a manuscript, book, map, film, or computer-stored file – is an illusion. As a language, its forms and meaning derive from other texts; and as we listen to, look at, or read it, at the very same time we re-write it.*

⁷ *In fact, change and adaptation are a condition of survival, just as the creative application of texts is a condition of their being read at all.*

1.4 O papel da tecnologia

Bill Gates afirmou em 1998 que “os e-books prometem revolucionar a forma como o mundo lê” (apud ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 110).⁸ Afirmações semelhantes são observadas entre os estudiosos da história da leitura que, muitas vezes, adotam uma visão linear ao abordar os diferentes suportes do escrito. E a palavra “revolução” é usada indiscriminadamente em alguns.

1.4.1 A leitura silenciosa

Para a reflexão acerca da tecnologia, tomaremos como exemplo a questão da emergência de uma leitura silenciosa. Verifica-se que, entre alguns autores da história do livro e da leitura aqui analisados (Barbier, 2005; Manguel, 2006; Cavallo & Chartier, 1998; Fischer, 2005), é disseminado o entendimento de que a passagem de uma leitura em voz alta, comum na Antiguidade clássica, para uma leitura silenciosa, predominante no final da Idade Média, foi um grande marco, com imensas consequências sociais, psicológicas e epistemológicas.

Todos esses autores destacam o papel da tecnologia nesse processo. Para Jesper Svenbro, a escrita alfabética “irrompe” na cultura grega de tradição oral (In CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 41), mas essa irrupção não anula a enorme proximidade entre escrita e oralidade. Para esse autor, o leitor só chegaria ao sentido do texto com o uso do som – o que implicava um esforço considerável –, e que envolvia a apresentação material do escrito. Svenbro se refere à *scriptio continua*, a escrita sem separação entre palavras, o que tornaria “a leitura lenta e hesitante, provocando irresistivelmente a intervenção da voz” (In CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 44). A leitura em escrita contínua colocaria em cena a necessidade de se ler em voz alta para entender o texto.

Ler, na Grécia, assim, remeteria a ler em voz alta. Cavallo & Chartier (1998) indicam o papel da tecnologia escrita: a leitura oralizada repousava na necessidade de tornar compreensível o sentido de uma *scriptio continua*, que “seria ininteligível e inerte sem a enunciação em voz alta” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 11). No entanto, os autores também registram, referindo-se ao trabalho de Bernard Knox (1968), que há relatos numa época muito antiga de uma leitura silenciosa.

⁸ [...] e-books promise to revolutionise the way the world reads.

Steven Roger Fischer (2005) sustenta que foi no século V a.C. que a leitura deixou de ser monopólio de uma oligarquia que dela se aproveitava para validar seu poder e tornou-se uma ferramenta “popular” de acesso a informações na Grécia (FISCHER, 2005, p. 47). Essa força do escrito se nota no fato de que Tucídides (c. 460-395 a.C.), segundo Fischer, confiava mais em documentos escritos do que nas tradições orais para compilar uma cronologia e avaliar eventos passados: “Percebia-se, nesse momento, que a escrita permitia a complementação e a retenção de textos em um grau que a oralidade jamais conseguiria alcançar” (FISCHER, 2005, p. 47). Nessa época, textos escritos passaram a serem vistos como mais “confiáveis” que textos orais.

Segundo o historiador Frédéric Barbier (2005), no início a escrita ocupava linhas longas abertas no sentido longitudinal (o *rotulus* era aberto verticalmente), já depois a disposição de colunas foi mais frequente (o *volumen* era aberto horizontalmente). Para ele, esse formato proporcionava uma prática complexa de leitura, o que “impedia, por exemplo, trabalhar com muitos rolos ao mesmo tempo (um texto e seu comentário) ou tomar notas, já que impunha uma leitura continuada e impedia a simples consulta” (BARBIER, 2005, p. 25).⁹

De fato, ler um rolo de papiro não era simples. Era necessário desenrolá-lo seguidas vezes, retornar e avançar caso o leitor quisesse navegar pelo texto; procurar determinada passagem era complicado. Não havia sumários ou índices. Para fechar o rolo e armazená-lo de modo adequado era preciso enrolá-lo novamente até o início (ficar aberto podia causar danos). Era um objeto caro e precioso. “Se houvesse um incêndio na casa, os *volumina* eram, sem dúvida, as primeiras coisas a serem salvas depois das crianças” (FISCHER, 2005, p. 63).

A inserção de espaços entre as palavras, que se tornara padrão no século XI nas Ilhas Britânicas (onde existia desde o século VII), na França, Lorena e Alemanha, teve como “primeira consequência diminuir a necessidade de se ler em voz alta para compreender o texto” (SAENGER In CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 147). Saenger também associava a leitura silenciosa rápida a um reconhecimento visual da forma das palavras e da percepção da organização espacial do texto, o que envolvia a separação entre palavras.

Na Idade Média surge um novo formato para o livro: o códice. Barbier (2005) relaciona este suporte à emergência da leitura silenciosa: “Do ponto de vista de uso imediato, podia-se consultar o códice fazendo anotações, o que permitiu abandonar a leitura oral para privilegiar o trabalho intelectual em silêncio” (BARBIER, 2005, p. 40). Ao relacionar o trabalho intelectual à leitura silenciosa e à possibilidade de fazer anotações, o autor induz ao

⁹ [...] *impedia, por ejemplo, trabajar con muchos [rollos al mismo tiempo (un texto y su comentario) o tomar notas, ya que imponía una lectura continuada e impedía la simple consulta.*

raciocínio de que o trabalho intelectual está ligado ao desenvolvimento dessa tecnologia, ecoando a questão que será apontada por McCutcheon (2015) no próximo tópico.

1.4.2 A abordagem evolucionista

O classicista Robert McCutcheon (2015) é crítico da abordagem da história do livro a qual ele chama de “evolucionista”. Ele examinou detalhadamente a suposta passagem progressiva, ao longo da Idade Média, da leitura oralizada para a silenciosa, ideia presente no pensamento dos autores acima citados.

A primazia do olho sobre a voz, com o advento da leitura silenciosa como prática social comum, e suas implicações cognitivas foram trabalhadas por diversos autores. Segundo McCutcheon (2015, p. 4), essa ideia aparece em quase todos os teóricos da palavra escrita: Marshall McLuhan, Eric Havelock, Jack Goody e Ian Watt, Walter Ong, Lucian Febvre e Henri-Jean Martin, David Olson, Robert Darnton, Alberto Manguel, Steven Roger Fischer, Martyn Lyons e Roger Chartier. A ideia é que essa prática permitiu mais meditação e reflexão sobre os textos, possibilitando uma expansão do entendimento humano (McCUTCHEON, 2015, p. 4).

A perspectiva teórica é, porém, diferente entre os classicistas. Segundo McCutcheon (2015), um corpo substancial de pesquisadores rejeita a noção de que os leitores antigos não queriam ou não conseguiam ler em silêncio, chegando a considerar a questão uma controvérsia “moribunda” (McCUTCHEON, 2015, p. 1). O autor então se propõe a verificar as origens desse consenso de que a leitura na Antiguidade era feita em voz alta.

Um dos trechos clássicos que sustentam o argumento de que os leitores antigos não liam silenciosamente está nas *Confissões* de Santo Agostinho, que considerou a atividade de seu professor Ambrósio incomum:

Ao ler, corria os olhos pelas páginas: a mente penetrava o significado, enquanto a voz e a boca se calavam. Muitas vezes ao entrarmos (pois a ninguém era proibido o ingresso nem precisava anunciar-se), o víamos lendo, sempre em silêncio. [...] Talvez evitasse ler em voz alta, para não ser obrigado por algum ouvinte curioso e atento a explicar alguma passagem difícil do autor, ou a discutir alguma questão por demais complexa. [...] Talvez, lendo baixo, também quisesse apenas poupar a voz, que se enfraquecia facilmente (AGOSTINHO, 2009, p. 142-143).

Segundo McCutcheon (2015, p. 3), o filólogo Eduard Norden examinou essa passagem em 1898 em sua monografia *Die antike Kunstprosa (A antiga arte da prosa, em tradução livre)* e conjecturou que ler em voz alta era a prática usual na Antiguidade para textos literários. Nas edições subsequentes, listava outros exemplos em um apêndice que

demonstrava seu argumento. Mais tarde, também segundo McCutcheon, o classicista Josef Balogh reuniu mais exemplos da literatura clássica e acrescentou um raciocínio tecnológico para explicar a rara prática de leitura na Antiguidade: a *scriptio continua*. Para ele, os leitores superavam a dificuldade de ler textos contínuos apenas ao articular o texto em voz alta para assim perceber os finais de cada palavra (McCUTCHEON, 2015, p. 3-4).

Voltando a Agostinho, um contra-argumento bastante simples foi feito por W. P. Clark, em 1931, sobre a passagem: “A surpresa da parte de Agostinho não pode ter sido o fato de que Ambrósio estava *sempre* lendo em silêncio?” (McCUTCHEON, 2015, p. 6, grifo do autor).¹⁰ Alguns classicistas, segundo McCutcheon (2015, p. 6), também questionam por que a prática cultural de ler em voz alta necessariamente marginaliza a leitura silenciosa. Ele considera que o raciocínio tecnológico apresentado para explicar a leitura silenciosa como rara simplifica demais uma história complexa. Por exemplo, os textos apresentavam certa pontuação, mas esta não era padronizada; no segundo século a.C. os textos latinos apresentavam pontos entre palavras (*interpuncta*), segundo o modelo etrusco; e, mais fundamental, a *scriptio continua* se tornou predominante nos textos latinos até o segundo século d.C. Então, questiona-se: se a separação entre palavras foi tão revolucionária para a leitura silenciosa, por que os romanos retornariam à prática com a escrita contínua? (McCUTCHEON, 2015, p. 6)

McCutcheon (2015, p. 8, 12 e 13) cita alguns exemplos da literatura clássica que parecem confirmar que na Antiguidade havia tanto leitura silenciosa quanto leitura em voz alta. A discussão sobre a prevalência da leitura silenciosa na Antiguidade parece exemplificar a afirmação de Robert Darnton de que “a leitura permanece como o estágio mais difícil de se estudar no circuito seguido pelos livros” (DARTON, 1982, p. 74).¹¹ Para McCutcheon (2015), o debate é de difícil abordagem, pois um exemplo de um modo de leitura é contrabalanceado por outro contrário.

Por que, então, a suposição parcial e tendenciosa sobre a capacidade de leitura dos antigos ainda é popular entre os autores do livro? E por que a valorização da técnica de separação de palavras entre outras como mais determinante do ler em silêncio? Na opinião do estudioso, além de um *confirmation bias* (a tendência de confirmar algo em que já se acredita) em um consenso estabelecido por muitas décadas (McCUTCHEON, 2015, p. 14), a tese se encaixa em uma narrativa da evolução dupla das tecnologias e da mente humana; as mudanças tecnológicas engendrando mudanças cognitivas.

¹⁰ *Might not the surprise on the part of Augustine be due to the fact that Ambrose was always found reading silently?*

¹¹ *Reading remains the most difficult stage to study in the circuit followed by books.*

Relata ainda que a crença na ideia de que o surgimento da leitura silenciosa foi um divisor de águas revela muito acerca da epistemologia da história do livro. Ele diz que a longevidade e a persistência desta má-interpretação acerca das práticas de leitura antigas podem ser explicadas na medida em que “ela se encaixa perfeitamente dentro de uma narrativa maior que a disciplina da história do livro gosta de oferecer sobre a evolução dupla do livro e da mente humana” (McCUTCHEON, 2015, p. 2).¹² Para ele, se os historiadores do livro admitirem que os indivíduos da Antiguidade também liam em silêncio com frequência, esse reconhecimento desafiaria a visão linear que está subjacente à narrativa da história do livro (McCUTCHEON, 2015, p. 2). Além disso, a tese para ele minaria a crença acadêmica de que a história da cognição humana possa estar ligada ao desenvolvimento das tecnologias da informação. O autor resume sua tese principal:

Se reconhecermos que a Antiguidade possuía uma cultura leitora mais dinâmica e complexa do que presumimos, esta compreensão pode nos permitir extrair alguns paralelos interessantes e possíveis exemplos para a cultura digital (McCUTCHEON, 2015, p. 2).¹³

Notamos que a associação entre o desenvolvimento da tecnologia e o desenvolvimento da mente humana segue em discursos até hoje, principalmente pelo destaque à tecnologia neste processo, vista com frequência de forma crucial. Detalharemos a seguir a posição deste autor e notamos alguns paralelos com os autores da leitura em suportes móveis digitais, como Goggin e Hamilton (2012).

1.5 O livro: narrativas e monumento

McCUTCHEON (2015, p. 18) assinala que quatro eventos são, em geral, destacados na história do livro: 1) a invenção da escrita alfabética; 2) a mudança do rolo para códice e o suposto surgimento da leitura silenciosa; 3) a invenção da imprensa e maior disseminação de informação padronizada e aumento do público; 4) a atual passagem para a mídia digital com a possibilidade de se armazenar mais informações em um ambiente hipertextual.

Nessa narrativa, o texto digital é visto como “a apoteose do livro em uma forma não corpórea, mas onipresente” (McCUTCHEON, 2015, p. 18).¹⁴ Ademais, segundo ele, é comum

¹² [...] fits perfectly within the larger narrative which the discipline of book history likes to offer concerning the dual evolution of the book and the human mind.

¹³ If we recognize that antiquity possessed a more dynamic and complex reading culture than we assumed, this realization can allow us to draw some interesting parallels with and possible exempla for digital culture.

¹⁴ [...] the apotheosis of the book into a noncorporeal yet omnipresent form.

falar do livro como tendo um “ciclo de vida”, do nascimento (publicação) para a vida (circulação e consumo), ou do manuscrito como sendo a infância do livro; o códice, a vida adulta; e o rolo o “ancestral”. Para este autor, essas metáforas não são apenas retóricas:

Neste caso, essas metáforas biológicas revelam que vemos o livro em algum nível como equiparável a espécies vivas, evoluindo e se desenvolvendo para uma determinada forma. Essa visão é parte e parcela da ideologia geral de uma “substituição” que molda nosso entendimento da tecnologia da informação, em que cada nova forma de tecnologia representa um avanço tecnológico importante e uma ruptura decisiva com o passado (McCUTCHEON, 2015, p. 18).¹⁵

A leitura no digital – em vez de “leitura digital” por dar a entender de que se trata de uma leitura diferente – é por vezes entendida como “revolucionária”, sendo a tecnologia o motor para novas práticas de leituras, conforme veremos mais adiante. No entanto, conforme apontam Goggin e Hamilton (2012), ao se estudar a leitura em celulares, uma mídia diversa da mídia livro, é preciso colocar a tecnologia digital móvel em uma perspectiva histórica e comparativa, pois isso permite “a crítica dos mitos e narrativas sobre leitura e essa nova forma de mídia” (In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 103).¹⁶

Goggin e Hamilton (2012) defendem que, em virtude da aparente estabilidade da página impressa, é fácil desconsiderarmos o livro como uma tecnologia de comunicação bastante adaptável e o vemos como um monumento imóvel. Desde o século V a.C, a ideia do “livro” e sua função prática sempre estiveram em uma situação de desenvolvimento contínuo (In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 104). Monumentalizar o livro e sua história – perdendo de vista o caráter adaptável e plástico dessa mídia – pode obscurecer o entendimento das práticas de leitura em mídias eletrônicas:

Quando naturalizado ou visto como monumento, o lugar do livro como uma mídia é ignorado. Essa atitude também negligencia a oportunidade de entender as atuais práticas de leitura em dispositivos eletrônicos como parte de uma prática contínua da produção e consumo do livro, em vez de atividades opostas à cultura impressa (GOGGIN; HAMILTON in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 106).¹⁷

Os autores observam que há uma tendência a naturalizar e a “destecnologizar” os livros em nossa cultura quando os vemos como monumentos. Para eles, foi apenas com a industrialização da imprensa que a aparência e a função do livro vieram a ser fixadas como

¹⁵ *In this case, these biological metaphors reveal that we view the book on some level as akin to a living species, evolving and developing toward a certain form. Such a view is part and parcel of the general ideology of “supersession” that informs our understanding of information technology, wherein each new form of the technology represents an important technological advance and decisive break with the past.*

¹⁶ *[...] a critique of the myths and narratives concerning reading and this new media form.*

¹⁷ *When normalize or monumentalized, the book’s place as a media format is ignored. This attitude also overlooks the opportunity to understand current practices of reading on electronic devices as part of a continuing practice of book production and consumption, rather than activities oppositional to print culture.*

nós conhecemos. A visão do livro enquanto objeto fixo, permanente e mais de caráter artístico do que tecnológico está ligada à regulação industrial (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 105). O processo de industrialização do mercado editorial construiu um imaginário em torno do livro que passou a ser visto como “um monumento permanente a uma vida intelectual coletiva e eterna” (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 105).¹⁸ Quando comparamos os livros a espécies vivas, estamos de certa forma naturalizando esta forma de mídia, ao retirar seu caráter tecnológico.

Essa visão também impregna nossa relação com a leitura, o que perpassa nossa discussão. Ler livros permanece como atividade marginal em comparação a outros tipos de leituras, como ler sinais de trânsito ou listas de compras (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 106). Além disso, ver o livro impresso como a forma natural para informações contradiz os princípios básicos da história do livro, e as práticas de leitura e escrita vão muito além do livro. Portanto, livros não são um meio de comunicação imutável (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 106). Entender como os livros são vistos em nossa cultura servirá para melhor compreender as práticas de leituras em outros dispositivos, como os celulares, que não possuem esse imaginário.

1.6 A imprensa e a difusão da informação

Retrocedemos um pouco à discussão de McCutcheon (2015) para saber como a imprensa aparece na grande narrativa da história do livro. O objetivo é verificar se a prensa de tipos móveis se encaixa nesta visão linear da história do livro, em que mudanças tecnológicas proporcionam mudanças cognitivas. Para analisar as questões referentes à imprensa, recorreremos ao clássico *O aparecimento do livro* de Lucian Febvre e Henri-Jean Martin.

No título da obra, a palavra livro remete ao livro impresso, o que permite aos autores a proposta de refletir sobre as condições de surgimento do livro impresso (apenas). A abordagem foi considerada inovadora em seu tempo, pois as histórias do livro se pautavam por quadros cronológicos da escrita e seus suportes (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 13). Na verdade, seu foco foi analisar o papel que o livro desempenhou nos grandes movimentos que marcaram a modernidade europeia.

Segundo Febvre e Martin (2017, p. 345), na primeira metade do século XV, existiam oficinas onde se recopiavam às dezenas, senão às centenas os manuscritos mais procurados:

¹⁸ [...] a permanent monument to an eternal collective intellectual life.

livros de horas ou de piedade e obras do ensino elementar. Por isso, para os contemporâneos de Gutenberg, a reprodução mecânica dos textos era apenas uma inovação técnica cômoda.

Os autores destacam algumas possibilidades do novo processo e seus “efeitos transformadores”. Ao tornar os textos mais acessíveis, a imprensa assegurou-lhe uma força de penetração que não pode ser comparada à dos manuscritos (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 345). Para eles, houve transformação e, relativamente, rápida. Qual seria o resultado? Que livros o público irá requisitar? A imprensa favorecerá uma literatura nova? Para responder a essas questões, para os autores é importante não perder de vista que, desde a origem, impressores e livreiros trabalham essencialmente com fins lucrativos. Assim, só aceitariam financiar uma obra apenas se se sentirem seguros de poder vender um número razoável de exemplares a um preço razoável (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 346). A imprensa então teve como efeito imediato “difundir ainda mais os textos que já haviam tido grande sucesso enquanto manuscritos, mergulhando frequentemente outros no esquecimento”, realizando assim uma obra de “amplificação ao mesmo tempo que de seleção” (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 346). Dessa forma, um dos primeiros efeitos da imprensa foi multiplicar as obras de piedade popular, atestando a profundidade do sentimento religioso dos homens da segunda metade do século XV (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 350).

Também não houve progresso imediato no campo científico. Apenas uma parcela da produção impressa, aproximadamente uma décima, era composta de textos científicos (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 356). Resta saber quais. De acordo com dados apresentados pelos autores, apesar de o número de autores impressos aumentar a cada ano, a maioria dos escritos quase não interessava do ponto de vista científico. O que dominava era a astrologia prática. E mais:

Nessas condições, que ninguém se espante se a narrativa das viagens de Marco Polo, o texto geográfico mais interessante da Idade Média, só é reimpresso quatro vezes antes de 1500, e excita bem menos interesse que as mentiras contidas na coleção das viagens de Mandeville: portanto, há falta total de espírito crítico, pelo menos a nosso ver. Mas, afinal de contas, não é assim em todas as épocas? (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 358).

Nesse sentido, as conclusões a que os autores chegam acerca das consequências da nova técnica de reprodução de textos são as seguintes: a imprensa não provoca nenhuma transformação súbita, e a cultura do tempo quase não parece mudada à primeira vista; uma seleção de obras foi feita por livreiros preocupados em realizar ganhos e escoar sua produção, procurando obras suscetíveis de interessar o maior número de leitores. Assim, o aparecimento da imprensa pode ser considerado como uma etapa em direção ao aparecimento de uma

“civilização de massa e de standardização” (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 359). Essa seleção implicou também o desaparecimento de algumas formas literárias, como a maioria das poesias rimadas da literatura dos goliardos, que às vezes eram impressas no final de um livro para preencher uma página em branco (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 360). Enquanto os homens da Idade Média não se preocupavam em pôr um nome em uma obra, os impressores serão naturalmente levados a procurar o verdadeiro autor das obras que imprimem – às vezes também a inventá-los. Tornar um nome conhecido era um estímulo precioso para a impressão, e, segundo Febvre e Martin, um indício de um tempo novo, “aquele em que os artistas assinarão suas obras e os escritores também – em que pouco a pouco, a ‘profissão de autor’ tomará nova forma” (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 361).

Sem dúvida, a imprensa facilitou o trabalho dos sábios em certos domínios. Mas, para Febvre e Martin (2017), no total, ela não contribuiu para precipitar a adoção de teorias ou de novos conhecimentos. “Ao contrário, vulgarizando certas noções havia muito tempo adquiridas, consolidando velhos preconceitos – ou erros sedutores – ela parece ter oposto uma força de inércia a muitas novidades” (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 381). Confiava-se com frequência mais na autoridade da tradição sem levar em conta descobertas contemporâneas. E, assim, relativizam a função do livro no nascimento e difusão da Reforma Protestante. Declaram: “E nós não temos evidentemente a ridícula pretensão de mostrar que a Reforma é filha da imprensa. Um livro só talvez nunca tenha convencido ninguém” (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 395). Porém, o livro como prova material – ou forma expressiva, como nos fala McKenzie (1999) – desempenhou um papel essencial no século XVI, no desenvolvimento do protestantismo.

Mas se ele não convence, o livro é em todo caso a prova tangível da convicção, que ele materializa por sua posse; ele também fornece argumentos àqueles que já estão convencidos, permite-lhes aprofundar e precisar sua fé, dá-lhes os elementos que os ajudarão a triunfar nas discussões, a reunir os hesitantes (FEBVRE; MARTIN, 2017, p. 395).

Assim, os autores refutam as armadilhas de reproduzir o entendimento de relacionar a Reforma Protestante à imprensa, tese examinada minuciosamente por Elizabeth Eisenstein (1979). A autora critica a abordagem dos franceses, pois para ela tratar a invenção de Gutenberg em um contexto de mudança social é “perder a oportunidade de entender as forças principais que moldaram a mente moderna” (EISENSTEIN, 1979, p. 25).¹⁹ Verificamos, assim, que a imprensa também é entendida por Eisenstein (1979) como um elemento

¹⁹ [...] *miss the chance of understanding the main forces that have shaped the modern mind.*

revolucionário que propiciou mudanças significativas para o homem moderno. É possível perceber em seu discurso relações entre a mídia e a mente humana, apontada por McCutcheon (2005).

Neste trabalho, porém, importa mais a contribuição dos autores franceses em ver o livro como uma mercadoria, dentro de um contexto social e econômico, submetida às regras de produção do mundo do trabalho e do comércio. Por vezes, são essas estruturas do capitalismo moderno que promovem mudanças que se valem da tecnologia para impulsioná-las. Um exemplo é a seleção de obras a serem impressas. Alguns paralelos podem ser traçados em relação à multiplicação do escrito pela imprensa e sua intensificação pela transmissão eletrônica de textos.

1.7 Leitura no digital: retorno ou inovação?

Nesta seção, veremos como os textos digitais são entendidos tomando como referência os principais historiadores e estudiosos do livro. O propósito é tensionar essas visões à luz da perspectiva evolucionista criticada por McCutcheon (2015).

Cavallo & Chartier (1998) acreditam que a transmissão eletrônica de textos e as maneiras de ler que ela impõe indicam uma “revolução” da leitura, a partir do final do século XX. A nova representação do escrito modificaria a noção de contexto, em que diversos textos estão presentes em um mesmo objeto (livro, revista ou jornal na tela do computador). Outro aspecto novo é a “materialidade” das obras, quebrando o elo físico que existia entre o objeto impresso (ou manuscrito) e o texto que ele veicula, “dando ao leitor, e não mais ao autor ou editor, o domínio sobre o contorno ou a aparência do texto que ele faz aparecer na tela” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 30).

A configuração de leitura em que o texto aparece aos poucos na tela está presente em quase todos os atuais dispositivos midiáticos destinados à leitura – dos PCs aos tablets e smartphones – e alguns autores do livro e da leitura traçaram comparações entre esse modo de leitura com algo da postura dos antigos leitores de rolo. Para Barbier (2005), “em seu fundamento, a leitura do *volumen* é muito similar a do computador, com a tela correspondendo à passagem do texto desenrolado aos olhos do leitor” (BARBIER, 2005, p. 25).²⁰ Manguel (2006) destaca a noção de conjunto que o leitor do códice possuía em comparação ao leitor do rolo e, atualmente, das telas.

²⁰ *En su fundamento, la lectura del volumen es muy similar a la del ordenador, con la pantalla que se corresponde con pasaje de texto desenrollado a ojos del lector.*

Os desajeitados rolos possuíam uma superfície limitada – desvantagem da qual temos hoje aguda consciência, ao voltar a esse antigo formato de livro em nossas telas de computador, que revelam apenas uma parte do texto de cada vez, à medida que “rolamos” para cima ou para baixo. O códice, por outro lado, permitia que o leitor pulasse rapidamente para outras páginas e assim retivesse um sentimento de totalidade – sentimento composto pelo fato de que em geral o texto inteiro permanecia nas mãos dele durante toda a leitura (MANGUEL, 2006, p. 151).

Em sua fala, Manguel (2006) deixa transparecer certo descontentamento quanto à volta de um formato de livro antigo, o rolo. Fischer (2005) também destaca que hoje o “enrolar” retorna de cima para baixo e que “a tela do computador altera as percepções modernas referentes à leitura” (FISCHER, 2005, p. 79). Cavallo & Chartier (1998) também notaram semelhanças. No computador, o texto se desenrola verticalmente e é dotado de referências próprias do códice, como a paginação, índice, tabelas, etc. Há, então, um cruzamento das duas lógicas – a do *volumen* e a do códice – que “indica claramente que está estabelecida uma relação totalmente original e inédita com o texto” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 30). Por conseguinte, essa transformação do suporte do escrito obriga o leitor a novos gestos e novas práticas intelectuais.

Do codex à tela, o passo é tão importante quanto o que foi dado ao passar do rolo ao codex. Com ele, é a ordem dos livros que foi dos homens e das mulheres do Ocidente desde os primeiros séculos da era cristã que está em causa. São assim afirmadas ou impostas novas maneiras de ler que ainda não foram possíveis de caracterizar totalmente mas que, sem a menor dúvida, implicam práticas de leitura sem precedentes (CAVALLO; CHARTIER; 1998, p. 32).

Em suma, os autores julgam que a tecnologia promove novas práticas de leitura e que a informática, em especial, proporciona práticas de leitura inovadoras, embora admitam que sua configuração lembre um pouco a leitura em rolo.

Simões (2008, p. 15) diferencia leituras do passado e do presente. Ele afirma que no passado a leitura era predominantemente feita em voz alta e a leitura silenciosa, ao ser “descoberta”, trouxe à prática mudanças marcantes. De modo similar, para Simões, a prática de leitura hoje em textos eletrônicos seria caracterizada pela “não linearidade e pela fragmentação face ao enorme volume de informação, contrapondo-se à leitura caracteristicamente linear de períodos anteriores” (SIMÕES, 2008, p. 15). Ele diz ainda que, em tempos antigos, havia uma atitude mais contemplativa do leitor, e que “em tempos recentes, o potencial de interação com o texto é muito maior, dados os recursos hipermidiáticos disponíveis” (SIMÕES, 2008, p. 15).

Não compartilhamos dessa visão, pois, como vimos, o caráter “interativo” de um texto depende na verdade do leitor, que se apropria do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural (CERTEAU, 1998), ignora, desloca ou subverte estruturas que

controlam a leitura (CHARTIER, 1999). E isso se mostra verdadeiro para qualquer tipo de leitura, seja no digital, no impresso, no manuscrito. McKenzie (1999, p. 19) também diz que cada leitura é peculiar a sua ocasião, recuperável por meio de sua forma física. Portanto, a afirmação de que “as mídias eletrônicas permitem uma interação sem precedentes do leitor com o texto, possibilitando o surgimento de novas práticas de leitura” (SIMÕES, 2008, p. 16) é questionável. Também acreditamos que termos como “linearidade” e “não linearidade” não são adequados para se pensar a leitura, pois nada em si mesmo é linear ou não linear – seja manuscrito, impresso ou eletrônico –, conforme demonstrado por Gonçalves e Barbosa (2015, p. 710).

Além disso, muito dessa visão parece estar em consonância com uma abordagem evolucionista da história do livro, criticada por McCutcheon (2015), em que cada novo suporte proporciona novas práticas de leitura. Observa-se que tal abordagem ainda embasa muitas afirmações sobre o presente e o futuro da leitura.

1.8 O livro eletrônico nos anos 2000

Afastando-se um pouco da abordagem histórica, discutiremos nesta seção algumas questões referentes à materialidade do livro eletrônico e tomaremos como norte o texto de Bolter (2001), que refletiu sobre pontos pertinentes à época do aparecimento do livro eletrônico no início do século XXI.

Para Bolter (2001, p. 77), ao longo da história do livro, as culturas ocidentais fizeram escolhas a fim de “corporificar” o texto escrito com formas tecnológicas variadas. Bolter (2001, p. 77) defende que essas escolhas afetaram a organização, o estilo, os gêneros de escrita, assim como nossas expectativas enquanto escritores e leitores. Para o autor, a unidade física da tecnologia da escrita nos ajudou a definir a unidade conceitual – o que vem a ser visto como um volume (BOLTER, 2001, p. 77). O autor examina ainda na história que chamou de “senso de fechamento”,²¹ que pertenceu ao formato códice e que foi disseminado pela imprensa (BOLTER, 2001, p. 79). Para ele, ao reformular o livro para o meio digital, estaríamos diminuindo esse senso de fechamento.

Segundo ele, o códice, em contraposição ao rolo de papiro, foi mais efetivo em fechar, proteger e delimitar a escrita que ele continha. Para Bolter (2001, p. 77), o escritor ou o leitor foi encorajado a pensar no códice como “unidades de sentido, uma estrutura verbal completa”

²¹ “*sense of closing*”.

(BOLTER, 2001, p. 77),²² algo que o rolo de papiro não encorajava. A *Ilíada*, por exemplo, ocupava vários rolos com livros individuais; com o surgimento do códice, os livros foram reunidos e reinterpretados como “capítulos” (FISCHER, 2006, p. 44). Alguns séculos após a invenção e difusão da imprensa, a página impressa se tornou a “corporificação física, a encarnação, do texto que ela continha” (BOLTER, 2001, p. 79).²³ A palavra “encarnação” não é uma metáfora forte na opinião de Bolter (2001, p. 79), pois a cultura ocidental tem a tendência de antropomorfizar os livros. Vemos os livros com um nome (título), um lugar (biblioteca ou local de publicação), uma voz (do autor), uma vida bibliográfica própria (publicação). Com as máquinas de impressão modernas, cada livro pôde ter uma capa e uma encadernação própria, assim cada livro tinha uma identidade (BOLTER, 2001, p. 79). Tal tendência também foi apontada por McCutcheon (2015, p. 18).

Os computadores portáteis se apresentaram no início como livros novos e melhorados – a referência aparece na própria palavra *notebook* (BOLTER, 2001, p. 79). Esses computadores seriam “livros híbridos”, nos quais poderíamos ler, escrever textos e processar informação numérica. Tais híbridos operam contra esse senso de fechamento, pois tanto na forma quanto na função eles fazem referência a outros textos, dispositivos e formas de mídias (BOLTER, 2001, p. 79).

Ao descrever um dos primeiros leitores eletrônicos portáteis, o Rocket eBook, lançado em 1998, Bolter (2001, p. 80) afirma que o livro eletrônico se apropria e reformula muitas das propriedades físicas do livro tradicional, além de sua “interface”. Como os recentes dispositivos de leitura, o Rocket eBook era leve e fácil de carregar, permitia anotar nas margens e sublinhar passagens. Diferente dos computadores, o objeto tentou imitar a presença física do códice. E prometeu uma experiência mais imediata, completa e autêntica para o leitor (BOLTER, 2001, p. 80). O autor destaca duas importantes inovações: a presença de hipertextos ao longo do texto, o que tornava o texto imediatamente disponível de uma forma diferente das edições impressas; e a possibilidade de acessar “um mundo de livros na palma da mão” (BOLTER, 2001, p. 81).²⁴ O acesso à internet tornava disponível um crescente número de materiais textuais online. Dessa forma, o livro eletrônico não era apenas um dispositivo isolado, mas também “um portal que conduzia o leitor ao ciberespaço” (BOLTER, 2001, p. 81).²⁵ Em 2001, Bolter já previa que a maioria de nossos aparelhos informáticos

²² [...] *unit of meaning, a complete verbal structure.*

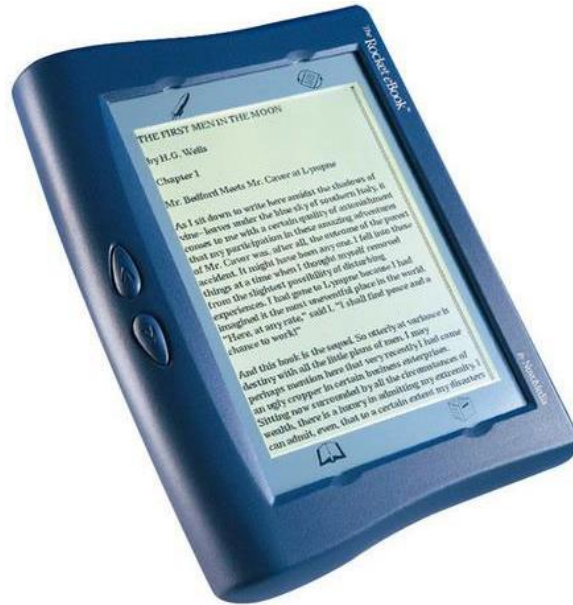
²³ [...] *physical embodiment, the incarnation, of the text it contains.*

²⁴ [...] *a world of books in the palm of your hand.*

²⁵ [...] *a portal that leads the reader into cyberspace.*

seriam conectados à rede pelo menos para receber ou enviar informações, podendo ser desconectados por períodos de uso pessoal (BOLTER, 2001, p. 81).

Figura 1 - Rocket eBook, o primeiro leitor eletrônico.



Fonte: Kozlowski, 2018.

Dessa forma, viveríamos em uma ambivalência em termos de formas fechadas. Permanecemos sob a influência da tradição impressa e sua definição de fechamento. Os livros eletrônicos possuem a aparência de formas fechadas e, enquanto tecnologias móveis, afirmam sua identidade física tão forte quanto os volumes em brochuras (BOLTER, 2001, p. 81).

Para Bolter (2001, p. 81) é a possibilidade de acesso à Internet que vai de encontro à identidade separada das formas de livros eletrônicos e seu conteúdo. Com o acesso ao ciberespaço, os livros eletrônicos se tornam “estruturas que alcançam outras estruturas, não apenas metaforicamente como os livros impressos, mas também operacionalmente” (BOLTER, 2001, p. 81).²⁶ O livro eletrônico, em qualquer dispositivo, não se junta a outros livros em uma estante, lombada a lombada, mas antes se mistura na rede da World Wide Web, e passa a ser um convite à exploração como parte de uma rede de textos. Essa abertura, segundo Bolter, reflete nosso desejo de conceber a escrita em ruptura com as distinções tradicionais entre livro e outras formas de conteúdo mais amplas como a enciclopédia e a biblioteca (BOLTER, 2001, p. 81).

²⁶ [...] information structures that reach out to others structures, not only metaphorically, as printed books did, but also operationally.

Quando lemos um livro no celular, podemos observar semelhanças e diferenças em relação aos leitores eletrônicos (*e-readers*). Um aspecto é a materialidade do suporte. Bolter (2001) utiliza o termo “livro eletrônico” para designar o objeto (Rocket eBook) usado para acessar outros livros. No entanto, hoje o livro digital ou eletrônico é considerado como um arquivo digital contendo informações (não somente texto) que pode ser acessado por múltiplas plataformas digitais. Ao se pensar nos livros lidos em celular, há particularidades materiais que afetam a experiência de leitura. Em relação aos *e-readers*, os celulares não possuem formatos físicos que lembram o livro impresso; sua criação esteve relacionada à comunicação por voz. Em relação à conectividade, os atuais smartphones acessam a Internet facilmente e convidam o usuário a acessar textos outros, contribuindo para solapar o “senso de fechamento” que o códice proporcionara, segundo Bolter (2001).

Em seguida, analisaremos algumas particularidades relacionadas ao Kindle da Amazon, como um caso bem-sucedido e popular entre os aparelhos leitores de livros digitais, a partir do conceito de remediação, defendida por Bolter e Grusin (2000).

1.9 Kindle: a versão melhorada do livro impresso

Ao estudar as mídias digitais, o conceito de remediação é, em geral, lembrado. Bolter e Grusin (2000) definem remediação como a representação de um meio em outro meio. E a remediação é a “característica definidora da nova mídia digital” (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 45).²⁷ Sem entrar em detalhes acerca do conceito – se é de fato algo novo –, a contribuição dos autores para este estudo se dá ao entender como as mídias digitais a partir da informática representam mídias outras, no caso desta pesquisa, o livro impresso.

As mídias que surgem se apresentam como versões reformuladas e melhoradas de outras mídias anteriores (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 15). Nessa perspectiva, o que haveria de novo na nova mídia digital? Para os autores, devemos entender as novas mídias visuais pelas formas como honram, rivalizam ou revisam a pintura, fotografia, o cinema, a televisão e a imprensa (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 15). E é um caminho duplo:

Nenhum meio hoje, e com certeza nenhum evento midiático único, parece fazer sua obra cultural isolado de outras mídias, nem atua isolado de outras forças sociais e econômicas. O que há de novo sobre as novas mídias são as maneiras particulares nas quais elas reformulam as mídias antigas e as maneiras pelas quais a mídias

²⁷ [...] a defining characteristic of the new digital media.

antigas se reformulam para responder aos desafios da nova mídia (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 15).²⁸

Podemos notar a maneira peculiar pela qual o computador representa outras mídias. Muitas vezes, outro meio é enfatizado e representado em formato digital sem qualquer crítica aparente. Quando acessamos um texto pelo computador – ou por extensão do termo, nos dispositivos eletrônicos móveis atuais como o celular – é vendida a ideia de que se trata de apenas um novo meio de ganhar acesso a um material já existente, “como se o conteúdo de uma mídia antiga pudesse ser simplesmente despejado na nova” (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 45).²⁹ Segundo os autores, a mídia digital pretende ser transparente³⁰ ao conceder acesso a uma mídia anterior.

O meio digital quer se apagar, para que o espectador fique no mesmo relacionamento com o conteúdo como se estivesse sendo confrontado com o meio original. No plano ideal, não deveria haver nenhuma diferença entre a experiência de ver um quadro ao vivo e na tela de computador, mas nunca é assim (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 45).³¹

Nunca é assim também no caso do livro eletrônico em celulares. Tomaremos algumas campanhas da Amazon para seu aplicativo e leitor eletrônico Kindle para exemplificar como se dá essa “venda” da mídia digital como sendo “apenas” um meio para acessar outras mídias – ou “conteúdos”.

Ao promover o aplicativo Kindle – que pode ser acessado em qualquer dispositivo, de celulares a *laptops* –, lemos a frase “Buy Once, Read Everywhere” [“Compre Uma Vez, Leia em Qualquer Lugar”, em tradução livre] acima de uma foto com sete aparelhos diferentes. O slogan também sintetiza a possibilidade de ler a qualquer hora e em qualquer lugar, ou seja, uma leitura 24/7, que é vendida como um benefício.

²⁸ *No medium today, and certainly no single media event, seems to do its cultural work in isolation from other media, any more than it works in isolation from other social and economic forces. What is new about new media comes from the particular ways in which they refashion older media and the ways in which older media refashion themselves to answer the challenges of new media.*

²⁹ *[...] as if the content of the older media could simply be poured into the new one.*

³⁰ Essa busca por transparência, porém, não é uma característica única das mídias digitais. Segundo os próprios autores, essa ideia está presente na questão de “imedição”. A imedição dita que o próprio meio deve desaparecer e nos deixar na presença da coisa representada (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 45).

³¹ *The digital medium wants to erase itself, so that the viewer stands in the same relationship to the content as she would if she were confronting the original medium. Ideally, there should be no difference between the experience of seeing a painting in person and on the computer screen, but this is never so.*

Figura 2 - Campanha do Kindle da Amazon.com veiculada em 2011

Buy Once, Read Everywhere

Read on your Kindle, PC, Mac, iPhone, iPad, BlackBerry or Android phone with our Free Reading Apps. Move seamlessly between them with Whispersync.

Kindle Kindle for BlackBerry Kindle for PC Kindle for Android Kindle for Mac Kindle for iPad & iPhone

Shop \$9.99 Kindle Bestsellers
Buy a Kindle Amazon's #1 bestseller

Fonte: Spoon, 2011.

Em outra peça direcionada a crianças, lê-se “It is not screen time. It is book time” [“Não é hora da tela. É hora do livro”, em tradução livre] acima de fotos com crianças lendo no Kindle.

Figura 3 - Página da Amazon.com voltada para crianças (ainda no ar).

G FINDS ON AMAZON EXPLORE

Recommended For You Today's Deals Gift Cards Registry Sell Help

Prime Reading Best Sellers & More Kindle Book Deals Free Reading Apps Kindle Singles Newsstand Accessories Content and Devices Kindle Support Advanced Search

kindle for kids bundle

It's not screen time—
it's book time

Kids Enjoy Good Screen Time

Fewer Distractions, More Reading
Kindle is designed for reading, which means zero distractions for kids so that they can lose themselves in a good book.

Holds Thousands of Books
Lighten already heavy backpacks so kids never have to be without a favorite book.

Parent-Friendly Features
Kindle FreeTime provides parents with the ability to set reading goals for their child and track their progress.

Power Up Their Vocabulary
Features like Word Wise and Vocabulary Builder support real-time vocabulary development.

Borrow Books from Your Public Library
More than 11,000 libraries in the United States offer Public Library Books for Kindle through their websites.

[Shop Kindle for Kids Bundle](#)

Fonte: Amazon.

Em ambos os exemplos, vemos a ideia de transparência do meio presente – à escolha do consumidor – aliada a uma melhoria da mídia anterior: a possibilidade de estar em “todos os lugares”. No caso da peça infantil, ao negar que o Kindle possui uma tela (em geral associada a jogos e vídeos infantis), evoca-se a relação entre conteúdo e suporte, aspecto relevante para os atuais dispositivos de leitura. Há também a menção à palavra “livro” no sentido de narrativas e aventuras, deslocando-se assim o conteúdo de sua materialidade, o livro impresso. Veremos que este dado será citado nas entrevistas quando perguntamos sobre os sentidos do livro hoje para os leitores de livros digitais em telefones celulares.

Na próxima seção, investigaremos questões relativas à tecnologia dos telefones celulares e a possibilidade de leitura de livros nesses aparelhos.

1.10 O livro no celular

Ler em celulares é tecnicamente possível desde 1990, com o SMS (Short Message Service). O SMS provocou uma onda de inovações centrada na comunicação por texto, na língua, na leitura e na forma de escrever (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 105). Um interessante resultado desse uso dos celulares foram os romances para celular no Japão, conhecidos como *keitai* – ficções epistolares, episódicas e seriadas com o limite de 160 caracteres do SMS. Iniciado nos anos 2000, os romances de celular formaram um nicho de mercado no Japão e muitas histórias de sucesso foram remediadas e adaptadas para filmes, mangás e animes (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 105).

Figura 4 - Imagem celebrando os 20 anos da primeira mensagem SMS.



Fonte: BBC. 2012.

Figura 5 - O romance do escritor Yume-Hotaru escrito em celular e publicado em livro impresso posteriormente.



Fonte: Farrar, 2009.

É interessante notar que esse tipo de inovação textual ocorreu em um momento pré-smartphone. E, embora as companhias de telefones celulares já estudassem desde a década de 1990 formas de melhorar a legibilidade do texto em suas telas minúsculas, ler livros – em oposição a ler textos, mensagens, etc – parece nunca ter sido prioridade para esses aparelhos. Estavam reproduzidos no celular agenda de endereços e telefones, mapas, navegador de internet, mas não livros que também são tecnologias culturais. O panorama só começa a mudar com a invenção dos smartphones, tablets e leitores eletrônicos (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 104).

O surgimento do iPhone, em 2007, foi vital para transformar os telefones celulares em “dispositivos” móveis, amigáveis ao ato de ler, porém a leitura de livros não estava presente em sua divulgação inicialmente (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 112). A veiculação de notícias e de jornais era encorajada na nova plataforma, embora a ocorrência de notícias em celulares já estivesse em desenvolvimento desde a década de 1990 com alertas, informações, mensagens com manchetes, etc. (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 112). Embora a Apple tenha feito pouco ou nenhum esforço em promover a leitura de livros digitais em seu iPhone, em menos de dois anos do lançamento, o aparelho já competia com o Kindle e o Sony e-Reader. Quando empresa abriu a possibilidade de terceiros desenvolverem softwares através dos aplicativos por meio da App Store, vários softwares de leituras se tornaram disponíveis. Em 2009, o Google disponibilizou livros em domínio público por meio de um website responsivo para usuários de iPhone e

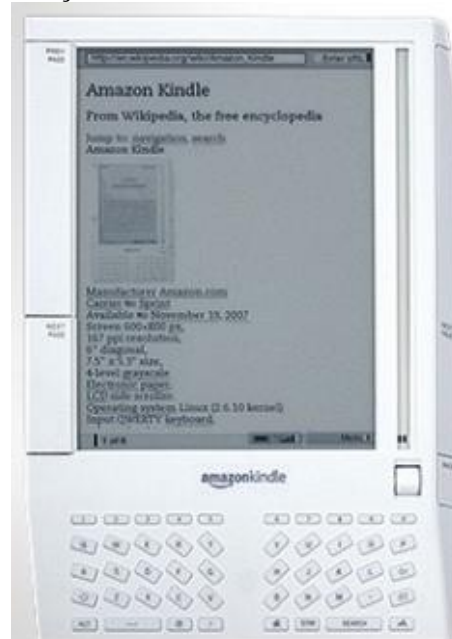
Android, com os leitores utilizando seus navegadores (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEAUX; KAVOORI, 2012, p. 113).

Figura 6 - Primeiro iPhone lançado em 2007.



Fonte: Dernbach, 2009.

Figura 7 - Primeiro Kindle lançado em 2007.



Fonte: Roberts, 2016.

Enquanto o iPhone se consolidava como um meio comum para muitos leitores em 2007, Jeff Bezos, fundador da Amazon, lançou o aparelho de leitura Kindle em novembro do

mesmo ano. Rapidamente adotado no mercado norte-americano, o Kindle acabou eclipsando o Sony e-Reader, tornando-se o primeiro *e-reader* dedicado à leitura a ganhar relevância no mercado de consumo (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 113). A popularidade do iPhone enquanto meio de leitura era tamanha que, contam os autores, a Amazon foi forçada a criar um aplicativo para o iPhone para que a Amazon estivesse representada na plataforma de Steve Jobs (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 113).

Os tablets – como o iPad lançado em 2010 – ofereciam mais espaço na tela do que um telefone celular. Para Goggin e Hamilton (2012), diferente do iPhone, o iPad não era uma invenção radicalmente nova – parecia muito com o Dynabook do final dos anos 1960. Desde o lançamento, a Apple promoveu a leitura como parte do aparelho, e Steve Jobs o considerava uma inovação revolucionária na leitura eletrônica (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 114).

Figura 8 - Primeiro iPad lançado em 2010.



Fonte: Brito, 2015.

Goggin e Hamilton concluem que a leitura de livros em plataformas móveis deve ser vista criticamente dentro de um amplo contexto de mídias móveis na longa história de tecnologias, em especial aquelas relacionadas a livros e mídias portáteis (In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 115). Assim, não se trata de um fenômeno novo, pois a leitura era possível desde finais da década de 1970 até 2007. A principal inovação foi a mensagem de texto e o entrecruzamento da leitura com outras práticas de mídias e comunicação (In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 115). Em contraste, o desenvolvimento de mídias móveis dedicadas à leitura como *e-readers* vem apenas depois e está circunscrito a uma

minoria. A “leitura móvel” – assim chamam os autores – começa a florescer de forma inesperada com o iPhone e, depois, com o iPad, um aparelho “que remete à junção entre mobilidade e mídia, possibilitada primeiramente por rolos, muros, monumentos, tábuas de pedra e, por fim, o códice revestido de cera” (In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 115).³²

Para eles, tais histórias oferecem recursos para a crítica e reflexão acerca do significado da leitura em mídias móveis e seu espaço em transformações sociais e culturais mais amplas, em que essas mídias estariam profundamente implicadas (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 115). Em vez de confabulações e mitos sobre as novas tecnologias, os autores preferem pensar no potencial das mídias móveis como “complemento” às muitas práticas de leitura que ocorrem em vários locais cotidianamente em uma vasta quantidade de mídias portáteis e móveis em todo o mundo (GOGGIN; HAMILTON In ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 115).

Em vez de sacralizar o códice ou idolatrar os formatos digitais, tal abordagem de historicizar os formatos presta-se mais aos objetivos desta pesquisa e permite o estabelecimento de aproximações insuspeitadas. Do mesmo modo, conforme vimos, em vez de pensar uma sequência linear de tipos de leitura (primeiro oralizada, depois silenciosa) acionada por inovações tecnológicas (separação de palavras, por exemplo), talvez valha mais a pena reconhecer que podemos ler de diferentes modos em um mesmo momento histórico. Vimos também que a leitura não se define exclusivamente pelas características materiais da tecnologia de apresentação de texto utilizada.

Levando em consideração a liberdade do leitor e a existência de outros elementos além do tecnológico influenciando a leitura de livros, observamos que há coexistências de práticas de leituras, principalmente em um momento de multiplicidade de suportes materiais para se ler um livro. É preciso também “desmonumentalizar” nossa percepção do livro impresso em formato códice para melhor compreendê-lo enquanto tecnologia cultural e um bem de consumo. Assim, teremos uma compreensão mais nuançada e complexa das leituras que fazemos em máquinas digitais de uso cotidiano, como o celular.

Nesse sentido, ao pensar a leitura no celular em uma perspectiva complementar a outras leituras, algumas questões específicas emergem: A conexão constante à internet afetaria a experiência do leitor? Qual o papel dos algoritmos em aplicativos de leitura? A relação entre o leitor e este novo objeto (o celular) é afetada? Quais são as diferenças de percepção entre os objetos celulares e livros? Essas questões serão tratadas no próximo capítulo que servirá para examinar a mídia celular e suas particularidades.

³² [...] a tablet device that fittingly harks back to the confluence of mobility and media first enabled by scrolls, walls, monuments, ancient stone tablets and eventually the wax-coated codex.

2 LEITURA E CELULARES

Não se pode consumir muita coisa, se se fica sentado lendo livros.

Admirável Mundo Novo, Aldous Huxley

Ler um livro em mídias digitais e ler um livro no papel são obviamente experiências distintas. Aspectos materiais, visuais e afetivos se fazem presentes no universo particular de cada leitor e podem ter um papel relevante na leitura. De igual modo, os modos de se pensar a tecnologia afetam o entendimento sobre a leitura em nossa época.

2.1 Livros conectados

Uma particularidade da leitura em telefones celulares do tipo smartphones é a conexão constante à rede mundial de computadores. Exploraremos esta característica a partir da contribuição de diferentes autores.

É lugar comum afirmar que vivemos em uma época sem precedentes em termos tecnológicos. Muitas dessas afirmações, porém, escondem certo otimismo em relação à tecnologia, muito em função das possibilidades trazidas pela internet. Porém, como lembra Tim Wu (2012, Introdução), a internet não foi a primeira tecnologia a mudar “tudo para sempre”. Houve uma sucessão de mídias abertas, mas cada qual em sua devida época tornou-se fechada e controlada por grandes indústrias. Segundo ele, a história nos mostra que cada invenção passa “por uma fase de novidade revolucionária e utopismo juvenil”, porém ao final todas ocuparam seu devido lugar na manutenção da estrutura social (WU, 2012, Introdução). Isso aconteceu com a imprensa, o rádio, o cinema e a televisão. Essa oscilação entre posturas abertas e fechadas seria um fenômeno típico das indústrias de informação, chamado pelo autor de o “Ciclo”.

Se hoje vivemos em uma sociedade da informação, o acesso a ela depende em grande parte da internet. Por meio da rede temos acesso a produtos culturais de diversos tipos, inclusive livros. Se a internet estiver sujeita ao Ciclo, como denomina Tim Wu (2012), já há sinais de que os tempos “abertos” estão terminando. No entanto, para nossa discussão, resta entender a gênese da noção de que cada novidade tecnológica acenderia a crença em um futuro melhor por meio de aperfeiçoamentos nas comunicações. E como essa visão, que perpassa as mídias, notadamente as digitais, obteve influência nos estudos do livro e da leitura.

O aparecimento dos livros eletrônicos conectados à internet requeitou a ideia mítica da Biblioteca de Babel, uma biblioteca universal que reunisse todos os textos já escritos. Para Cavallo e Chartier (1998, p. 31), a era eletrônica permitiu a comunicação dos textos à distância, anulando a diferença entre o espaço do texto e o espaço do leitor. Os textos, separados de sua materialidade e de suas localizações, chegariam ao leitor em qualquer espaço ou mídia. Supondo que todos os textos fossem informatizados, a disponibilidade universal do patrimônio escrito – assinala-se, por meio da internet – seria possível.

Qualquer leitor, onde estiver, desde que se encontre diante de um aparelho de leitura conectado à rede que assegura a distribuição de documentos informatizados, poderá consultar, ler, estudar qualquer texto, não importa qual tenham sido sua forma e sua localização originais (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 32).

Com a internet, a distribuição de livros digitais seria assim tão acessível e certa a qualquer pessoa, como pensam os autores? Veremos que essa ideia pode estar subjacente à crença em um futuro melhor e tecnológico, construída ao longo do desenvolvimento da informática nos Estados Unidos, e como essa visão molda o entendimento acerca da mídia livro e da leitura, hoje cada vez mais acessível em diferentes dispositivos eletrônicos móveis. A possibilidade de ler em aparelhos eletrônicos de diferentes configurações é viável, porém ler em aparelhos eletrônicos não conectados à rede torna-se cada vez mais raro, tanto pela lógica material do aparelho quanto pelo atual contexto sociocultural de conexão 24 horas por dia.

Em anos recentes, muito das discussões sobre o livro foi acerca do futuro, se ele sobreviveria às novas possibilidades trazidas pela informática. Com a possibilidade de ler livros em várias telas, a discussão sobre o futuro da leitura passa também pelo futuro da tecnologia, notadamente as digitais.

2.2 A informática e a utopia tecnológica

Para entender melhor como pensam as empresas de tecnologia do Vale do Silício, entre elas a Apple, fundadora do smartphone, recorreremos ao recorte histórico feito pelo cientista político Richard Barbrook (2009), que analisou como se deu a defesa acrítica de velhas visões sobre o futuro nos Estados Unidos, principalmente um futuro baseado em uma economia de alta tecnologia. Essa análise servirá para entendermos o contexto do surgimento de empresas de tecnologia da informação, em especial, a Apple e a Amazon, companhias protagonistas na conexão entre livros e celulares.

Na Feira Mundial de Nova York em 1964 (também conhecida como Expo 64), a IBM fez uma demonstração multimídia que relacionava seus computadores *mainframe* ao desenvolvimento da inteligência artificial. A mensagem era clara: a corporação era muito mais do que somente uma operação comercial (BARBROOK, 2009, p. 49). Assim, ao lado de foguetes espaciais e de reatores nucleares, o computador confirmava seu lugar na imaginação do público como um dos três ícones da tecnologia dos Estados Unidos moderno (BARBROOK, 2009, p. 51). Para o autor inglês, a identificação de novas tecnologias – foguetes, televisores, videofones e, sobretudo, o computador – com o futuro imaginário foi o fio condutor de exposições internacionais durante mais de um século (BARBROOK, 2009, p. 53).

Em oposição à energia nuclear e às viagens espaciais, a computação foi uma tecnologia da Guerra Fria que escapou da Guerra Fria com sucesso, segundo Barbrook (2009, p. 93). A partir dos anos 1940, a IBM desenvolveu computadores para o mercado corporativo, e sua difusão foi encorajada pela crescente burocratização tanto das forças armadas quanto da economia. “O que se originou como uma arma de Guerra rapidamente evoluiu em uma tecnologia com múltiplas aplicações comerciais” (BARBROOK, 2009, p. 93). A introdução de computadores nos locais de trabalho veio atender a uma demanda crescente por aumentar a produtividade nesses ambientes, motivada pela consolidação de grandes corporações que se tornaram instituições dominantes da economia estadunidense durante a primeira metade do século XX (BARBROOK, 2009, p. 94). Nota-se que a popularização dos telefones celulares, assim como do *personal computer* no final do século XX, também serviu para aumentar a produtividade do trabalhador mesmo em seu ambiente doméstico, borrando ainda mais as fronteiras entre trabalho e lazer.

Em 1964, o popular *Os meios de comunicação como extensões do homem* de McLuhan foi publicado. Ao contrário da maioria dos acadêmicos, McLuhan escrevia para um público não especialista e rejeitava convenções típicas da academia. Para Barbrook, o livro do professor canadense “fez da teoria social algo divertido de se ler” (BARBROOK, 2009, p. 109). A visão utópica de unidade mundial trazida pela tecnologia foi condensada na expressão “aldeia global”, como se o ritmo veloz de inovação tecnológica trouxesse paz e prosperidade para todos. Ironicamente, McLuhan era mais pessimista do que admitia em seus escritos, mas a versão que ganhou popularidade foi a interpretação otimista da análise e que deu origem a uma posição ideológica bem distinta: o mcluhanismo (BARBROOK, 2009, p. 115-116). De acordo com essa nova ortodoxia, a história humana foi uma sucessão de sistemas cibernéticos criados a partir da retroalimentação de diferentes tipos de mídia, chamado por Barbrook de

“fetichismo tecnológico”. E todo salto na evolução social foi identificado com a invenção de um novo tipo de mídia (BARBROOK, 2009, p. 115-116). Assim, não é surpreendente que, com o surgimento da internet anos mais tarde, a nova invenção se configurasse por esse prisma.

O mcluhanismo foi identificado, sobretudo, com essa previsão de que a Internet criaria o novo – e muito melhor – sistema social da aldeia global. Sob seu novo arranjo sensorial, os males da Galáxia de Gutenberg que afligiam a humanidade por gerações – guerra, egoísmo e exploração – desapareceriam. A chegada iminente da Internet significava que as pessoas em breve viveriam, pensariam e trabalhariam numa civilização pacífica, igualitária e participativa (BARBROOK, 2009, p. 116).

No começo dos anos 1960, o mcluhanismo ocupou um papel de destaque para a Esquerda da Guerra Fria nos Estados Unidos, que rejeitava o pensamento marxista e via o socialismo como uma “importação exótica do estrangeiro” (BARBROOK, 2009, p. 199). Assim como Marx, McLuhan também previu que o próximo estágio da modernidade varreria para longe as manifestações mais desagradáveis do capitalismo: rivalidades nacionais, exploração industrial e alienação social. Semelhante ao comunismo do proletariado, paz, prosperidade e harmonia reinariam na aldeia global. Segundo Barbrook (2009, p. 204), o determinismo tecnológico era interessante para a Esquerda da Guerra Fria, na medida em que descarta o papel de decisão do ser humano dentro da evolução social, elevando a máquina a sujeito da história.

No final dos anos 1960, a Nova Esquerda forjou sua identidade por meio da rejeição a diversas crenças da Esquerda da Guerra Fria. A Nova Esquerda prefiguraria a democracia participativa e a criatividade cooperativa dentro de suas organizações (BARBROOK, 2009, p. 328). Por ser participativa, coletiva e intuitiva, a contracultura hippie tornou-se a personificação da aldeia global. A Nova Esquerda rejeitou as ideologias precedentes, exceto uma: o mcluhanismo (BARBROOK, 2009, p. 329).

Com a ascensão do neoliberalismo nos Estados Unidos, o conceito da sociedade da informação foi identificado com a nova ideologia do *laissez-faire*. Para Barbrook, o livro de Ithiel de Sola Pool, *Technologies of freedom*, publicado em 1983, sintetiza esse novo espírito. Em vez de construir uma ágora eletrônica, a convergência da mídia, das telecomunicações e da computação criava o mercado eletrônico. Todas as formas de informação – de filmes a videogames – poderiam ser negociadas como mercadorias pela internet. Todos poderiam ser empreendedores de mídia. As políticas do livre mercado eram a rota mais rápida para o futuro da alta tecnologia (BARBROOK, 2009, p. 348). No final dos anos 1980, George Gilder – ativista do Partido Republicano – proclamou as empresas de computadores do norte da

Califórnia como mensageiras do paraíso do livre mercado, e logo todo o setor da economia do país deveria ser reorganizado aos moldes do Vale do Silício (BARBROOK, 2009, p. 348).

A utopia da Nova Esquerda pela causa neoliberal foi chamada de “ideologia californiana” por Barbrook, traduzida principalmente na linha editorial da revista de tecnologia *Wired* nos anos 1990. A ideia é ignorar as liberdades coletivas desejadas pelos *hippies*, e identificar a internet com a liberdade dos indivíduos dentro de um mercado (BARBROOK, 2009, p. 351).

Os modernos celulares com acesso à internet hoje remetem à criação do iPhone da Apple, empresa do Vale do Silício que encarna exemplarmente a tal ideologia californiana – principalmente por seu fundador Steve Jobs – e que, de certa forma, pautou as demais. Aqui nos interessa entender essa ideologia no contexto dos atuais smartphones e sua influência no acesso a bens culturais, em especial, os livros.

2.3 Leitura 24/7

No dia 9 de janeiro de 2007, Steve Jobs estava diante de um público de milhares de pessoas – muitas que tinham que acampar para estar ali – para anunciar sua invenção mais importante desde o Macintosh da Apple, ou uma das invenções mais importantes do século XXI. Jobs começou falando que apresentaria três produtos: “um iPod de tela grande, com controles de toque; um revolucionário celular; um inovador dispositivo de comunicações pela internet” (*apud* WU, 2012, Cap. 20).

Figura 9 - O empreendedor hippie Steve Jobs apresenta o iPhone em 2007



Fonte: Agência Ansa, 2017.

A convergência de diferentes mídias foi a grande característica desse novo telefone. Um único objeto poderia funcionar como telefone, leitor de música, videogame, agenda, câmera fotográfica e, tudo isso, com a comodidade de acessar a internet. Essa última característica do novo objeto favoreceu o estado contemporâneo de conexão constante, talvez não causado pela tecnologia, mas, sem dúvida, facilitada pelos computadores pessoais e intensificada pelos smartphones. Em *24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono*, Jonathan Crary (2014) examinou o tempo nesta fase do capitalismo e nos ajuda a entender o contexto de aquisição e leitura de arquivos digitais atualmente.

A expressão inglesa 24/7 (24 horas por dia e sete dias por semana) dá conta do tempo no capitalismo atual, um tempo de indiferença, dentro do qual o sono não é necessário nem inevitável, e o trabalho ininterrupto torna-se plausível (CRARY, 2014, p. 11). Não é difícil imaginar como os celulares hoje se tornaram parte desse espírito, na medida em que aproximam trabalho e lazer.

Em relação ao consumo, a ausência de restrições não seria apenas de ordem temporal. Crary diz que a época de acumulação de coisas já passou e que agora nossos corpos e identidades assimilam uma superabundância de serviços, imagens, procedimentos e produtos químicos (CRARY, 2014, p. 11). Se na internet, o acesso a produtos culturais se reduz à aquisição de arquivos digitais, a lógica de menos objetos e mais serviços pode ser aplicada no caso dos livros digitais, visto apenas como um “conteúdo” a ser “acessado” por um aparelho, ideia que veremos mais claramente nas entrevistas deste trabalho.

O teórico estadunidense Jeremy Rifkin (2001) chamou essa reorganização comercial de “a era do acesso”, onde a propriedade é gradualmente substituída pelo acesso. Esse processo, chamado por alguns de “economia da experiência”, funcionaria com base no empréstimo, aluguel ou taxa de assinatura pelo uso, o que vemos acontecer no campo da cultura. “Vender acesso a experiências culturais é o testemunho do esforço determinado da esfera comercial em tornar todas as relações em relações comerciais” (RIFKIN, 2001, Cap. 1)³³ Serviços de assinatura de livros digitais como o Kindle Unlimited da Amazon ilustram essa reorganização econômica.

No entanto, anúncios de “novas eras” não são raros em tais ocasiões. Voltando a Crary (2014), trata-se de um dos pressupostos que são “tediosamente repetidos” acerca da cultura tecnológica atual. Além dos problemas básicos de certo *epocalismo* (GONÇALVES; CLAIR, 2007), uma consequência de representar a contemporaneidade global como uma nova era e

³³ [...] selling access to cultural experiences is testimony to the single-minded determination of the commercial sphere to make all relations commercial ones.

uma nova era “tecnológica” é a aparente inevitabilidade histórica atribuída a mudanças econômicas de larga escala (CRARY, 2014, p. 23). Essa concepção da mudança tecnológica enquanto processo semiautônomo se aproxima do tipo de determinismo tecnológico propagado extensivamente por empresas de tecnologia, a tal “ideologia californiana”, como defende Barbrook e Cameron (1996). Para Crary, a caracterização pseudo-histórica do presente como Era Digital, à semelhança de uma Idade do Bronze ou Era do Vapor, “perpetua a ilusão de uma coesão unificadora e duradoura entre os inúmeros e incomensuráveis elementos constitutivos da experiência contemporânea” (CRARY, 2014, p. 23).

Alegações de que os telefones celulares equipados com tela são revolucionários, como afirmou Steve Jobs, podem não se sustentar a um segundo olhar (WU, 2012, Cap. 20). A mobilidade, a miniaturização da tela e a capacidade de exibir dados e vídeos são argumentos que apostam na singularidade do aparelho na história. No entanto, para Crary (2014, p. 24), a relevância desse instrumento em particular terá vida curta. Seria mais útil entender o celular como “mais um elemento de um fluxo transitório de produtos compulsórios e descartáveis”, principalmente pela perspectiva do desenvolvimento de telas diferentes, interfaces com realidade aumentada e projeções que podem ser acopladas na região da cabeça do usuário, em que a tela virtual coincidirá com o campo de visão (CRARY, 2014, p. 24).

Seja qual for o aparelho ou aparelhos tecnológicos ao nosso dispor, seu uso torna-se familiar o suficiente a ponto de fazer parte do nosso cotidiano. Desse modo, as capacidades operacionais e de desempenho viram prioridades e ultrapassam a importância de qualquer coisa que possa ser considerada “conteúdo”. Assim, em vez de meio para um conjunto de fins, o aparelho seria um fim em si mesmo. Sua função é conduzir o usuário a realizar suas próprias tarefas de modo mais eficiente, sem que haja qualquer compensação ou pausa (CRARY, 2014, p. 26). Crary acrescenta que há certo prazer e prestígio associados à posse de tal aparelho, mas que inclui também uma consciência de que o objeto à mão está maculado desde o início pela transitoriedade e pela decadência (CRARY, 2014, p. 28). Pode-se ver que, mesmo com a alta frequência de substituição de celulares por novas versões, qualquer lançamento da Apple, por exemplo, ainda leva centenas a acamparem em frente às lojas da empresa.

A submissão a essas condições é quase irresistível por causa do temor ao fracasso social e econômico — o medo de ficar para trás, de ser considerado antiquado. Os ritmos do consumo tecnológico são inseparáveis das exigências de autoadministração contínua. Todo produto ou serviço novo se apresenta como essencial para a organização burocrática de nossas vidas, que estão repletas de um número crescente de rotinas e necessidades que não escolhemos (CRARY, 2014, p. 27).

Para leitores, essa tarefa de autoadministração em relação a suas leituras também passa por esses aparelhos. Sites como Skoob e Goodreads, redes sociais para amantes de livros, ganham popularidade não apenas para ler resenhas e estar em contato com outros leitores, mas também para organizar a própria biblioteca virtual, conforme demonstraremos em alguns relatos da pesquisa de campo deste trabalho. Trata-se de mais uma rotina a ser realizada no ambiente virtual.

Para Crary, a privatização e a compartimentação de nossas atividades nessa esfera podem sustentar a ilusão de sermos mais espertos do que o sistema; seria uma relação única, mais empreendedora e aparentemente menos comprometida. O mito do hacker solitário perpetua a fantasia de que na relação indivíduo/rede, o primeiro sairia ganhando. Na verdade, diz ele, “há uma uniformidade imposta e inescapável no nosso trabalho compulsório de autoadministração” (CRARY, 2014, p. 27). Como se sabe, uma das bases do sistema global de autorregulação, o neoliberalismo, é justamente a ilusão de escolha e autonomia (CRARY, 2014, p. 27).

O aparente entusiasmo com a possibilidade de compra ou download de milhares de livros virtuais esconde por trás de reivindicações de autonomia e liberdade do consumidor uma realidade de coleta de informações na rede. Por meio do rastreamento na internet – mas não somente nela – colaboramos passiva e muitas vezes voluntariamente para nossa própria vigilância e para coleta de nossos próprios dados. Segundo Crary (2014, p. 28), isso resulta em procedimentos mais sofisticados para intervenção sobre o comportamento individual e coletivo.

Compramos produtos que nos foram recomendados pelo monitoramento de nossas vidas eletrônicas, e voluntariamente deixamos feedbacks para outros a respeito do que compramos. Somos o sujeito obediente que se submete a todas as formas de invasão biométrica e de vigilância (CRARY, 2014, p. 33).

2.4 Algoritmos e vigilância

Nos celulares, a conexão à internet permite o acesso a livros de forma mais cômoda em comparação a ir a uma livraria. Mas como se dá essa escolha de títulos? Com a coleta de dados e monitoramento de nossas atividades online, os sistemas de recomendação estão sendo automatizados e funcionam por meio de complexas operações matemáticas.

No livro *Weapons of Math Destruction* [*Armas de destruição matemática*, em tradução livre], a cientista de dados Cathy O’Neil (2017) examinou as consequências do uso de

modelos matemáticos para analisar e prever o comportamento de uma grande quantidade de dados (Big Data), em especial, quando esses modelos são aplicados no campo social, como em sistemas de avaliação de professores em uma faculdade ou de combate ao crime em metrópoles. Ela demonstra que, apesar da aparente imparcialidade, os modelos matemáticos refletem objetivos e ideologia (O'NEIL, 2017, Cap. 1), principalmente os modelos de risco por suporem que o futuro não será diferente do passado (O'NEIL, 2017, Cap. 2). Trata-se de um alerta importante, visto que a utilização de algoritmos ganha cada vez mais espaço em todas as áreas da vida social.

O campo da publicidade online também funciona com bases nesses modelos, pois se especializa em recomendar produtos tendo como referência nossos dados de navegação na rede. Cada vez mais direcionado, os sistemas de recomendações se fazem presentes na busca de qualquer produto na internet. Argumenta-se que esse tipo de propaganda personalizada seria muito útil aos consumidores, pois, diferente de outros veículos de comunicação, os anúncios seriam relevantes (O'NEIL, 2017, Cap. 4). No entanto, nessas gigantescas bases de dados, os indivíduos são ranqueados, categorizados e recebem uma pontuação em centenas de modelos com base em suas preferências e padrões de comportamento. Isso proporciona campanhas publicitárias legítimas, mas também instiga outras mais predatórias. Anúncios que identificam pessoas com necessidades financeiras podem, por exemplo, oferecer promessas falsas e mais caras; faculdades podem cobrar preços diferentes de diferentes pessoas; se o computador está lento, um vírus pode ser inserido por um anúncio predador e fazê-lo comprar um antivírus. Por que buscar justamente tais pessoas? Ela responde: “a vulnerabilidade vale ouro. Sempre foi assim.” (O'NEIL, 2017, Cap. 4).³⁴

A Amazon, um dos principais varejistas online, vale-se de um sistema de recomendação bastante eficiente. Segundo O'Neil (2017, Cap. 4), seu algoritmo não funciona apenas estudando os endereços e o perfil de seus compradores. A companhia possui um laboratório de dados, onde se inspeciona toda a experiência do consumidor dentro do seu site: pessoas que compraram uma ou duas vezes no site e nunca mais voltaram; se tiveram problemas ao finalizar as compras; se postaram uma avaliação negativa, etc. (O'NEIL, 2017, Cap. 4). Como a loja também vende livros impressos e digitais, dados cada vez mais específicos do gosto pessoal do consumidor podem ser coletados ou até estimulados. O papel dos algoritmos de recomendação na construção do gosto tem sido examinado em outros

³⁴ *Vulnerability is worth gold. I always has been so.*

trabalhos, por exemplo, no caso de usuários do Spotify (DORDA, 2017) e do YouTube (DAVIDSON, 2010).

No caso dos livros digitais, além de dados de navegação que alimentam sistemas de recomendação, como o da Amazon apontado por O’Neil (2017), dados ainda mais específicos de leitura também podem ser coletados. Essas informações nunca foram confirmadas pela Amazon ou outra empresa semelhante, mas algumas reportagens (DRUM, 2012; GLENNVILLE, 2012; KASTE, 2010) sugerem que é bastante provável que isso aconteça. Os e-books podem ser lidos em tablets, laptops, *e-readers* e smartphones. A versatilidade de aparelhos – poder começar um livro no laptop e continuá-lo no celular – implica no uso de arquivos sincronizados com internet e ligados a uma conta de usuário na nuvem. Isso faz com que os hábitos de leituras sejam mais facilmente rastreados.

Mas que tipo de dados podem ser rastreados? Quanto tempo passamos em uma página; a última página lida; anotações, marcações e qualquer tipo de destaque; servidores localizados fora do país onde vive, segundo outra matéria (CAWLEY, 2015). Ao ser questionada sobre os dados, a representante do Kindle, Kinley Pearsall afirmou: “Pensamos nisso como uma inteligência coletiva de todas as pessoas lendo no Kindle.” (*apud* CAWLEY, 2015). Notam-se com frequência – principalmente em empresas de tecnologia – termos como “inteligência coletiva”, popularizada por Pierre Levy (2007), sendo usados para justificar qualquer ação, como se fosse algo intrinsecamente bom, o que se relaciona com a ideologia californiana examinada anteriormente.

A leitura de livros podendo ser feita facilmente por meios digitais com acesso à internet gera, portanto, a possibilidade de rastreamento por meio da coleta de dados para fins comerciais ou fins outros (os quais ainda não foram identificados totalmente). Outra característica enfatizada dessas mídias de leitura é, em geral, sua “mobilidade”. Discutiremos a seguir a pertinência deste conceito para as mídias digitais.

2.5 Mobilidade e celulares

Fala-se em “novas mídias”, referindo-se a smartphones, tablets e laptops, aparelhos louvados por, entre outros aspectos, sua “mobilidade”. Embora algumas formas específicas de mídias possam ser consideradas novas, a concepção de mobilidade não é algo recente, e refletiremos um pouco sobre termo neste tópico. Alguns autores remontam a noção de mobilidade aos tempos das sociedades orais.

As mídias móveis são, no mínimo, tão antigas quanto as superfícies (pedra, papiro, metal) que permitiam uma história ser carregada, e têm início até mesmo bem antes com a cultura oral – um sistema de mobilidade que permitiu, por exemplo, que o *Rigveda* (um épico hindu) fosse passado pela palavra da boca por pelo menos dois mil anos antes de ser formalizado em texto (ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 1).³⁵

Então, por que as atuais mídias móveis são celebradas como o que há de mais novo em termos de tecnologias de comunicação? Segundo Arceneaux e Kavoori (2012, p. 2), é possível perceber certo “otimismo agressivo” e até “expectativas utópicas” na mania por aplicativos e tecnologias móveis, que se assemelha em muito com crenças similares sobre a introdução de tecnologias anteriores, como o telégrafo. A novidade de fins do século XVIII foi criticada pelo escritor norte-americano Henry David Thoreau, que acreditava que o telégrafo iria “distrair nossa atenção de coisas sérias” (*apud* FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 18).³⁶

Para evitar tais afirmações, é importante olhar para as tecnologias móveis sob uma perspectiva crítica e histórica. Uma referência pertinente para “localizar” as mídias em seus contextos históricos está em Lisa Gitelman (2006). A autora enxerga as mídias como sujeitos históricos, isto é, com capacidade de agência, em contraposição a objetos históricos. Segundo a autora, todas as mídias já foram “novas” algum dia, e a maneira como olhamos para o período de novidade e de transição e como reagimos a diferentes mídias “podem nos dizer muito acerca da história das mídias e sobre as condições gerais pelas quais as mídias e a comunicação têm sido moldadas” (GILTEMAN, 2006, p. 1).³⁷ Versões diversas da história das mídias fazem a diferença para compreendê-las.

Mas o que seria historicizar as mídias? Seria uma história dos métodos ou das ideias da comunicação? Modos e hábitos de percepção? Escolhas políticas? Seria uma sequência de “eras” com rupturas, revoluções e mudanças de paradigmas? Ou uma história linear de progressos? Para Gilteman (2006, p. 1), respostas diferentes a essas perguntas sugerem projetos intelectuais diferentes. Em cada caso, trata-se mais de uma questão “sobre o que é importante e o que não é – sobre quem é significativo e quem não é” (GILTEMAN, 2006, p. 2).³⁸ Hoje, a historiadora da mídia vê prevalecer uma naturalização e “essencialização” das

³⁵ *Mobile medias are at least as old as the surfaces (stones, papyrus, metal) that allowed a story to be carried, and begins even earlier with oral culture – a system of mobility that, for example, allowed the Rigveda (a Hindu epic) to be passed on by word of mouth for at least two thousand years before it was formalized into text.*

³⁶ *[...] distract our attention from serious things.*

³⁷ *[...] stands to tell us much, both about the course of media history and about the broad conditions by which media and communication are and have been shaped.*

³⁸ *[...] what is important and what isn't— about who is significant and who isn't.*

mídias, isto é, ceder às mídias uma história, ou um protagonismo, que deveria ser dos humanos (GILTEMAN, 2006, p. 2).

Com frequência, os pontos cegos históricos embebidos nessa visão podem vir de uma tradição de determinismo tecnológico, caracterizado pela noção de que quando “uma nova tecnologia é introduzida ela reformula a sociedade à sua imagem” (LING; DONNER *apud* FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 10).³⁹ Nessa perspectiva, cada nova tecnologia toma a sociedade de assalto, sendo vista como um passo lógico em um caminho de progresso da humanidade. No entanto, é evidente que essa perspectiva tende a ignorar fatores culturais e históricos importantes na emergência de uma tecnologia. Daí a importância de traçar as origens das novas mídias e situá-las em seu contexto histórico e cultural. Discutimos este aspecto relacionado à mídia livro no capítulo anterior.

Em suma, mapear a história da mídia móvel não é simplesmente discutir como uma mídia deu lugar a outra mais nova. Antes devemos “colocar as mídias móveis dentro das culturas que as criaram, localizando momentos que abriram caminhos para que essas mídias assumissem o controle e se tornassem formas dominantes de mídias de comunicação e arte” (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 11).⁴⁰ Para o autor, uma característica comum entre as mídias móveis é como o modo de uso dessas tecnologias produziu transformações na nossa relação com o espaço social. Por algumas décadas, usávamos a Internet em computadores fixos a um local. A possibilidade de acessar a rede em dispositivos móveis fez com que usássemos informações de forma integrada com nossa localização, produzindo uma percepção renovada do espaço social (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 11). E mudanças culturais como essa também aconteceram no passado a partir de ferramentas móveis de escrita.

O papiro foi uma das primeiras formas de mídia móvel, suporte de origem egípcia e feito a partir de plantas. Em comparação a inscrições em pedras, que levavam muito tempo para serem produzidas, o uso de tintas em papiros permitiu um modo de escrita que acompanhasse melhor a velocidade do pensamento, dando mais flexibilidade e experimentação sobre o que poderia ser escrito (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 11). A velocidade de inscrição também acompanhou a velocidade e a distância de transmissão, já que as ideias escritas não mais estavam geograficamente restritas a um lugar específico (2012, p. 12). Não haveria mais necessidade de viajar de um lugar a outro para ter

³⁹ [...] *new technology is introduced it reformulates society in its image.*

⁴⁰ [...] *we are positioning mobile media within the cultures that create them, locating the moments that cleared the way for these media to take hold and become dominant media forms for communication and art.*

acesso às cavernas, monumentos ou paredes, pois o meio de escrita era mais leve e móvel. Para o autor, essa mudança é bastante similar à que estamos vivendo com os dispositivos informáticos móveis: o aumento da velocidade e da frequência de comunicação, o que altera nossa concepção de espaço social (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 12). Vale notar que o papiro não foi o único suporte móvel de escrita. Na Mesopotâmia, papiros eram raros e usavam-se tabuletas de argila com escritas cuneiformes que tinham o tamanho da palma de mão e traziam textos minúsculos (FISCHER, 2006, 16) – no formato, assemelham-se aos atuais smartphones.

Segundo Farman (2012, p. 12), a mobilidade andou em conjunto com uma série de mudanças políticas e culturais ao longo da história. A mobilidade das ideias foi facilitada pelos usos da prensa de Gutenberg, inventada nos anos 1440, meio usado para difundir a Reforma Protestante. No entanto, a Bíblia alemã não foi a principal mensageira do luteranismo. O movimento mantinha os tipógrafos ocupados com a produção em massa de panfletos, brochuras e volantes de páginas, a ponto de produzir uma “guerra de panfletos” (LYONS, 2011, p. 70). A imprensa, então, criou diferentes mídias móveis que poderiam ser transportadas para diversas cidades.

Para Farman (2012, p. 12), o aspecto mais revolucionário das mídias móveis é a capacidade de transformar espaços sociais. Assim como a imprensa, as mídias móveis com detecção de localização promovem mudanças culturais, a saber: a experiência de expansão desse espaço; o aumento da velocidade de transmissão; e um olhar transformado sobre a cultura local. O espaço se expande na medida em que as ideias se espalham por regiões distantes e se torna difícil estar em um lugar não afetado por outras culturas. Ao acelerar a velocidade de escrita que o papiro, o pincel e tinta proporcionaram, a imprensa permitiu que a reprodução de ideias se propagasse em um ritmo sem paralelo, pois um número massivo de cópias poderia ser feito com uma única prensa de tipos móveis (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 12). Por conseguinte, práticas culturais também são afetadas:

Conforme essas ideias se espalham rapidamente, influências interculturais afetam o espaço da vida cotidiana, alterando práticas comuns enquanto formas alternativas emergem, e também forçando uma reavaliação das práticas locais e crenças que foram enraizadas em tradições locais (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 12).⁴¹

⁴¹ *As these ideas spread rapidly, cross-cultural influences affected the space of every-day life, changing common practices as alternative forms emerged, and also forcing a reevaluation of the local practices and beliefs that had been ingrained into local traditions.*

Tais efeitos nas práticas culturais acontecem por causa dos usos da mídia móvel. Farman (2012, p. 13) cita o exemplo do relógio. Quando o relógio da torre foi replicado para o relógio de casa, para o relógio de bolso e, enfim, para o relógio de pulso, cada uma dessas mudanças alterou nossa relação com o espaço. O relógio já foi visto como instrumento de controle social, que suplantava a natureza de Deus com autoridades seculares. No século XIX, tecnologias como ferrovias e telégrafos contribuíram para tornar o mundo mais móvel. Ao viajar, as pessoas tinham que ajustar seus relógios continuamente para dar conta do horário local – algo não percebido antes de 1884 (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 13).

Dessa forma, as tecnologias móveis parecem promover uma tensão entre as noções de proximidade/intimidade e distância/alteridade em meio às transformações culturais que acompanham a expansão de tecnologias móveis (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 13). Um exemplo pode ser encontrado nas tecnologias móveis de som que foram usadas tanto para conectar pessoas (o senso de comunidade ao ouvir o rádio) quanto para encasular pessoas (ouvir música em iPod para que não tenha que interagir com o meio social) (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 13-14).

A mobilidade relacionada ao celular remonta à sua origem no início do século XX. Em 1910, o engenheiro elétrico sueco Lars Magnus Ericsson construiu o primeiro telefone móvel que funcionava dentro de um carro. Na terminologia atual, seria considerado um teleponto, pois não fazia uso de ondas de rádio. Portanto, nunca foi utilizado como modelo pela empresa LM Ericsson Telephone Company para os modernos telefones sem fios, mas tecnicamente serviu como o primeiro telefone “móvel”, acessível apenas dentro do carro, no sentido estrito do termo. Assim, a tecnologia que serviria como origem para os telefones celulares foi uma tentativa de juntar telefone fixo com o rádio, invenção popular no início do século XX (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 15).

Um dos primeiros problemas encontrados foi o conflito entre bateria e a portabilidade do rádio. Os primeiros rádios necessitavam de muita potência, o que implicava uma bateria imensa. Isso limitou o uso dos rádios a navios inicialmente, depois em carros (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 15). Há uma distinção entre os termos *portátil* e *transportável*. Os primeiros rádios poderiam ser transportados, mas eram muito diferentes de tecnologias portáteis. Jon Agar (2003) conclui que os avanços em termos de bateria foram fundamentais para o tamanho do celular. As baterias se tornaram mais potentes conforme iam ficando menores. “Como as melhorias no design de baterias em parte se tornaram

incrementais, seu papel na mudança tecnológica é muitas vezes subestimado” (AGAR apud ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 16).⁴²

Outra limitação material aos rádios, na tentativa de transformação para o telefone móvel, era a escassez de frequências de rádio. As ondas de rádio percorrem frequências limitadas e como mais usuários ocupavam essas frequências com suas conversas, as ondas de rádio ficavam lotadas com conversas sobrepostas (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 16). Em 1947, os laboratórios Bell inventaram o conceito de “ideia celular”, dando origem ao nome *cell phone* (telefone celular), permitindo a real mobilidade com os primeiros telefones a rádio sem interferência de outros que ligavam. Mas, naquela época, não havia tecnologia pronta para acompanhar essa mobilidade rápida. Desse modo, os avanços em telefonia móvel tiveram que ser acompanhados por tecnologias informáticas que permitiriam a conexão entre torres celulares de transmissão (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 16).

De acordo com Farman (2012, p. 16), o primeiro sistema de telefone celular foi instalado em Chicago em 1977. Em 1983, a Motorola lança o primeiro celular que podia ser segurado na mão nos Estados Unidos, chamado de 8000x (também conhecido como *brick* ou “tijolão”, em português). Além do tamanho e do custo, a tecnologia celular era mais apropriadas para carros, e a percepção do público em relação ao telefone móvel foi classificada inicialmente como uma tecnologia projetada para automóveis (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 17). A partir dos anos 1980, os celulares continuaram a mudar de formatos e de especificações tecnológicas, mas também na forma como eram usados. Howard Rheingold (2002) faz a seguinte observação: “comecei a perceber que, nas ruas de Tóquio, as pessoas olhavam para seus celulares em vez de falar com eles” (RHEINGOLD apud ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 17).⁴³ A tendência de olhar o celular em vez de falar atingiu o ápice em 2009, ano em que o tráfego de dados ultrapassou o tráfego de voz em telefones celulares (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 17).

Como os usuários parecem ter demonstrado uma preferência pela comunicação assíncrona por meio de mensagens de textos ou e-mails em vez da ligação telefônica, essas escolhas vêm acompanhadas das velhas críticas de que as mídias criam distância social e espacial (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 17). Já vimos que críticas como

⁴² *Partly because improvements in battery design have been incremental, their role in technological change is often underestimated.*

⁴³ “[...] I began to notice people on the streets of Tokyo staring at their mobile phones instead of talking to them.

essas costumam evocar uma nostalgia que esteve presente em todas as formas de mídias que surgiam. Além disso, a comunicação assíncrona (isto é, a criação de documentos tipo textos em vez de interações em tempo real) é muitas vezes vista como se estivesse removendo a imediação da comunicação por voz (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 17).

Em nossa cultura, a noção de distanciamento também está relacionada à presença da escrita em vez da fala.

O texto é uma forma mais “ausente”, mais “distante” de se comunicar. A conversa por voz é melhor para dar “presença” por causa da sincronidade, a capacidade de se envolver em um diálogo e simular o face a face. No entanto, como vimos, cada uma dessas noções de ausência e presença possuem raízes históricas profundas (FARMAN in ARCENEUX; KAVOORI, 2012, p. 18).⁴⁴

Vimos que tais raízes históricas profundas estão presentes em nossa relação com o objeto celular, fazendo-se visíveis nas diversas formas de perceber o sentido do livro digital, assunto que discutiremos adiante.

2.6 O sentido do livro no digital

A leitura sempre implicou no uso de diferentes plataformas materiais, seja pedra, argila, papiro, papel ou telas digitalizadas. A emergência de máquinas digitais conectadas à internet ampliou as opções, sendo frequente a leitura de um livro iniciada no computador e continuada no meio impresso, ou vice-versa, por exemplo. Há então uma multiplicidade e intercâmbio entre meios.

Nesse cenário, o texto eletrônico – por sua adaptabilidade a diversas telas – é, por vezes, entendido como uma substância imaterial que pode habitar diferentes corpos. Para Roger Chartier (1999, p. 13), o texto eletrônico permite ao leitor maior distância em relação ao escrito, porque “a tela aparece como ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo” (CHARTIER, 1999, p. 13). Chama atenção a materialidade do formato códice: o leitor pode colocar o objeto diante de si em uma mesa, pode virar páginas, ou segurá-lo nas mãos. Para ele, o texto eletrônico torna possível “uma relação muito mais distanciada, não corporal” (CHARTIER, 1999, p. 16). A própria palavra “objeto” é difícil de empregar para o autor. Existe propriamente um objeto que seria a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas, segundo ele, esse objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente pelo leitor

⁴⁴ *Texting is a more “absent” way, a more “distant” way, to communicate. Voice conversations are better at giving “presence” because of the synchronicity, the ability to engage in dialog and emulate being face-to-face. However, as noted, each of these notions of absence and presence has deep historic roots.*

(CHARTIER, 1999, p. 12). Toda a organização e estruturação do texto já não são as mesmas com a qual se defrontava o leitor do rolo, do códice ou do livro impresso, agrupado por cadernos, folhas e páginas.

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação, *o texto que ele carrega*, [...] todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (CHARTIER, 1999, p. 13, grifo nosso).

Em sua fala há a noção de que o livro impresso transporta e confina em seu interior o texto escrito. Por ser considerado mais fluido ou mais livre, o ambiente digital tem a imagem de levar um texto mais solto, etéreo, não tão preso às suas “amarras” materiais. Como observa Chartier, essa nova situação tem consequências: “Esta encarnação do texto numa materialidade específica carrega as diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos” (CHARTIER, 1999, p. 18).

A um primeiro olhar, pode-se pensar que os textos digitais trouxeram como novidade esse aspecto “não corpóreo” do livro. Com vimos, o texto digital por vezes é entendido como “a apoteose do livro em uma forma não corpórea, mas onipresente” (McCUTCHEON, 2015, p. 18). A ideia de uma essência habitando os livros é antiga, como comprova a passagem de Milton citada por McKenzie (1999, p. 31) no capítulo anterior. Porém, à medida que trocamos um texto digital de corpos quase que instantaneamente, por meio da internet em aplicativos adaptáveis – iniciar a leitura em um e-reader e continuar no celular, por exemplo – parece ter evidenciado ainda mais o aspecto não corpóreo do livro, conforme veremos na pesquisa de campo.

Uma distinção útil a esta discussão pode ser encontrada em Leah Price (2013), que analisou os usos do livro na Inglaterra vitoriana. Essa dicotomia foi identificada pela autora nos termos “texto” (*text*, no original) e “livro” (*book*, no original). O texto seria o elemento abstrato composto por um ou mais autores, é a sequência de vocábulos ordenados de forma linear. Já o livro seria o objeto material que permite encarnação do texto, é onde as palavras do autor se materializam, é o que permite o acesso ao texto, é uma “coisa física” (PRICE, 2013, p. 4).

Com base no pensamento de McKenzie e Chartier, “é preciso que se abandone a ideia de um texto transcendental atemporal portador do sentido puro; é necessário que se incorpore, de algum modo, a ideia de que o sentido se produz no encontro entre texto, leitor e livro” (GONÇALVES, 2018, p. 90). Dessa forma, o livro (o material) e o leitor devem ser vistos como elementos participantes na construção de um sentido da obra.

Em nossas entrevistas, veremos que a visão de um texto transcendente é recorrente, bem como a de que o meio eletrônico é apenas um meio transparente para dar acesso ao texto, mesmo que a preferência da maioria seja o meio impresso como a melhor forma de “encarnar” um texto. Além disso, o celular, por ser um aparelho de múltiplas funcionalidades e não estar tão relacionado à leitura de livros, oferece relatos exemplares sobre o sentido de um livro hoje.

Neste capítulo, retomamos discussões pertinentes acerca das práticas de leitura em telefone celulares. Analisamos as particularidades de se ler conectado à internet; contextualizamos o surgimento das empresas protagonistas nesse processo; caracterizamos o *zeitgeist* do capitalismo contemporâneo e sua relação com a aquisição de arquivos digitais; apontamos a ocorrência de coleta de dados e sistemas de recomendações automáticas; aprofundamos o conceito de mobilidade, que não está restrito apenas aos celulares; e, por fim, verificamos que o livro digital possui seu sentido atrelado a certa natureza incorpórea devido à multiplicidade de aparelhos em que pode estar presente. Tais questões apareceram na pesquisa de campo em que detalharemos no próximo capítulo.

3 PRÁTICAS DE LEITURA EM CELULARES

3.1 Aspectos metodológicos

Tendo em vista que objetivo desta pesquisa é mapear as práticas de leitura de livros digitais em telefones celulares, escolhemos a pesquisa qualitativa como metodologia de coleta de dados. Para Bauer e Gaskell (2003), em contraposição à pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa “lida com interpretações das realidades sociais” (BAUER; GASKELL, 2003, p. 23). Para os autores, seu principal instrumento é a entrevista em profundidade. Eles colocam que se parte de um pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, mas sim construído por pessoas que vivem em determinadas condições. E assumem que essas construções constituem a realidade essencial das pessoas.

[...] O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores e sua situação (BAUER; GASKELL, 2003, p. 65).

Para Robert Weiss (1995, p. 1), é através da entrevista que temos acesso à observação de outros e é também por ela que podemos conhecer como outras pessoas interpretam suas próprias percepções. Ao compararmos com a entrevista do tipo *survey*, a entrevista em profundidade pode oferecer relatos mais completos e detalhados acerca das motivações e experiências dos entrevistados (WEISS, 1995, p. 3).

Não temos a intenção, porém, de contar opiniões do tipo contra ou a favor da leitura em celulares, mas sim captar nuances, com o objetivo de “explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (BAUER; GASKELL, 2003, p. 68).

Ao analisar práticas de leitura, uma atividade tão pessoal e particular, pelo menos neste momento da história – a leitura já foi considerada uma atividade pública na Antiguidade –, concluímos que o método de entrevistas individuais em profundidade se mostrou mais pertinente aos objetivos desta pesquisa. Além disso, segundo Pawley (2002, p. 145), o campo de estudos em história do livro tem mudado o foco de atenção do texto para os leitores e a necessidade de se explorar não apenas o leitor ideal, mas também práticas de leitura em comunidades de leitores.

A possibilidade de ler livros em diversos aplicativos de leitura, disponíveis em modelos diferentes de celular com diferentes sistemas operacionais torna a leitura nesses

aparelhos um objeto complexo de se compreender, uma vez que a experiência sensorial e funcional do suporte pode não ser a mesma para todos. Tendo em vista essa variabilidade de leituras, optamos pela amostra do tipo não probabilística por acessibilidade, assim descrito:

O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão (GIL, 1995, p. 97).

Segundo Gil (1995, p. 113), a entrevista é uma forma de interação social, mais especificamente, “uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (GIL, 1995, p. 113). Trata-se de uma técnica amplamente usada em pesquisas sociais por oferecer algumas vantagens que, para esta pesquisa, mostram-se pertinentes, como por exemplo: obtenção de dados acerca do comportamento humano; maior flexibilidade em relação ao questionário, posto que o entrevistado pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se às circunstâncias da entrevista; e, captar a expressão corporal, a tonalidade da voz e a ênfase das respostas (GIL, 1995, p. 114).

Uma das limitações apontadas por Gil (1995, p. 114) é a falta de motivação do entrevistado em responder às perguntas. Por isso, um dos filtros de nossa seleção é buscar pessoas que sejam leitoras e que gostem de ler. Acreditamos que falar sobre um tema que lhe seja agradável pode motivar maior desenvoltura e reflexão sobre o ato de ler. Para averiguar este perfil, nos baseamos na pesquisa Retratos da Leitura Brasil, que considera como leitor “aquele que leu ou iniciou a leitura de pelo menos um livro nos últimos três meses” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 21).

Outros dois filtros subsequentes que consideramos: (1) se a pessoa já leu um livro (todo ou em parte) em um smartphone e (2) se a pessoa possui um smartphone.

A partir do método *snowball* – indicações de conhecidos pelos próprios entrevistados (WEISS, 1995, p. 25) – entrevistamos 12 pessoas acima de 25 anos que se declaram como leitoras e que já tinham lido pelo menos um e-book, inteiro ou partes, em celular. A delimitação da idade excluiu o público infantil por entender que os livros infantis digitais possuem particularidades. Mesmo em uma amostra não probabilística por acessibilidade, buscamos a diversidade de entrevistados a fim de explorar diversas opiniões.

As entrevistas foram divididas em quatro subtemas: **experiência com livros** (a importância dos livros e da leitura, a aquisição do hábito da leitura, incentivo familiar ou da escola, vantagens e motivações em ler); **aderência a tecnologias digitais** (atualização quanto

a novos celulares, atividades no celular, afetividade/distanciamento em relação ao aparelho); **materialidade** (vantagens e desvantagens de ler no celular, acesso a livros, plataforma de leitura, formato do e-book, atenção na leitura); **conteúdo e apropriação** (preferências de gêneros/autores em diferentes plataformas).

Pela necessidade de abordar esses subtemas, optamos pela entrevista semiestruturada aberta (ANEXO I), que funcionará como um roteiro de temas, não sendo necessário seguir a ordem estabelecida com cada entrevistado. Por se tratar de um fenômeno relativamente recente e por termos poucos estudos sobre o assunto, também optamos por aplicar durante a entrevista em profundidade um breve questionário estruturado. Ao padronizar as respostas, o questionário com perguntas fechadas (ANEXO II) nos ajudará ter uma visão geral do perfil dos entrevistados, a opinião sobre questões diretas (por exemplo, a plataforma usada para a leitura), e o nível de concordância acerca de proposições pertinentes ao estudo (por exemplo, a vantagem dos celulares em relação a outros dispositivos de leitura). Para medir níveis de concordância optamos por uma construção inspirada na escala de Likert,⁴⁵ onde são apresentadas cinco proposições das quais o entrevistado deve selecionar entre “discordo totalmente”, “discordo parcialmente”, “indiferente”, “concordo parcialmente” e “concordo totalmente”. Também confeccionamos um termo de consentimento (ANEXO III) que foi preenchido em duas vias, uma para o entrevistador e outra para o entrevistado. O termo visa esclarecer o objetivo da pesquisa, mencionar o apoio do CNPq, e explicitar o não recebimento de qualquer quantia pela participação, bem como assegurar o sigilo do entrevistado.

Após a coleta de dados, é preciso analisar e interpretar esses dados, que apresentam diferenças conceituais.

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (GIL, 1995, p. 166).

Uma das formas de se analisar o conteúdo do questionário e das entrevistas é pelo estabelecimento de categorias, o que se mostrou pertinente a este estudo. As categorias estão relacionadas aos subtemas tratados neste estudo e foram divididas em: “hábito de leitura e materialidade”, “notificações e dispersão”, “materialidade e afetividade”, “leitura e maternidade” (questão apontada por duas entrevistadas), “livros 24/7” e “sentidos do livro”.

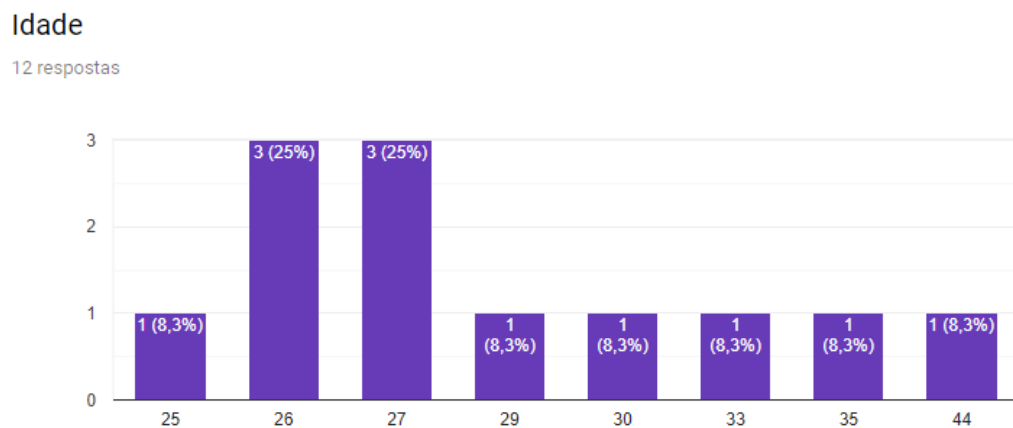
⁴⁵ Criada por Rensis Likert em 1932. Mais informações em <https://www.netquest.com/blog/br/blog/br/escala-likert>. Acesso em 23 de julho de 2017.

3.2 Perfil dos entrevistados

Esta pesquisa de campo contou com a participação de 12 pessoas, sendo quatro homens e oito mulheres, todos com Ensino Superior (concluído), moradores da cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana. Os dados foram coletados entre julho e outubro de 2017. A maioria dos entrevistados (7) foi composta de estudantes de pós-graduação de universidades públicas, mas este fator foi acidental. Pelo método de indicação, muitos entrevistados acabavam por indicar seus colegas que apresentavam perfil semelhante. Essa semelhança, porém, não foi vista como um percalço durante pesquisa, visto que ela tem natureza qualitativa, não buscando traçar generalizações de qualquer ordem. Boa parte dos entrevistados estava cursando mestrado ou doutorado em Letras, o que propiciou perfis bastante interessados em discutir os pontos levantados por essa pesquisa.

O escopo de idade variou entre 25 e 44 anos, sendo que a maioria dos entrevistados (7) estava na faixa de 25-26 anos. Todos possuíam planos de telefone com acesso à internet por meio de dados móveis (o que permite a conexão em ambientes externos) e cartão de crédito, essencial para realizar compras pela internet.

Figura 10 - Divisão por idade dos participantes.



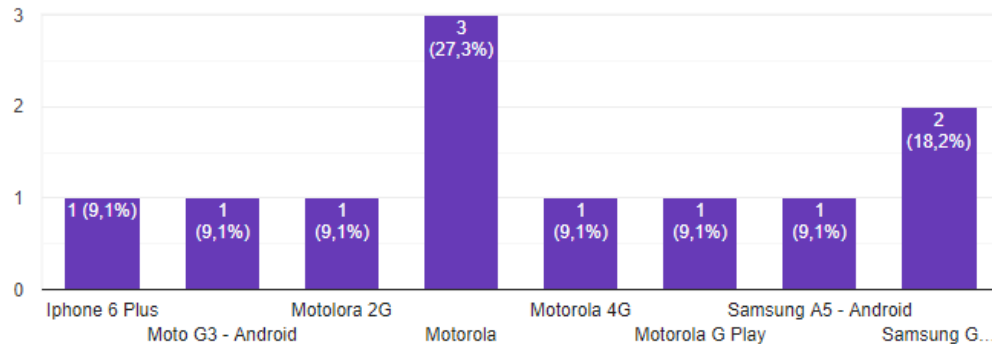
Fonte: O autor, 2018.

As marcas de celulares utilizados pelos participantes foram iPhone, Motorola e Samsung, em seus diferentes modelos, sendo o principal sistema operacional o Android, criado pelo Google. Coletamos este dado por entender que pode haver diferenças entre interfaces.

Figura 11 - Marca/modelos de celulares informados pelos participantes.

Marca/modelo do celular

11 respostas



Fonte: O autor, 2018.

Os perfis dos entrevistados apresentam-se da seguinte forma:

Anne,⁴⁶ 29 anos, solteira, tradutora e estudante de pós-graduação em Letras.
 Bianca, 27 anos, solteira, revisora e estudante de pós-graduação em Letras.
 Cosette, 30 anos, casada, tradutora e estudante de pós-graduação em Letras.
 Dulcinea, 26 anos, casada, professora.
 Emily, 35 anos, casada, economista e servidora pública.
 Fiódor, 27 anos, casado, assistente editorial.
 Galadriel, 26 anos casada, assistente editorial.
 Homero, 44 anos, casado, músico, ator e relações públicas.
 Ítalo, 26 anos, solteiro, professor e estudante de pós-graduação em Letras.
 Jane, 27 anos, solteira, assistente administrativa e estudante de pós-graduação em Letras.
 Lolita, 33 anos, solteira, professora e estudante de pós-graduação em Linguística.
 Machado, 25 anos, professor e estudante de pós-graduação em Letras.

3.3 Resultados do questionário

Antes das entrevistas em profundidade, foi aplicado um questionário semiestruturado (ANEXO II) com tópicos sobre a leitura em celulares para a discussão. O objetivo foi coletar dados gerais e padronizados para posterior análise.

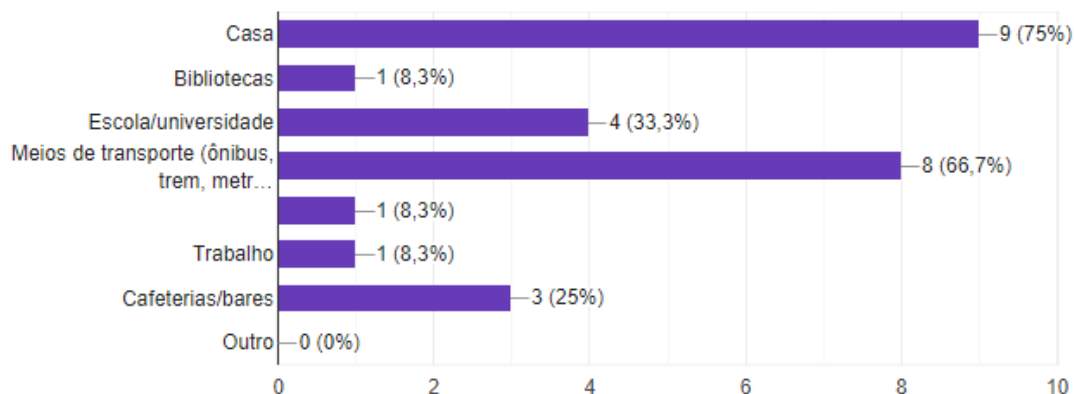
A primeira pergunta foi sobre locais de leitura. Os lugares favoritos para se ler livros em celulares são a própria casa (75%), meios de transporte (66,7%) e universidades (33,3%).

⁴⁶ Todos os nomes são fictícios para preservar o sigilo dos entrevistados.

Figura 12 - Locais de leitura

Quais são os locais onde você costuma ler -books em celulares?

12 respostas



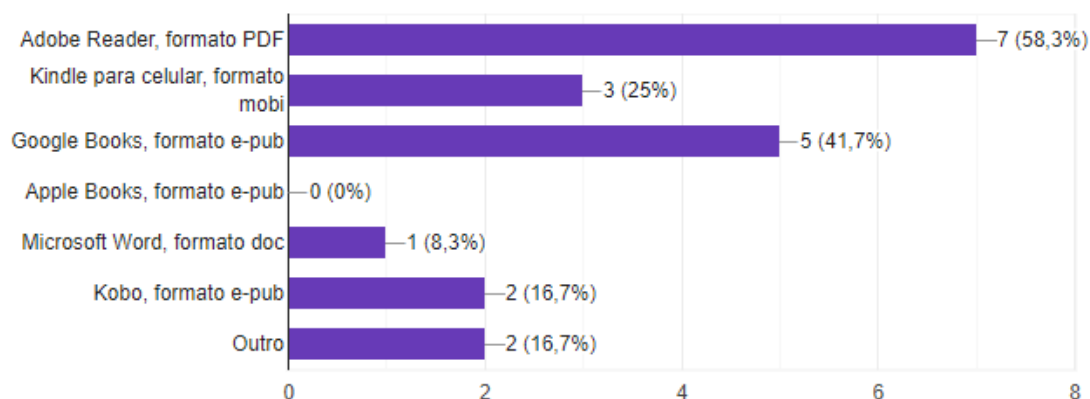
Fonte: O autor, 2018.

A principal plataforma usada para ler foi a da Adobe, no formato pdf (58,3%), seguida de Google Books, formato e-pub (41,7%) e Kindle, formato mobi (25%). Notamos que o formato pdf, criado pela Adobe, em geral, não é responsivo a diferentes telas; o arquivo se mostra de forma igual em vários dispositivos, variando apenas de tamanho. Em geral, a diagramação é idêntica ao livro impresso.

Figura 13 - Formatos/plataforma de livros para celular.

Qual plataforma/formato você utiliza para ler livros no celular?

12 respostas



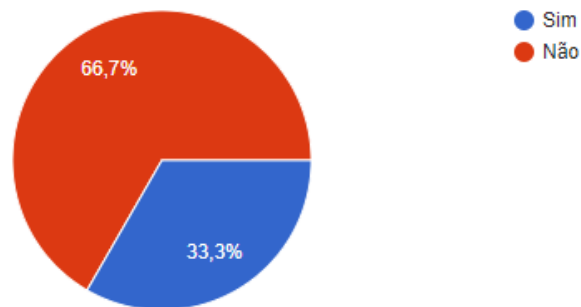
Fonte: O autor, 2018.

De 12 pessoas, oito responderam não utilizar recursos de modificação de aspectos do texto, como alteração de fontes, cor de fundo e tamanho da letra. Costumam seguir o padrão

definido pela editora ou o padrão da plataforma de leitura, o que demonstra pouco interesse nesses mecanismos interativos de design do escrito.

Figura 14 - Uso de recursos de modificação do aspecto do texto digital.
 Você costuma usar os recursos de modificação do aspecto do texto (exemplo: fontes, cor de fundo, tamanho da letra)

12 respostas

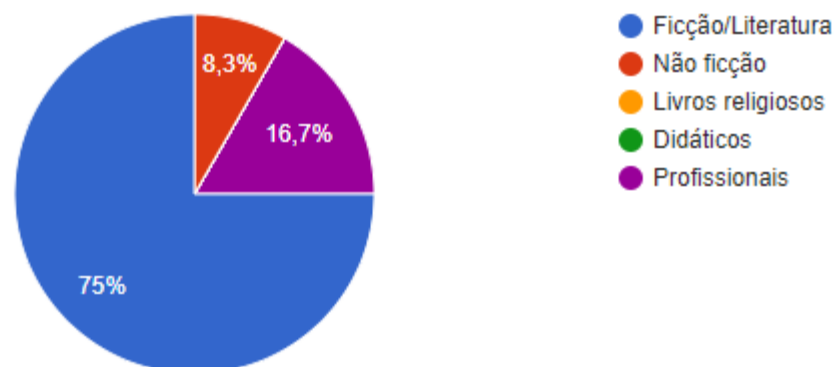


Fonte: O autor, 2018.

Em termos de gênero literário, livros de ficção e/ou literatura foram apontados como os mais consumidos pelos entrevistados, seja digital ou impresso. Ao serem perguntados sobre que tipo de gênero consomem mais em livros digitais em celulares, ficção/literatura também foi a preferência de 83,3% dos entrevistados.

Figura 15 - Gêneros de livros (impresso ou digital) mais consumidos.
 Que tipo de livro (impresso ou digital) você mais consome?

12 respostas

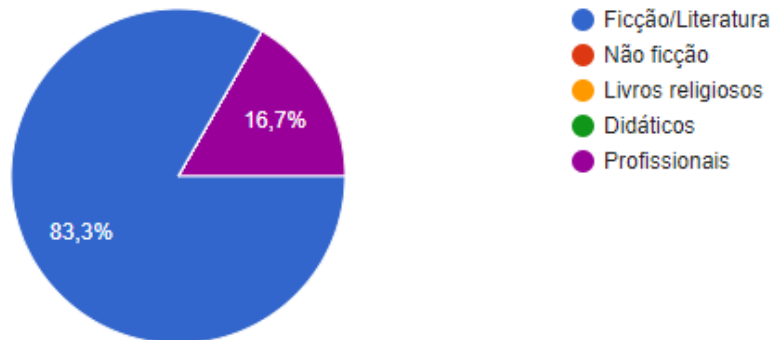


Fonte: O autor, 2018.

Figura 16 - Gêneros de livros digitais mais consumidos em celulares.

Que tipo de livro (digital) você mais consome em celulares?

12 respostas



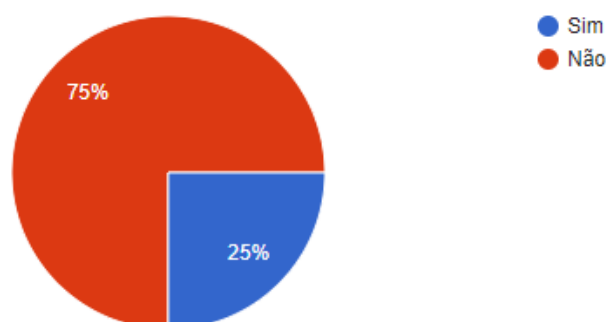
Fonte: O autor, 2018.

À pergunta se há o costume de marcar trechos em livros e compartilhar as redes sociais – uma possibilidade facilitada em aplicativos de leitura para telefones celulares –, a maioria dos entrevistados (75%) afirmou que procura não compartilhar trechos de obras em redes sociais.

Figura 17 - Opção por marcar e compartilhar trechos de obras em redes sociais.

Costuma marcar e compartilhar trechos de obras em redes sociais?

12 respostas



Fonte: O autor, 2018.

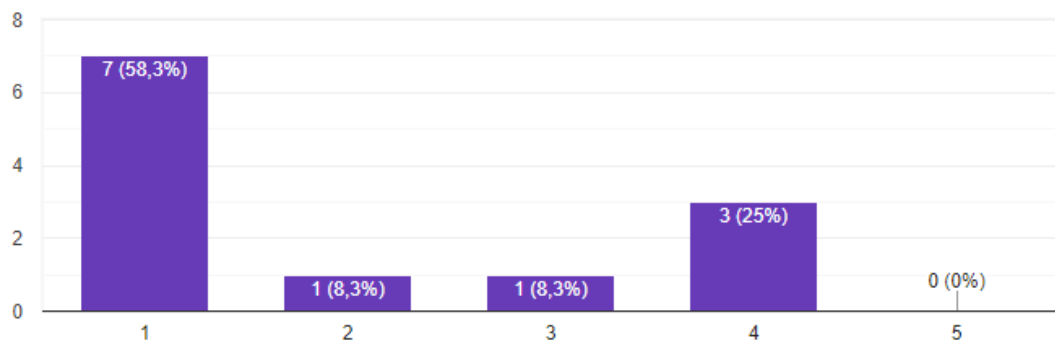
O gosto por tecnologias digitais móveis como o celular, em termos de importância de marcas e acompanhamento do mercado, não obteve apoio significativo para pelo menos nove pessoas, pois afirmaram não se importar com marcas e não procurar trocar de aparelhos com frequência. Veremos que este dado estará presente nos relatos das entrevistas, principalmente relacionado à afetividade do livro digital em comparação ao livro impresso. No entanto, todos

os participantes concordaram em parte ou plenamente que o celular é um objeto pessoal para eles e que não ficam muito tempo longe desses aparelhos.

Figura 18 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”.

1. Estou sempre trocando de celulares pelos mais novos do mercado.

12 respostas

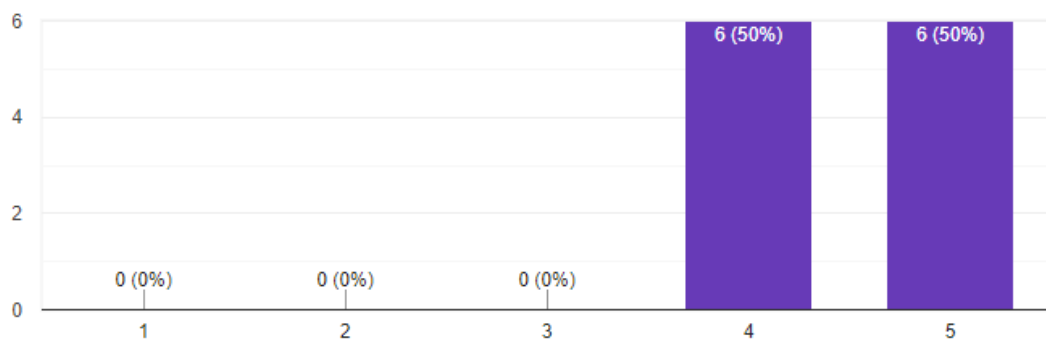


Fonte: O autor, 2018.

Figura 19 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”.

2. Meu celular é um objeto pessoal para mim, não fico muito tempo longe dele.

12 respostas



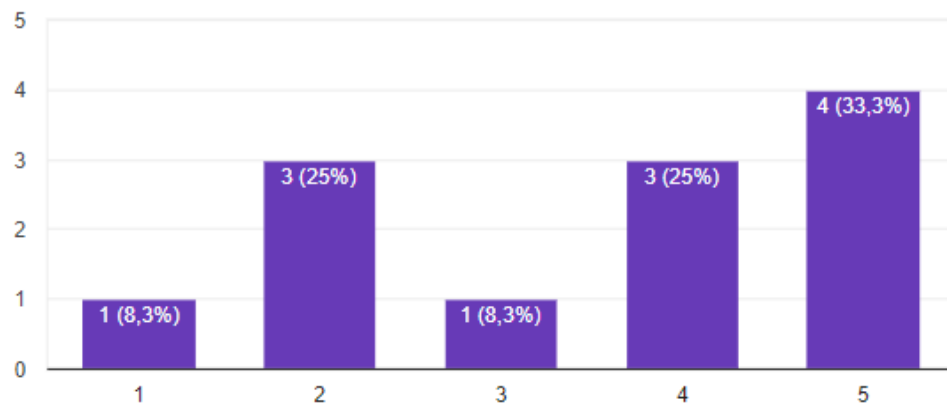
Fonte: O autor, 2018.

Sobre o conforto de se ler no celular, o resultado foi difuso entre os 12 participantes, como pode ser visto pela figura abaixo:

Figura 20 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”.

3. Ler em celulares é algo agradável.

12 respostas



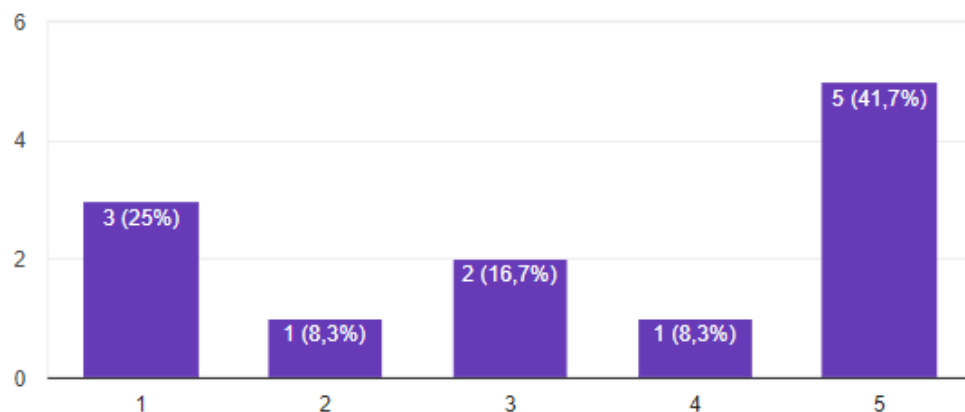
Fonte: O autor, 2018.

Como resposta à proposição “Em relação ao ano passado, leio mais livros em celular agora”, as respostas se dividiram entre os dois polos de concordância, porém cinco pessoas afirmaram ler mais livros digitais em celular, o que confirma certa tendência de aparelhos com telas maiores amigáveis (*user friendly*) ao ato de ler.

Figura 21 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”.

4. Em relação ao ano passado, leio mais livros em celular agora.

12 respostas



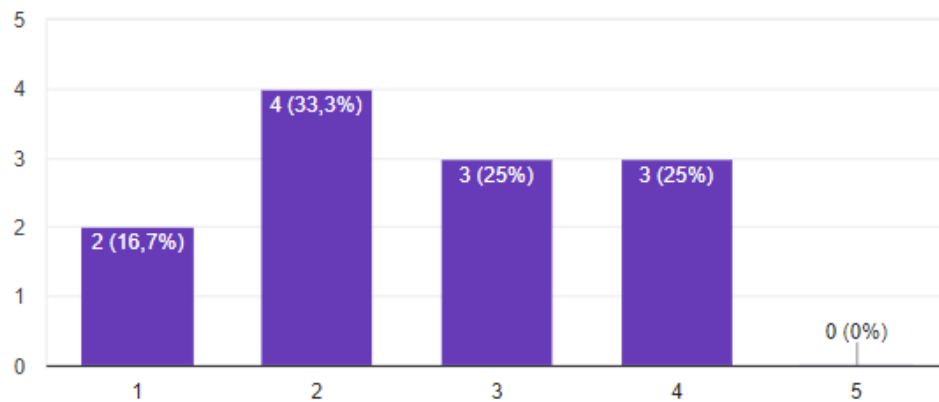
Fonte: O autor, 2018.

Quando comparamos a mídia livro impresso com a mídia celular para a leitura, as opiniões também se diluíram, mas ninguém concordou plenamente com a afirmação, como podemos ver a seguir:

Figura 22 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”.

5. Em relação ao livro impresso, ler em celular é melhor.

12 respostas



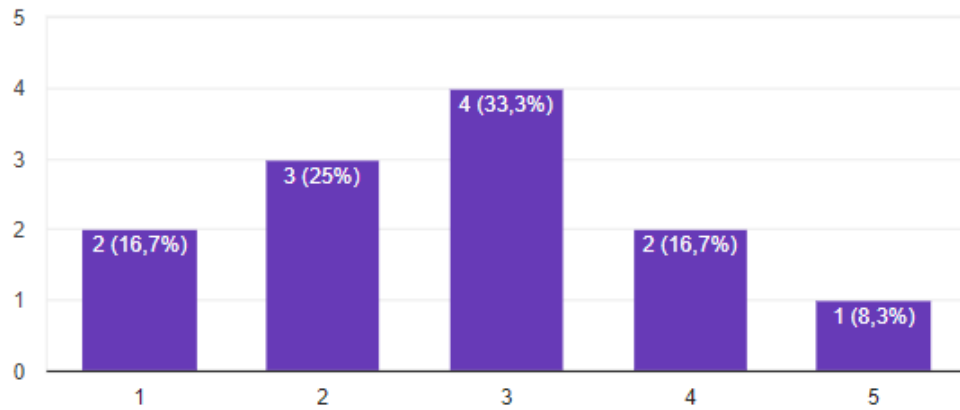
Fonte: O autor, 2018.

Em comparação a leitores eletrônicos – aparelhos com acesso à internet, porém voltados para a leitura de livros e/ou revistas –, a opinião dos entrevistados também foi dispersa. Todos conheciam esses aparelhos e já haviam usado em algum momento. A maioria pareceu não demonstrar uma preferência clara, mas como veremos nas entrevistas em profundidade o celular aparece como o meio mais disponível em diversas situações.

Figura 23 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”.

6. Em relação a leitores eletrônicos (e-readers), se tiver, ler em celular é melhor.

12 respostas



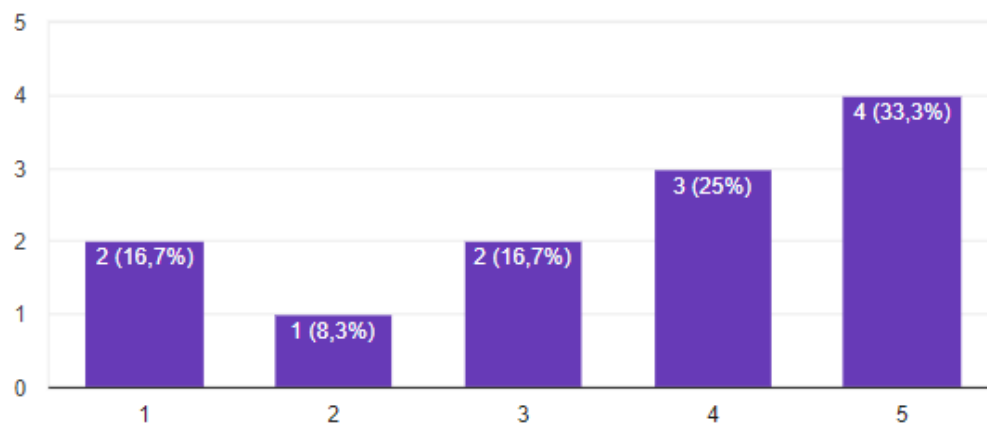
Fonte: O autor, 2018.

Quando relacionamos o celular a outros aparelhos digitais similares com possibilidade de acesso a imagens, vídeos, sons, entre outros usos, pelo menos sete pessoas concordaram que ler no celular é melhor, conforme demonstrado pela figura abaixo.

Figura 24 - Grau de concordância em relação à proposição, variando entre “1. Discordo totalmente”, “2. Discordo parcialmente”, “3. Indiferente”, “4. Concordo parcialmente” e “5. Concordo totalmente”.

7. Em relação a tablets e laptops, ler em celular é melhor.

12 respostas



Fonte: O autor, 2018.

3.4 Entrevistas em profundidade

3.4.1 Hábito de leitura e materialidade

Aos 9 anos, Anne gostava de percorrer a vasta biblioteca do pai, que contava com mais de 500 livros. As capas lhe chamavam a atenção, em especial as capas clássicas dos livros de Fernando Sabino. A capa de *A companheira de viagem* – antiga edição do Círculo do Livro – possuía cores verde e vermelho, com a figura de uma mulher na frente e a de um macaco no verso. Isso fez com que Anne, caçula de uma família de três irmãos, se sentisse desafiada pela leitura.

A gente ficava com medo desse macaco, aí o chamávamos de ‘O Droga’. Meu irmão puxava o livro na estante e eu tinha medo, porque eu não sabia ler ainda. Ficava com o livro na mão sem ler, fingindo que estava lendo, porque meus irmãos estavam lendo, aí quis ler para perder o medo do macaco (Anne).

O pai, advogado e professor, tinha muitas opções de livros impressos na estante. Para Anne, além da escola, sua família foi fundamental na formação do hábito de leitura. Ela conta que sua mãe lia, porque seu pai lia, mas seu pai nunca a forçou a ler nem mesmo indicava livros, diferente do que acontecia com seus irmãos mais velhos. A fim de estimular o prazer em ler, seu pai costumava organizar competições de leitura e ganhava quem conseguisse ler um livro em 24 horas. Esse hábito se perpetuou e hoje, aos 29, ela cursa doutorado em Letras por seu interesse na leitura.

Para Anne, além da motivação didática – “ler livros ajuda a escrever e a falar melhor” –, a leitura proporciona a sensação de viver na pele de outra pessoa.

Ler livros ajuda a escrever e a falar melhor, racionalmente. Mas a maior motivação é ter a sensação de estar vivendo uma coisa diferente, olhando da ótica de outra pessoa. O livro está ali parado, mas quando você começa a ler você faz parte daquele mundo, e a história começa a acontecer na sua cabeça também. É uma fuga, porque você foge da sua realidade e vai para aquele mundo paralelo. Isso é legal, a fuga, principalmente se a vida está muito complicada... É uma forma de viver outra vida de vez em quando (Anne).

Também doutoranda em Letras, Bianca, 27 anos, relatou forte influência da família durante a infância. Ela acredita que todo hábito de leitura vem de um estímulo, seja da família, seja da escola. Em seu caso, a família teve papel preponderante. A tia bibliotecária e a avó professora sempre lhe davam livros de presente. Esse contato com livros desde os primeiros anos influenciou na escolha de sua carreira profissional.

Digo para minha tia que o simples contato que ela me proporcionou com o livro gerou minha profissão. Eu fiz Produção Editorial, comecei a trabalhar em editora, e hoje faço doutorado em Letras, justamente estudando o lugar social do livro e do escritor na sociedade (Bianca).

Um título marcante para Bianca foi a coleção *Harry Potter*, da autora britânica J.K. Rowling. Ela costuma dizer que é da geração Harry Potter, pois todos os seus amigos da faculdade também eram fãs do jovem bruxo. “Achava até infantil, mas hoje eu já mudei de ideia. Acho que o Harry Potter tem um papel fundamental na formação de apaixonados pela leitura”.

A transição da carreira de Produção Editorial para Letras revela um aspecto interessante na sua própria concepção de livro. Para Bianca, o primeiro curso estuda a forma material do livro, “o livro físico”, já o segundo, o que está “dentro”, o texto, o conteúdo, que é o que lhe interessa mais.

No curso de Produção Editorial, nosso contato com o livro é o livro físico, e quando a gente estuda Letras estamos estudando o que está aqui dentro [aponta para um livro impresso], e isso é que me interessa mais, o conteúdo do livro. Acho que o livro é parte da sociedade e quando o escritor escreve, ele quer dizer alguma coisa. O que gosto de analisar nos livros é o que está ali, a capa é mais um mecanismo que a editora desenvolve para atrair leitores, mas o que me interessa é o que está dentro (Bianca).

Filha de uma professora de português, Cosette, 30 anos, também teve contato com livros na infância, pois além da biblioteca, a mãe com frequência recebia amostras de editoras, então os livros eram abundantes em sua casa. Ela começou a ler desde criança e lembra que, na adolescência, leu vorazmente a coleção Harry Potter. Hoje ela trabalha como tradutora. Para ela, ler...

... é importante para ampliar o seu conhecimento de mundo, o seu vocabulário, conhecer culturas diferentes, além de opiniões diferentes. Ler um livro é como um diálogo, um debate, você consegue ampliar as suas próprias opiniões também, e isso é importante (Cosette).

Cosette compara um livro a um filme mais duradouro, um objeto que proporciona lazer e arte.

É como um filme, uma obra de arte em que você se envolve. Quando se pensa em romance, diferente do filme, é uma coisa que dura mais, você se envolve com a escrita, com os personagens, além de ser um excelente um passatempo. Nesse sentido, o livro é entretenimento e artístico (Cosette).

Pensando no objeto, Cosette acha que aspecto material do livro pode ser importante, mas pensando em literatura, o objeto é irrelevante, posição semelhante a de Bianca. “A

literatura para mim é a narrativa, a escrita, a escolha de palavras, o suporte pode ser um adicional, mas para a literatura o suporte não é importante.”

Já Dulcinea, 26 anos, teve uma experiência diferente em sua infância. Sua mãe não gostava de ler, mas considerava a leitura importante, por isso sempre comprava muitos títulos para ela. Como a mãe também trabalhava vendendo a enciclopédia Barsa, as idas frequentes à Bienal do Livro, no Rio de Janeiro – evento comercial de editoras e livrarias que acontece a cada dois anos nos pavilhões do Riocentro – contribuíram para que Dulcinea adquirisse o hábito de leitura.

Na minha infância, minha mãe não lia muito – e nem hoje ela lê –, mas ela comprava muitos livros para mim, porque achava que a leitura era algo importante. Ela queria que eu lesse muito e sempre me incentivou. Ela vendia a enciclopédia Barsa e eu e ela estávamos sempre na Bienal. Eu achava aquilo tudo lindo (Dulcinea).

Para ela, ler “amplia o horizonte e estimula o pensamento”. De forma similar à Cosette, Dulcinea acha que o livro é mais a narrativa que o objeto, mas o objeto também pode ser uma forma artística, e nem sempre é a estética agradável que chama a atenção. “Eu já me interessei por um livro que achei horrível, mas não lembro qual era o livro. Mas fiquei com aquele livro na cabeça, voltei e comprei depois.” Assim como Anne, elementos materiais (nem sempre considerados agradáveis) se fizeram presentes no interesse por alguns livros.

“Quando eu era pequena meus pais falavam que eu não gostava de ler, mas eu não gostava de ler o que eles escolhiam para eu ler”, diz Emily, economista e servidora pública de 35 anos, que começou a gostar de ler aos 9 anos. Quando tinha 12, passou a escolher os próprios livros na biblioteca dos pais. Sua relação com livros impressos começou cedo e, quando casou, montou uma grande biblioteca com várias estantes em seu apartamento. No entanto, quando começou a ler no leitor eletrônico Kindle e no celular, ela se desfez da maioria de seus livros.

Tinha estreita relação com o livro impresso, mas desapareceu completamente quando o Kindle entrou na minha vida. Eu adorava livros impressos e eu tinha muitos livros. No apartamento que tenho agora com meu marido, a gente construiu um corredor inteiro com estantes, fileiras duplas em cada prateleira, a gente viajava e trazia malas de livros, mas agora me desfiz de praticamente todos os livros, só mantive os livros de valor emocional e os que decoram a minha sala (Emily).

Emily, mãe de um filho de 6 anos e outro de 3 anos, preocupa-se com a forma pela qual seus filhos encontrarão o prazer da leitura, uma vez que a experiência material de estar em uma casa com uma biblioteca não fará parte de suas vidas, como foi com ela.

Minha preocupação é que eles saibam que eu estou lendo apesar de não me verem com livro. Eles sabem que estamos o tempo todo com o celular na mão, mas não sabem o que a gente tá fazendo. Eu tento dizer, falo que estou lendo, mostro, fico preocupada em como eles vão descobrir a leitura não tendo uma biblioteca física para navegar. Não é divertido pegar a biblioteca do Kindle para decidir que livro você vai ler, você não consegue folhear com a mesma facilidade, não tem o atrativo da capa. Eu fui escolhendo os livros pelo título, pela capa, pelo trecho. E eles não têm isso. Vai ser diferente, não sei como vai ser essa iniciação (Emily).

Nota-se que pela configuração diversa do celular e pelas múltiplas atividades que o aparelho permite, Emily preocupa-se em mostrar aos filhos que ela está no celular, mas que está lendo um livro. Por saber que os filhos percebem que ela está sempre no celular, a leitura de livros no aparelho torna-se uma ação menos evidente para as crianças.

Fiódor, 27 anos, é assistente editorial e trabalha com edições digitais em uma editora comercial. Ele conta que não gostava muito de ler quando era criança, apesar de ter pais que possuíam muitos livros impressos em casa. Só que eram, em sua maioria, religiosos. Seu encontro com os livros deu-se por meio da biblioteca recém-inaugurada da escola pública onde estudava.

Comecei a gostar de ler só com 12 anos. Não gostava de ler, preferia ver TV, desenhos. Estudava em um colégio público, a biblioteca do colégio abriu e comecei a pegar livros, aí não parei mais. Percebi que tinha uma forma de entretenimento bacana e comecei a ler bastante a partir de então. Não tive uma grande influência externa. Minha casa tinha muitos livros, sobretudo religiosos de teologia. Eu que comecei a ler ficção dentro da família, na minha casa. O que mais me motivou foi a narrativa (Fiódor).

Para ele, o livro é uma plataforma de consumir narrativas, sendo mais uma forma de entretenimento dentre outras.

Gosto de histórias em geral. O livro é a mais uma plataforma para consumir novas histórias. Estou sempre lendo alguma coisa. Leio, em primeiro lugar, por entretenimento, depois por conhecimento. Também escrevo resenhas para blogs. É minha forma de entretenimento favorita, o livro (Fiódor).

Galadriel, 26 anos, é formada em Produção Editorial e trabalha como assistente editorial em uma grande editora. Ela conta que sempre gostou de ler, pois sua mãe, além de ler histórias para ela, também era uma grande leitora. O fato de ser filha única também contribuiu para essa afeição pelos livros que, em algum momento, sofreram com a concorrência dos videogames durante a infância.

Sempre gostei muito de ler, minha mãe lia muito para mim. Comecei com histórias em quadrinhos da Turma da Mônica. Vendo minha mãe lendo, fui aprendendo a ler. Sendo filha única era algo que eu podia fazer sozinha. Na escola tinha uma biblioteca também. Sempre foi um entretenimento bom, até aparecerem internet e videogames (Galadriel).

Hoje, ela conta que está um pouco cansada da leitura como entretenimento por conta da profissão – que exige leituras diárias –, mas que gosta muito quando a narrativa prende sua atenção.

Hoje eu trabalho com livros; eles pagam meu salário. Atualmente, o livro não é mais tanto um entretenimento, até pela exaustão da profissão. Então, tenho lido muito mais coisas de não ficção, que vão me instruir, do que ler por prazer. Mas quando a trama me pega, ainda é muito bom (Galadriel).

Nem sempre, porém, o hábito de leitura vem do estímulo proporcionado pelos pais ou pela escola. Músico e ator, Homero, de 44 anos, conta que na infância os livros em sua casa ficavam entocados em armários e não expostos em estantes, o que aguçou sua curiosidade em relação àqueles objetos.

Adorava abrir os armários e pegar os livros escondidos. Meus pais não são intelectuais e meus avós, em geral, não liam livros e eu sempre gostei de ler desde criança. Com 7 anos, peguei *O Grande Gatsby* para ler; não entendi nada, mas eu tentei. Também aos 10 anos tentei ler o *Don Quixote*, porque estava disponível, estava lá. Meus pais achavam bonito ler. No Brasil ler é um luxo; eles tinham orgulho e falavam que eu era inteligente. Se eu pedisse um livro de presente era estranho. Houve um suporte, mas não houve um embasamento. Era uma família de ignorantes, não tenho pudor em falar isso (Homero).

Sobre a vantagem da leitura, Homero diz que lê livros para formar sua própria opinião sobre diferentes assuntos, até os considerados mais polêmicos.

O bom de ler é que ninguém me enche o saco dando opinião. Vou tirar a minha conclusão. Peguei o livro do [Carlos Brilhante] Ustra para ler, baixei ele na internet. Li também *Mein Kampf* [Minha Luta, de Adolf Hitler], para saber o outro lado. Lendo o livro do Ustra, se você tem um pouco de ignorância, o cara te convence de que ele estava certo. Se o cara tem menos cultura, ele vai achar que o livro é muito bom. Leio para formar minha opinião e para ter assunto, para não falar muita besteira (Homero).

Ítalo, 26 anos, é professor formado em Letras e estudante de pós-graduação na mesma área. Ele lembra o momento exato em que começou a gostar de ler, estimulado por sua professora de Português, já que em sua família, apenas a mãe gostava de ler. Seu pai e sua irmã não eram leitores.

No ensino médio, minha professora de Português pediu um trabalho e deixou a gente escolher entre dois autores, Machado de Assis e José de Alencar. Escolhi Machado e li pela primeira vez esse autor. A partir daí, comecei a ler e não parei mais. Penso que a principal vantagem na leitura é fugir da realidade, viver novas aventuras, viajar sem sair do lugar... (Ítalo).

Jane, 27 anos, assistente administrativa e mestranda em Letras, conta que adora pesquisar literatura, porque sua mãe e sua escola incentivavam o prazer de ler desde muito nova. Para ela, a sensação de imersão é o principal atrativo em ler.

Quando criança, minha mãe lia para mim e minha escola incentivava muito a leitura, porque sempre havia rodas de leitura, íamos pra biblioteca toda semana, e fomos acostumados a ler jornal também na escola. O que mais gosto na leitura é entrar na história, uma sensação emocional quase. Ler livros é muito prazeroso (Jane).

Lolita, 33 anos e mestranda em Linguística, começou a ler livros religiosos relacionados ao Kardecismo. Relata influência da mãe e da avó durante a infância e gosta de ler com um objetivo, seja pesquisar ou aprender. Por isso, prefere livros de não ficção.

Minha mãe e minha avó são famintas por livros. Tenho muitos livros, sou viciada em comprar livros, e minha mãe lê primeiro que eu. Elas me influenciaram muito. Minha mãe é massoterapeuta, minha avó é dona de casa, mas sempre gostou muito de ler. Minha avó lia demais, lia dicionários, vários, sabia falar sobre tudo. Leio os livros da minha pesquisa por prazer, porque antes de começar minha pesquisa no mestrado eu já me interessava por educação indígena, antropologia, sociologia. Me dá prazer ler com um objetivo, escrever e fazer alguma anotação (Lolita).

A estudante conta ainda que começou a ler livros teóricos para aprender e, depois que se formou em Letras, foi trabalhar em uma reserva indígena no sul do Pará por dois anos.

Minha principal motivação é aprender. Comecei a ler esses livros para aprender e, depois que me formei em Letras, fui trabalhar em uma comunidade indígena, porque me interessei por esse assunto. Lá não tinha eletricidade, nem luz, nem sinal de celular, a princípio, e eu levava malas de livros, e levei coisas que podiam me ajudar nesse trabalho (Lolita).

Machado, 25 anos, formado em Filosofia, professor e atualmente mestrando em Letras, possui uma história parecida com a de Anne, a primeira entrevistada desta pesquisa.

Meu pai é formado em Letras e sempre teve uma biblioteca muito grande. Ele sempre me incentivou a pegar livros na biblioteca dele, eu e meu irmão. Era uma biblioteca bastante diversa. Ler é diferente de outras coisas. A leitura de um texto literário permite olhar as coisas sob pontos de vistas diferentes do seu (Machado).

3.4.2 Notificações e dispersão

Anne diz que na primeira vez que leu um livro digital no celular foi mais por necessidade do que escolha. Quando leu o livro *A confissão* de Flávio Carneiro no celular não teve muitas críticas, exceto a luz de brilho do aparelho. No caso deste livro, a leitura foi rápida e a materialidade (tela pequena) de alguma forma combinou com a trama.

Como no livro havia um personagem que falava rápido, ele estava se confessando para uma mulher, na tela pequena você nem sentia passar, tem página que é muito grande, mas esse livro não, dava para ler muito rápido, e sensação é como se tivesse comendo o livro. Foi bem legal, mas a narrativa ajudou (Anne).

Apesar de gostar da experiência, Anne destaca que tende a se concentrar mais no papel pela possibilidade de fazer anotações e desenhos, como pontos de exclamação, corações a lápis, etc. “Isso ajuda a fixar e a me envolver subjetivamente.” A sensação de poder tomar notas no próprio livro dá a ela um novo sentimento de apropriação. “O livro quando você mexe ou escreve, já se torna um pouco seu, tem um significado maior quando você anota e sublinha.”

Segundo Anne, o bom dos livros digitais é ter muitas opções além de ser uma forma de economizar dinheiro, para quem gosta de ler muito. Numericamente falando, é possível ter mais livros digitais do que livros físicos. No entanto, o principal problema do celular, na sua opinião, é a conexão com a internet e as constantes notificações. Para ela, as notificações atrapalham sua concentração e, para ler, ela costuma colocar no modo avião (sem conexão).

Ficar longe do celular é, na verdade, ficar longe da internet. Acho que a gente está muito condicionada a ficar olhando o celular. É bom porque tenho livro no celular, mas às vezes deixo de ler porque estou na internet. As notificações atrapalham. Fico curiosa para saber o que é. Se a notificação aparece, dá uma “curiosidadezinha”, uma vontade de olhar, aí você que está ali, mergulhado na leitura, acaba saindo (Anne).

Outro dado apontado é o fato de se fazer uma atividade prazerosa em um aparelho multimídia cujo uso é intenso ao longo do dia, o que gera certo cansaço. Para ela, fazer muitas atividades em um mesmo aparelho, ver filmes, redes sociais, ler notícias e ainda ler livros dá a impressão de se estar em um mesmo ambiente o tempo todo.

Incomoda também o fato de que toda a hora você pega o celular, a sensação que dá é que você não está fazendo outra coisa senão a mesma que você já fez. Seria melhor até ter outro suporte, por exemplo, poderia ser um Kindle, mas não isso que você usa o dia inteiro, em que falou com sua irmã, viu vídeo, e tal. Quando chega a noite, e você ainda tá lendo nessa coisa. Vai sempre dar essa sensação de que você tá meio que fissurado e viciado no celular. Tudo está no celular. Além disso, você ainda pega o celular para ler. O livro dá para ler em qualquer momento, mas a mensagem não, tem que responder, porque a pessoa está esperando. É perturbador, parece que você está o tempo todo sendo chamado (Anne).

Sem dúvida, essa característica de constante apelo pode perturbar a experiência de leitura enquanto fuga. Anne também menciona que, às vezes, não ter internet é algo “libertador”, por isso tem procurado desligar a rede de dados móveis quando sai de casa e tenta ler no ônibus.

Nesse sentido, enxerga o livro impresso como meio mais “transparente” – no sentido de se apagar – do que o meio digital do celular conectado.

No livro de papel, a questão é que o papel só tem o apelo da história, e se alguém te chama, você até fala com a pessoa, e volta a olhar para o papel. Com o celular, você tem o apelo de mil coisas, que podem te interromper, e se você olhar para o celular pode fazer outra coisa que não olhar para a história. Interrompe o fluxo de pensamento. Considero mais difícil ler no celular por causa das notificações. Por isso, a importância de não usar a internet (Anne).

A experiência com livros digitais para Bianca aconteceu mais pela necessidade do que pelo desejo. Na faculdade precisou ler um livro cuja diagramação era fragmentada, mas como baixou um pirata pela internet, ficou na dúvida se a fragmentação era intencional da autora ou apenas um erro de conversão para o formato e-pub, extensão típica dos livros digitais que se adequam a diferentes aplicativos e telas. Seu primeiro livro no celular foi comprado por R\$ 9,90 na loja virtual Amazon. Começou a ler *Como se estivéssemos em um palimpsesto de putas* de Elvira Vigna no tablet e depois no celular, principalmente porque no tablet a bateria acabava mais rápido.

Assim como com Anne, as notificações e a vontade de checar as redes sociais também estavam presentes durante a leitura.

No início, achei estranho, pois tinha vontade de checar as redes sociais enquanto eu lia. Tem essa coisa de estar muito ligado nas redes, aconteceu de eu ler de noite aí não tive notificação do Whatsapp, mas se acontecesse ia atrapalhar, ia me distrair, porque eu lia de madrugada. Quando leio livros impressos deixo o celular bem longe para não querer ver, e ali não tinha isso, a não ser que eu acionasse o modo avião, mas eu nem tinha pensado nisso e acho que ia melhorar bastante. Li assim e depois que passei dessa fase de pensar nas redes sociais eu embarquei, mas demorou um tempo. Quando eu me desconecto eu me sinto até melhor para fazer qualquer coisa, inclusive ler. Eu gosto muito de estudar em biblioteca, porque o celular fica bem longe de mim (Bianca).

Tanto Anne quanto Bianca destacaram certa “dependência” dos celulares atualmente e como isso gera ansiedade quando maior concentração é requerida. “Gosto da imersão no livro, o que é uma forma de me afastar do celular. O livro proporciona uma imersão que não tenho no celular, porque o livro... não tem notificação”, comenta Bianca. Ela relata ainda que sua atenção é dispersa no celular, mas que o problema não é o aparelho em si, mas o vício nas redes sociais.

As duas entrevistadas, Anne e Bianca, demonstraram sentir certo sentimento de repulsa em alguma medida com o aparelho celular e a suposta “dependência” que ele provoca.

Demora até desconectar da ideia do celular para poder ler um livro, mas é um apego tão grande com o celular que chega a dar raiva. Ai que saco esse aparelho que suga tanto o meu tempo. É negativo por causa das coisas boas dele, entende? Se não fosse

bom eu não estaria viciada. Há um mecanismo de prazer que ele proporciona com os *likes* e a interação social, mas parece, por outro lado, que é uma interação vazia (Bianca).

Para Cosette, o celular significa “rede social e leitura”, pois acredita que é mais fácil ler livros pelo celular. Assinante do programa Kindle Unlimited (preço mensal para ter acesso a um amplo catálogo de livros digitais), Cosette conta que tenta diminuir o uso de redes sociais em geral, não somente quando está lendo, mas quando lê, procura silenciar notificações.

Eu tento diminuir meu uso de rede social, em geral, independentemente de estar lendo ou não. Agora não tenho mais Facebook, mas, quando eu tinha, eu desinstalei o aplicativo no celular, aí não recebia notificação. Só no Whatsapp recebo, mas se eu não quiser receber, eu silencio. Quando eu leio, eu leio muito mais de madrugada, então eu não tenho distração (Cosette).

Dulcinea conta que resistiu um pouco à ideia de ler livros no celular. Mas lembra-se do dia exato que leu pela primeira vez um livro digital pelo celular mais por necessidade do que por vontade. Da segunda vez, percebeu a praticidade de ter um aparelho conectado à internet e poder baixar livros quase que instantaneamente.

Tive muita resistência, mas naquele dia eu precisava ler o livro. Eu estava lendo um livro, aí estava no ônibus e não tinha nada para ler. Lembrei que eu tinha esse livro no celular, aí comecei a ler. Gostei. Depois, durante uma aula, uma professora mencionou uma obra, e eu fiz o download na hora. Foi esse que li freneticamente no celular (Dulcinea).

Sobre dispersão, Dulcinea tem uma postura diferente. Em sua leitura, não costuma desligar a internet. Quando recebe notificações, em geral, ignora dependendo de quem seja e qual o assunto e, assim, prossegue a leitura.

Quando tem notificação eu ignoro, deixo lá, dependendo do que seja, eu consigo. Com a opção do Whatsapp de responder sem entrar no aplicativo, é melhor, mas eu ignoro as mensagens mesmo. Às vezes, não abro a mensagem. Depende da mensagem, normalmente eu ignoro (Dulcinea).

Emily diz que possui poucas notificações de aplicativos em seu celular, mesmo quando não coloca no modo silencioso, algo que faz com frequência. Conta que, às vezes, desvia a atenção em mais momentos no celular do que no Kindle, mas que já está acostumada a ler livros por pedaços curtos.

De vez em quando você se desvia lendo no celular mais do que no Kindle. No celular leio picadinho mesmo, leio no metrô, no elevador, na fila do restaurante, já é picado assim. E à noite na cama deitada. Minha atenção em relação à história é a mesma, mas que eu e o mundo inteiro estamos com déficit de atenção por causa do celular é um fato, não é? (Emily).

Fiódor conta que sempre está com o celular, o que torna a leitura mais disponível, mas que o problema de ler livros no celular são os aplicativos de comunicação.

Aplicativos tipo Whatsapp, com sempre novas mensagens, me trazem a ansiedade de resolver coisas, assim fico sempre consumindo algo. Não é a quantidade de informação que me deixa ansioso, mas sim as demandas que vêm sem eu solicitar. Se o celular fosse apenas um aparelho em que eu pudesse me conectar à internet, estava bom. O que me incomoda é o fato de ser um meio de comunicação com outras pessoas (Fiódor).

Em termos de atenção, para Galadriel, o livro exige uma dedicação mais exclusiva do que outras formas de narrativas. “Se você colocar um filme para passar e for lavar a louça, ele vai continuar passando, mas se você começar um livro e for fazer outra coisa, ele vai parar de ser lido”, diz. Fã de videogames, ela compara um livro a games que possuem narrativas e dependem da interação do usuário para acontecer. “Tanto em livros quanto em games com narrativas, há uma interação. A história precisa de mim para acontecer.”

Ela também partilha da opinião de que o celular tem nos deixado um pouco dependentes, pois ele envia demandas passivamente.

Você não precisa ir atrás das coisas para que elas cheguem até você, e isso é estressante. Antes eu ficava com o celular, o tempo inteiro. Agora todas as notificações que posso desativar eu desativo, mas ainda assim tem umas que não é possível. Prefiro não ficar mais tanto tempo perto dele. Comecei a perceber como fazia mal as coisas virem passivamente para mim, então resolvi deixar longe (Galadriel).

Homero, por ser mais velho, teve um contato tardio com a tecnologia digital. Por ser músico, sempre se considerou muito “analogico” e isso explica por que demorou a ter um smartphone.

Eu tinha uma ojeriza ao computador. Eu sou muito analógico. Sou músico. Mas descobri que ia ser importante, fui ao trabalho do meu pai e comecei a usar o PC, a treinar. Um belo dia, ele comprou um PC. Comecei a ver o lado positivo da tecnologia. Se eu precisar fazer um arranjo hoje eu uso o computador. Na internet, se me encomendam uma música, tenho um programa para isso. Isso me leva ao celular... quando todo mundo tinha smartphone eu ainda tinha o meu celular normal. Sempre usei o celular para outras coisas, não para ler. Adorava tirar foto, filmar, a última coisa que eu usava era falar ao telefone (Homero).

Ele diz ainda que não tem esse “vício” em celular, comum nas gerações mais novas. O celular, para ele, é necessário para se comunicar com seus três filhos, um de 10, outro de 11 e uma menina de 2 anos. Para ele, que é divorciado, essa comunicação direta com os filhos traz “um conforto, um alívio”. Por isso, quando lê livros no celular, retira as notificações de todos,

exceto dos filhos ou da pessoa que está com eles. E diz ainda que sua atenção não é diferente de outros meios.

Tem vezes que eu silencie direto, sempre que leio eu tiro notificações, só não tiro notificações de quem está com minha filha e dos meus dois filhos. Minha atenção não é diferente, é a mesma, depende do conteúdo, não depende do digital ou do papel, só do conteúdo mesmo (Homero).

“Quando penso em celular, a primeira coisa que vem à cabeça são as redes sociais”, revela Ítalo, usuário de Facebook e Whatsapp. Ele diz que é difícil ficar longe do celular por muito tempo; sente-se desatualizado e costuma dormir perto dele.

Se acontecer de ficar sem celular pode ter um impacto. Às vezes, um dia inteiro é bastante tempo. Parece que estou desatualizado, sem ter contato com o mundo. Não me incomoda estar sempre conectado. Uso as redes sociais, mas leio notícias também. Costumo dormir com o celular próximo... (Ítalo).

Sobre sua atenção, ele diz que depende do tipo de texto.

Minha atenção é a mesma, seja lendo no digital seja lendo no impresso. No livro impresso, se o celular fica do lado, se tocar, eu paro para atender. Se for uma leitura superficial eu paro, mas, se for uma leitura em que eu esteja mais imerso, aí eu não paro (Ítalo).

Jane, que teve seu primeiro telefone móvel aos 13 anos, também diz que está sempre com o celular por questões de segurança e porque “pode acontecer alguma coisa”. Além disso, o celular ajuda a matar o tédio ou quando se está em um ambiente sem nenhum conhecido.

O celular? Sempre está comigo. Não consigo ficar sem. Tem a parte da segurança, se eu vou à esquina sempre levo o celular, porque pode acontecer alguma coisa. Fico com medo de deixar o celular jogado e ter um milhão de notificações. Tenho medo se acontece alguma coisa. E eu posso estar entediada num lugar, e o celular é uma coisa para fazer. Com o celular, você nunca está sozinha. É verdade. Faço muita coisa com o celular, leio livros, jogo, coloco timer... E se eu estou num lugar em que eu não conheço ninguém, o celular ajuda (Jane).

Sobre notificações, Jane diz que já é distraída naturalmente, mas quando está concentrada, tende a ignorar os constantes apelos do celular. “Eu já me distraio fácil com tudo. Quando não quero me distrair, eu ignoro a notificação, e quando eu acabar minha leitura eu volto a checar o celular”, diz.

Lolita, que lê bastante no celular quando está em aldeia indígena a trabalho, relata que, como não tem internet no local, não costuma receber muitas notificações. Quando possui sinal de 3G, acha que os apelos atrapalham não só sua leitura, mas qualquer outra atividade.

As notificações me atrapalham em tudo, para qualquer coisa, não só ler. Acho chato. Não recebo notificação de nada, eu silencie. Tenho problemas de atenção, sempre

tive essa dificuldade. Mas no celular rola uma olhadinha no Whatsapp, no e-mail, mas se eu estou lendo alguma coisa legal, não fico pensando no Whatsapp, não (Lolita).

Já Machado encara as notificações com naturalidade, como parte desta vida em constante conexão. Quando está lendo, costuma ignorar e, só depois que parou de ler, procura checar e responder a mensagens.

Não me incomoda, eu espero terminar de ler e depois vejo a notificação. Faço uma pausa. Faz parte da vida essa conexão constante. Não vejo tão pessimista o uso de tecnologia hoje. Dizem que as pessoas ficam distraídas com o celular, mas há trinta anos era o jornal. Não acho que seja necessariamente alienante [o celular] (Machado).

3.4.3 Materialidade e afetividade

A maioria dos entrevistados mencionou pouca aderência a tecnologias digitais e busca pelas melhores marcas de celulares no mercado, afirmando não trocar de aparelho com tanta frequência.

Anne diz que não costuma acompanhar modelos e marcas, apenas nota diferença entre um celular do tipo smartphone e um comum. A versatilidade dos livros digitais e a possibilidade de ler em diversas mídias são pontos favoráveis à leitura, mas ela destaca a relação subjetiva com livros impressos.

Os livros digitais tem sua vantagem porque posso ler o livro na tela, aí depois eu compro. Claro que a experiência de ter o livro de papel na mão é indiscutivelmente melhor do que o livro no smartphone. Você pode pegar nas páginas, gosto de uma parte, aí eu sublinho em lápis, não em caneta, então você acaba tendo uma relação subjetiva com o livro em papel. Já no smartphone é a maior merda, já tentou marcar? No Kindle, até fica bom. Mas no smartphone não (Anne).

Bianca considera os livros digitais baratos, e o preço é uma vantagem, assim como a portabilidade. Sua mochila não fica tão pesada ao carregar livros no celular. “Costumo carregar muitos livros, e minha mochila está sempre pesada, mas quando o livro está no celular é zero peso.”

A questão de se ter uma biblioteca física em contraposição a uma biblioteca virtual foi presente em sua fala, o que demonstra certa afetividade em relação ao objeto impresso.

Amo ter minha estante, ela fica em frente à minha cama, e agora que estou pesquisando livros escritos por mulheres, eu fiz a experiência de separar os livros escritos por mulheres e os livros escritos por homens. Dá seis prateleiras de livros escritos por homens e um bolinho só de escritos por mulheres. E quando fui comprar este e-book [da Elvira Vigna], eu até pensei *puxa assim não vou fazer crescer minha biblioteca feminista!* (Bianca).

Cosette só teve um smartphone em 2014, quando todos os seus colegas já tinham. Ela conta que antes do smartphone lia livros digitais no tablet ou no leitor eletrônico Kobo. “Quando peguei o smartphone para ler, não consegui mais soltar”, lembra Cosette. Ela lê livros digitais e, depois, compra o impresso, principalmente para deixá-los na estante, intocáveis e ainda com plástico. Quando comprou o box de *As crônicas de gelo e fogo*, do escritor norte-americano George R. R. Martin, leu apenas o primeiro volume na edição impressa e os outros leu em formato digital no celular.

É mais conveniente ler no celular. Leio muitos livros ao mesmo tempo, leio um de crítica, um romance e outro romance, aí se eu for carregar os três... talvez fosse até bom porque eu leria um de cada vez. O bom é que não prejudica os meus livros, eles ficam bonitinhos na estante, guardados num saquinho de plástico. Eu tenho muito mais livros em formato digital do que físico, acho que já li mais digital do que físico. Quando eu compro um livro físico, acabo lendo ele em digital, mas não são todos no digital que prefiro (Cosette).

Se para Anne fazer anotações no livro digital é um incômodo e assinalar o impresso é algo que a aproxima do objeto, para Cosette é o contrário. Ela prefere ter a liberdade de fazer anotações, sublinhar e marcar no livro digital, “porque no impresso, eu não faço, eu não mexo”. Há também o apego ao arquivo digital:

A única desvantagem é que, se você apagar o livro, você perde as anotações. Então, você tem que ficar com aquele arquivo do livro “amontoando” no celular, e isso é chato. Sinto falta do livro digital, sou apegada, só apago mesmo quando não vai fazer falta (Cosette).

Apesar de não se interessar muito por marcas ou por tecnologias em geral, Cosette reconhece que o celular com internet oferece muitas opções de sociabilidade, já que permanece com ele por longos períodos durante o dia. Em suas palavras, “está tudo ali”.

Não dá pra dizer que o celular é uma coisa com a qual não me importo muito, apesar de não me importar com a tecnologia, com o aparelho, mas me importo pelo que ele me proporciona, pois estou com ele o tempo todo. Está tudo ali: ele proporciona o contato com os amigos, o acesso à informação, e também proporciona agora a leitura, e isso melhora minha relação com o celular, mas não pela tecnologia, pela marca e sim pelo que ele vai me proporcionar (Cosette).

“Não sou muito atendida em relação a tecnologias, acabo sabendo quando meus alunos comentam ou meu marido fala alguma coisa”, afirma Dulcinea, que dá aulas para crianças. Dulcinea já teve um Kindle, que comprou na promoção com o objetivo de não acumular cópias impressas da faculdade. Agora só lê no celular quando não está disponível o livro impresso.

No celular, a leitura fica no lugar “não tenho o livro físico”. É fácil segurar um celular, está sempre ali, acaba sendo mais fácil ler no celular do que no tablet por causa do tamanho do celular. Gosto de dar um zoom para ajustar e ficar maior só. Foi confortável ler, era fácil de ajustar. A vantagem de ler no celular também é buscar uma palavra e no livro não tem como (Dulcinea).

Emily, que hoje compra e lê mais livros digitais que impressos, destaca que os celulares de telas maiores favoreceram a leitura de livros e que hoje não sente mais falta do livro impresso, que considerava um “fetiche”.

Às vezes, quando fico muito tempo no celular, fico com dor de cabeça. Principalmente quando eu tinha um celular menor, a letra era pequena, quando as telas aumentaram, melhorou, mas o brilho incomoda um pouco, Não sinto falta de nada do livro impresso, só essa parte de ter dedicatória. Nem capa. Eu dei todos os meus livros, até os que não tinha lido, porque eu sabia que se eu fosse reler algum eu não iria reler no papel, nunca mais vou pegar para ler, não ia ter interesse nenhum. Raramente releio. Era um fetiche pelo objeto, hoje não faz sentido nenhum. A mesma coisa aconteceu com o CD, os DVDs, a gente vai se desfazendo, ninguém mais acumula paredes inteiras de CDs e DVDs, porque está tudo digital (Emily).

Fiódor conta que já lia livros digitais em e-readers e tinha resistência em ler no celular até que resolveu fazer um teste de ler um romance inteiro no aparelho e aprovou da experiência.

Eu lia no e-reader por causa da luz. Sempre tive resistência com o celular. Aí resolvi fazer um teste para escrever um texto sobre isso em um blog sobre livros digitais. Peguei um romance não muito grande, de 150 páginas, decidi ler e foi uma boa surpresa. Achei que fosse ficar mais distraído; percebi que estava lendo mais rápido; foi bastante confortável a plataforma na Kobo. Melhor do que tinha imaginado. Depois li livros maiores, de 400 páginas. Achava que a luz ia me cansar e tal. Outra vantagem: o e-reader não cabe no meu bolso. O celular está no meu bolso, posso ler onde eu quiser... mesmo em pé no ônibus. Transporte público virou meu lugar de leitura no celular (Fiódor).

Diferente de Cosette, Fiódor nunca leu um livro digital e depois comprou o impresso. Diz que só compra o livro impresso quando há algum apelo visual. Nesses casos, ele prefere o impresso. Acredita que há certo apego nos dois suportes, porém, a afetividade em relação ao celular e aos livros digitais é de outra natureza.

A relação de apego em livros no celular é completamente diferente, é outra relação. O impresso parece ser uma relação mais próxima, você quer guardar na sua estante, há um lugar especial para aquele livro. Quando é e-book, apesar de estar em um lugar especial, na minha biblioteca virtual, no aplicativo, é diferente. Não abraço o celular depois de ler, sabe... (Fiódor)

Galadriel diz que já foi apegada a livros impressos, a ponto de sequer doar ou riscar um livro. A possibilidade de ler em diversas plataformas parece ter mudado sua perspectiva. “Existe um pouco a questão de se ter livro. Já fui apegada, mas hoje se eu não tiver marcador vou dobrar a orelha, vou enfiar a caneta, se não faz mais sentido, ele vai embora”, conta.

Mesmo não sendo tão apegada aos impressos como antes, a relação de apego com o celular é ainda menor para ela:

O celular é mais ligado ao simples consumo do que ao afeto. Por exemplo, você pode trocar de tempos em tempos de modelo. O livro não é possível trocar de modelo, pode até trocar de edição, ter uma capa mais bonita, mas o apego ao objeto livro está ali, o apego ao celular não, mesmo que você ame aquele celular, uma hora ele vai parar de funcionar, o livro não (Galadriel).

Homero lembra que tinha certo preconceito com livro digital, assim como teve na passagem do vinil para o CD. Ele compara o ritual de se escutar um vinil e o ritual de ler um livro digital.

Eu bebia uísque, pegava minha vitrola e botava meu vinil, e ficava lá curtindo. O livro digital não tem um ritual, ele é digital. É diferente, não é melhor nem pior. O digital tem menos emoção. Você pega o livro digital, vai ler aquela informação, tá ali, é genial, mas não é como pegar o livro impresso, sentir a capa, o manuseio (Homero).

Ítalo vê a organização como a principal vantagem em ler livros no smartphone. Ele costuma organizar seus livros digitais em pastas, mas quando gosta de um livro em particular, prefere comprar para tê-lo na estante.

Os livros digitais ficam separados em pastas no Dropbox, assim fica fácil voltar ao texto do que com o livro físico, que você não sabe onde colocou... Baixo os livros piratas ou os de graça, comprar é raro. Geralmente pego esses livros digitais, mas se for um livro que eu goste e ache importante, prefiro dar meu dinheiro no impresso. É a coisa de ter o livro. O importante é adquirir aquela informação, mas tem a coisa de colecionar, ver na estante, a posse do objeto. Tenho uma estante, gosto de colecionar séries, livros antigos e raros. O digital é só um meio de acessar a informação de modo mais fácil. O impresso tem uma questão mais afetiva, o toque. (Ítalo)

Jane prefere livros impressos apenas pelo fetiche do objeto. Confessa que tem lido muitos livros digitais no celular, por conta do espaço em sua casa. Começou a ler ficções digitais no celular em virtude de sua pesquisa de mestrado que é sobre distopia juvenil.

Eu prefiro livro de papel, leio no celular e no e-reader, mas prefiro o papel. Tem mais liberdade para marcar com lápis, dependendo do livro. O visual também é importante. É o fetiche do livro. Mas tenho usado o digital, porque não tem espaço em casa, há livros que são enormes, e ficar imprimindo tudo é ruim. A vantagem do celular é o tamanho. Por ser pequeno, posso levar para qualquer lugar (Jane).

Sobre livros digitais, Lolita acredita que o conhecimento deve estar acessível para todos. Ela costuma baixar livros da internet de graça. Mesmo no celular, ela costuma ler no formato pdf, porque “lembra mais o livro impresso”, mas costuma fazer anotações no papel. Quando não está lendo para estudar, costuma ler todo tipo de texto no celular.

Leio no celular o tempo todo. Se não é livro, é artigo, ou alguma coisa idiota... Leio os livros por partes, leio um capítulo, paro, desço do ônibus e retorno a leitura. A vantagem é ter o que você precisa ali. Não necessariamente vou ler o livro inteiro, então leio um capítulo e, em outro momento, leio outro. Minha relação com o Dropbox e o Google Drive é como uma biblioteca. Gosto de ter ela ao meu lado o tempo todo. É uma relação de ida e volta em alguns livros (Lolita).

Machado afirma que apenas lê no celular quando não há outras opções. Prefere ler no notebook ou no tablet por causa da tela maior quando o foco é o estudo, mas no celular, quando são leituras de entretenimento.

Só leio no celular quando não tenho outras opções. Costumo ler na universidade ou no ônibus. Agora que estou com um livro na mochila eu não uso celular. Só em último caso, ou seja, quando não tenho o impresso ou o tablet. A tela maior do tablet facilita a leitura, e já está sincronizado com todas as minhas nuvens. Quando preciso estudar um texto, uso o computador ou tablet. Quando leio no celular são leituras para passar o tempo mesmo, são leituras por prazer (Machado).

3.4.4 Leitura e maternidade

Dos 12 participantes, duas entrevistadas já tiveram a experiência de serem mães e ambas destacaram as vantagens de ler livros no celular na maternidade e, principalmente, durante a amamentação.

“Se eu quiser reler eu não vou reler em papel, eu não gosto mais de ler em papel, só quadrinhos ou *graphic novels*; o resto acho horrível de ler em papel”, revela Emily. No entanto, houve resistência em migrar do papel para o digital. Só teve interesse mesmo em livros digitais quando teve o primeiro filho.

Era muito mais fácil amamentar e ler segurando o livro com uma mão só e ir passando uma página, porque é impossível você segurar o bebê numa mão e passar a página com outra. Percebi essa possibilidade de ler no celular quando virei mãe. Eu nunca tinha lido no celular antes. Minha primeira experiência com livros digitais foi no celular, mas depois comprei o Kindle, e depois celulares maiores. Só tenho celulares grandes justamente para poder ler e eu leio muito mais no celular hoje do que no Kindle. O celular está comigo o tempo inteiro. Carregar o celular e o Kindle na rua não é prático (Emily).

Cosette, mãe de uma menina de 3 anos, também conta que foi a maternidade que fez ela migrar para livros digitais. Com frequência, ela lê durante a madrugada, melhor horário para ela porque há menos notificações de mensagens e pelo fato de sua filha estar dormindo. Ler no celular amamentando também foi uma opção para ela.

Depois que tive a minha filha, não consigo tempo sozinha para ler, porque fico em casa com ela o dia inteiro. Sou mãe em tempo integral, e não dá para você ler um livro com uma criança pequena que demanda atenção o tempo todo, então eu aproveito quando estou amamentando e na hora em que ela está dormindo (Cosette).

Acrescenta ainda que é difícil amamentar e segurar um livro ao mesmo tempo. Quando lia *As crônicas de gelo e fogo*, era complicado passar a página de um volume grande e amamentar ao mesmo tempo. “Foi isso que me fez migrar para o celular e a tela pequena não incomodou.”

3.4.5 Livros 24/7

Quatro entrevistadas afirmaram seguir recomendações automáticas de livros digitais em sites da internet. Apontaram dois tipos de recomendações: as presentes em sites de compras de livros em que o usuário cria um perfil e, baseado em seu comportamento de compra anterior, são enviadas recomendações de produtos por meio de algoritmos; e sites que utilizam a técnica de remarketing, que disponibiliza anúncios “seguindo” o usuário por diferentes sites caso ele tenha pesquisado um título específico em um site de busca.

Bianca utiliza o aplicativo da Kobo e tem notado as recomendações de leitura em sua conta no aplicativo com base no que já consumiu anteriormente.

Eu gostei muito do aplicativo da Kobo, porque ele mostra promoções principalmente, e tem um sistema de recomendação. Achei esse sistema muito bom, porque como baixei um livro de literatura brasileira, ele mostrou vários outros que tenho interesse em ler, aí já fiquei fuçando o *preview*, achei bem legal (Bianca).

Cosette menciona a facilidade de acesso a livros pelo celular e isso fez com que lesse muito mais livros digitais. Como ela lia muitos livros em inglês importados, a compra feita pela internet de livros impressos demorava, no mínimo, 30 dias para chegar. Ela utiliza diversas plataformas, busca livros gratuitos na internet e considera as recomendações de sites de compra de livros.

Pelo celular consegui ler livros que eu nunca conseguiria ler se não fosse no formato digital. Uso o Kindle, Google Books e Kobo. Tenho mais acesso a livros com o celular, pego no Gutenberg Project. É mais fácil de procurar, é mais fácil de achar, e você ainda tem recomendações (Cosette).

Emily costuma acompanhar seus autores favoritos por meio de websites, e quando sai um livro novo ela rapidamente busca o título na Amazon. Em sua conta da Amazon, que divide com marido, costuma passar algum tempo navegando entre milhares de títulos. Ela destaca a prontidão em se baixar um livro pela internet e lê-lo no celular, o que a ajuda a ler mais.

Acompanho muitos autores na conta da Amazon que divido com meu marido, então fico navegando naqueles milhares de livros recomendados. Se eu li em algum lugar sobre um livro, ou se alguém me falou de um livro, eu imediatamente baixo uma amostra ou compro e começo a ler, não preciso esperar, não preciso ir a uma livraria, não preciso encomendar. Leio imediatamente. O celular me ajuda a ler mais (Emily).

Jane diz que olha as recomendações de leitura e, às vezes, há títulos que lhe interessam. Aponta que o algoritmo costuma oferecer apenas os gêneros que ela comprou, limitando seu interesse por livros de gêneros diferentes.

Eu sempre olho as recomendações nos sites e, às vezes, tem coisas que me interessa. Só que é chato quando comprei apenas um livro de um gênero, e essas recomendações ficam me perseguindo com aquele gênero, mas eu só comprei uma vez, não queria mais (Jane).

3.4.6 Sentidos do livro

Para todos os entrevistados, a possibilidade de ler um livro em diversas plataformas (digital ou impressa) modifica ou amplia as visões e os sentidos do livro. A maioria tem a percepção de que essa pluralidade favorece a ideia de um livro-texto que pode estar em diferentes suportes, ou seja, uma essência imaterial (a história, narrativa) habitando diferentes objetos materiais (a tela, o papel).

Para Anne, o conceito de livro passa necessariamente pelo livro de papel:

Quando você pensa na palavra livro, não consegue imaginar um smartphone. Um smartphone é um smartphone, o livro é o conceito do livro de papel, então, no meu entender, livro é o livro de papel. A leitura é diferenciada. Você pode ler em outras plataformas, não necessariamente no papel. Mas livro é livro impresso no papel (Anne).

Já Bianca tem um conceito mais amplo de livro, porém circunscrito ao livro escrito.

Na minha visão, um livro é um registro escrito. É preciso ser escrito e conter páginas. São palavras organizadas em uma dada superfície. Talvez não precise necessariamente de parágrafos. Acho que livro é isso, é um lugar de registro, é um lugar de memória (Bianca).

Para Emily, o mais importante é a história, a narrativa. Assim, ela reforça a noção de que o livro é “conteúdo” apenas, sendo acessível em qualquer meio.

O que importa é o que está escrito, é a história, não importa onde está escrito. Há uma separação entre meio e conteúdo. Continuo pensando que estou lendo um livro, pode ser de papel ou no Kindle. Não acho que o papel faça o livro. Para mim, livro sempre foi conteúdo. Já gostei do objeto livro, hoje não importa mais. Ainda gosto de ir a livrarias, mas não compro, porque sei que não vou ler. Acho um trambolho, já estou cheia de coisas, celular, etc. E ficar com duas mãos ocupadas no metrô em meio a um monte de gente, realmente, não é prático (Emily).

Para Cosette, a palavra “livro” perderá sua função, pois ainda está ligada ao livro impresso. Com mais possibilidades de suportes, o gênero literário é o que ganhará mais importância:

Acho que podíamos começar a chamar os livros pelo gênero, romance, conto, porque há o livro físico, mas muitos só tem no digital. Muitas pessoas escrevem direto para a Amazon. Hoje são coisas independentes, suporte e conteúdo, não tem mais esse vínculo, não precisamos do suporte de papel para acessar o conteúdo, você pode acessar o conteúdo em diferentes suportes (Cosette).

Já Dulcinea acredita que o “livro” ainda existirá, porém o conceito será diferente.

Não seria um problema continuar chamando de livro esses e-books que lemos no celular ou em outras plataformas. Se o objeto acaba, você pode continuar usando o mesmo nome para outra definição. Hoje tudo é mais fácil, você tem mais meios de acessar determinada coisa, faz sentido o suporte e o texto não serem tão vinculados (Dulcinea).

Para Fiódor, com os livros digitais, a plataforma perde um pouco a importância. O que importa é o texto.

Livro para mim é uma unidade de texto com sentido. Se *Ulysses* de James Joyce estivesse escrito na parede seria um livro. Esse conceito é meio solto, admito, mas isso tira o destaque da plataforma em si, e coloca mais ênfase no texto. Texto é texto, independente do suporte (Fiódor).

Galadriel também partilha da mesma opinião. Para ela, tudo que hoje se entende como um “livro” é mais importante que suportes, com destaque para o papel da tradição do códice e de outros agentes nessa definição, como as editoras.

Acho que o livro tem uma intenção editorial, mesmo que não haja uma editora por trás, mesmo que seja autopublicado, você nunca perde de vista a organização, os capítulos, os parágrafos, etc, com o objetivo de deixar claro que aquilo se encaixa numa tradição, que seria a do códice. O que diferenciaria um livro de um artigo de um jornal, por exemplo, se está tudo na tela? (Galadriel).

Homero acredita no potencial da leitura de mudar a sociedade. Por isso, acha que o suporte importa pouco diante da qualidade da informação.

Livro para mim é uma possibilidade, abre portas para qualquer coisa que você queira. Independentemente de ser papel ou digital, se as 7 bilhões de pessoas do planeta soubessem das possibilidades do livro a sociedade estaria muito à frente de tudo. Em alguns lugares, os livros são tratados como relíquias; só os poderosos podem ter acesso. Só que não adianta pegar o *Dom Quixote* e dar pra um cara que nunca leu o Machado [de Assis] (Homero).

Ítalo destaca que o importante em um livro é o texto contado de forma interessante.

Em minha opinião, um livro, se for de ficção, é o texto que conta uma história interessante. Se for acadêmico, que traga teorias relevantes. Assim, para mim, nesses

casos, formato é indiferente. Prefiro o impresso, mas se tiver o digital, eu leio também (Ítalo).

Jane tem uma opinião semelhante a Galadriel. Destaca o peso do que a sociedade em determinada época chama de livro. “Um livro é apenas uma junção de palavras escritas que alguém falou que é um livro. É uma unidade.”

Lolita também afirma que o suporte não importa, já que os livros estão ligados ao conhecimento e às ideias. No entanto, em sua opinião, gosta de possuir os livros impressos e imaginar a história que é contada pela materialidade do objeto, quando imagina antigos leitores que deixaram seus rastros em livros de sebo. Para ela, um livro...

...é um espaço onde as pessoas discorrem suas ideias, suas reflexões... Para mim é o local de acesso a essas reflexões. Sinto a necessidade de ler tudo, para não deixar nada escapar. Minha relação com a leitura há muito tempo é de pesquisa, de acrescentar. Para mim é fonte de conhecimento, de ideias. Não está ligada ao suporte, mas confesso que gosto do livro de papel, quanto mais velho melhor. Sempre vou a sebos. Mesmo sem ser de pesquisa, quanto mais velho, mais empoeirado, melhor, fico pensando em quantas pessoas já leram esse livro, quantas marcas de café e chá... fico imaginando não só a história de quem escreveu, mas a história de todo mundo que já pegou aquele livro (Lolita).

Machado destaca que o livro é o livro físico, mas dá uma definição mais ligada ao conhecimento e às ideias.

O livro físico? O livro pode ser muitas coisas e servir para muitas coisas, pode ser de ficção, filosofia, teoria, mas, pensando apenas como objeto, pode servir para decorar a sala, por exemplo, ou pode ter a finalidade de guardar e conservar o conhecimento a longo prazo (Machado).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho, refletimos acerca da relação entre livros, leitura e tecnologia, procurando entender as particularidades desta atividade por meio de autores referência no tema. Constatamos que é relativamente fácil cair em análises evolucionistas e deterministas no tocante à tecnologia em qualquer aspecto. Por isso, procuramos problematizar essa abordagem em relação ao livro e vimos que há múltiplos agentes e forças que atuam no encontro do texto e seu leitor. Historicamente, a cada avanço tecnológico, há tanto coexistências quanto rupturas, o que ficou evidente no caso dos leitores aqui pesquisados. Também procuramos entender os principais aspectos tecnológicos e materiais do livro eletrônico e do livro no celular.

Em seguida, procuramos entender o universo dos telefones celulares e sua ligação com o desenvolvimento da informática nos Estados Unidos, que daria origem aos atuais smartphones. O ambiente de conexão constante exigido pelo capitalismo do século XXI levou à popularização dos aparelhos celulares, proporcionando de forma instantânea o consumo de bens de qualquer ordem, incluindo o livro. Um ambiente marcado por algoritmos certamente personalizará ainda mais a experiência do leitor – neste contexto entendido como o usuário –, o qual, lendo em diferentes telas e diferentes suportes, terá outra perspectiva acerca do livro e do sentido da leitura em comparação a seus antepassados. Na pesquisa de campo, esse aspecto também esteve presente nos relatos dos entrevistados.

A seguir, apresentaremos nove conclusões da pesquisa de campo, procurando costurar um paralelo com o arcabouço teórico apresentado nos primeiros dois capítulos desta dissertação.

A primeira conclusão a que chegamos foi que todos os entrevistados nesta amostra que gostavam de ler já possuíam, em alguma medida, uma relação de afetividade tanto com o objeto livro quanto com universo da leitura. Tal prazer em ler foi, em grande parte, estimulado pelo ambiente familiar durante a infância. Nesse contexto, verificamos que o apelo material dos livros impressos – capa bonita ou feia, estantes, livros escondidos em armários, bibliotecas, feiras comerciais com muitos impressos expostos, etc – foi, por vezes, um fator decisivo ou encorajador para despertar a curiosidade e o prazer de ler para os entrevistados desta pesquisa. Esse dado sobressaiu ainda mais na fala de uma entrevistada, mãe de dois filhos pequenos, que demonstrou certa preocupação em evidenciar a leitura de livros por celulares às crianças. O celular, por possibilitar inúmeras tarefas, garante algum sigilo a elas; já os impressos expõem e evidenciam o perfil do leitor, principalmente em espaços públicos.

É fácil imaginar cenas em que uma conversa entre desconhecidos seja iniciada pela capa de um livro, facilitando a interação social. À época do surgimento de leitores eletrônicos como o Kindle, a capa já não seria possível identificar, mas a atividade da leitura era mais dedutível nesses aparelhos em comparação aos celulares atuais.

A segunda conclusão está relacionada à atenção durante a leitura no celular que, pelo que vimos, parece andar em paralelo com o interesse individual pela leitura. Boa parte dos entrevistados mostrou-se incomodada com as constantes notificações e demandas que povoam os celulares conectados à internet. Alguns chegam a silenciar esses apelos para conseguir “embarcar” na leitura, atividade que foi vista como uma fuga, viagem, algo que exige concentração, para a maioria dos leitores aqui analisados. Entretanto, quatro entrevistados afirmaram encarar com naturalidade as notificações e que tendem a ignorá-las quando querem e que elas não tornam a leitura mais dispersa. Outros não mencionaram os constantes apelos, mas uma vida mais exigente onde o tempo é curto e repleto de tarefas, e que isso sim pode tornar mais difícil a leitura, confirmando a análise do tempo em Crary (2014 – e onde a própria experiência da leitura em celular torna-se um exemplo. Pensávamos que ler no celular, com a possibilidade de ser interrompido por avisos não solicitados, próprios desses aparelhos, pudesse comprometer o nível de envolvimento e engajamento na leitura. Verificamos, porém, com os diferentes relatos, que este dado é de difícil mensuração e depende de fatores externos ao aparelho, uma vez que cada leitura é única e individual, sendo o estágio mais difícil de se estudar no campo dos livros (DARTON, 1982). Assim, afirmações como a de que a mídia digital proporcionaria uma leitura “rasa” ou “superficial” tornam-se, no mínimo, questionáveis. Muitos afirmaram ainda que sua atenção depende do envolvimento com a história, com o texto, ou seja, o “conteúdo” não dependeria do suporte em termos de concentração.

A terceira conclusão foi que a disponibilidade dos celulares propicia mais ocasiões de leitura. As entrevistas apontaram que o smartphone é entendido como a mídia mais disponível em comparação a outros meios digitais, tanto pela materialidade (portátil, leve) quanto por sua imprescindibilidade nos dias atuais (poder realizar várias tarefas em um único aparelho), o que favorece leituras 24/7, curtas e compartilhadas com outros aparelhos, até mesmo o impresso. Com o celular, a leitura torna-se ainda mais corriqueira, mais disponível no cotidiano, pela inviabilidade (peso na mochila) ou indisponibilidade (preferências momentâneas) do livro impresso. Como apontado por estudos na área (MANGUEL, 2006; LYONS, 2011; MELLO JUNIOR, 2016), a materialidade do impresso ainda exerce certo encanto, principalmente para aqueles que gostam de ler e colecionar livros. Verificamos que

ainda predomina uma visão romântica do objeto livro, visto como um monumento ao conhecimento e à vida intelectual. Por isso, a maioria dos entrevistados relatou preferir o livro impresso, mesmo diante das vantagens do celular. Sentenças de que o livro abre portas, gera conhecimento, muda a realidade, foram frequentes, atestando essa visão romântica. Um pouco dessa perspectiva idealista tende também a se transportar para o livro de celular, porém de uma forma diferente, na medida em que afirmam que o livro – essa fonte de conhecimento – ainda vai durar muitos anos e não está ligado ao suporte. Isso evidencia um aspecto do sentido do livro mais enquanto texto, da qual detalharemos adiante.

A quarta conclusão é consequência da terceira: sendo a mídia mais disponível, os celulares favorecem a compra ou a aquisição por download de forma instantânea. Entrevistados citaram situações em que se lembraram de um título ou ouviram indicações de um professor e rapidamente conseguiram acesso ao conteúdo por meio da conexão com a internet. Além disso, os sistemas automáticos de recomendação mostraram-se pertinentes para alguns entrevistados, na medida em que sugerem títulos baseados em outros já lidos. Esse dado corrobora as análises dos algoritmos e sistemas matemáticos de risco que predizem o futuro com base em comportamento passado e que são bastante utilizados em estratégia de marketing digital (O'NEIL, 2017). Uma das entrevistadas comprou um título de um gênero e, depois, se irritou quando outros títulos foram lhe sugeridos em websites de compra de livros. Esse fato suscita algumas questões: Em que medida tais sistemas reforçam a noção de “bolha” tão comum nas redes sociais? Como os novos leitores descobrirão outros gêneros ou outros autores diferentes do que já leem? Essas são algumas questões levantadas pelas entrevistas.

Dessa forma, vemos exemplos na pesquisa que confirmam o consumo de bens a qualquer tempo e a realidade de coleta de dados na rede, sendo características típicas do capitalismo contemporâneo (CRARY, 2014). Nessa perspectiva, pode-se relativizar a afirmação do escritor inglês Aldous Huxley na distopia *Admirável Mundo Novo* de que “não se pode consumir muita coisa, se se fica sentado lendo livros”. Nos dias atuais, momentos de leituras em aparelhos conectados à internet podem servir para coleta de informações sobre o leitor, favorecendo a construção de um “perfil” que receberá recomendações de compra de outros títulos relacionados. A leitura não estaria tão longe do consumo assim.

A quinta conclusão a que chegamos foi que o baixo nível afetivo das mídias digitais é confirmado no caso do celular para essa amostra. Esse dado relaciona-se à afirmação de que o texto eletrônico proporcionaria aos seus leitores uma relação mais distanciada com o escrito (CHARTIER, 1999, p.16), reforçado também pela passagem de um texto digital por vários corpos quase que instantaneamente, por meio da internet em aplicativos. Talvez por estar mais

ligado ao consumo e ser mais descartável que o impresso – é possível trocar de marcas em pouco tempo, sendo mais raro trocar de edição no caso de livros impressos. Relatos de leitura de livros digitais e posterior compra de livros impressos para guardar na estante, por exemplo, reforçam a noção afetiva da materialidade do formato códice relacionada à memória, que pode servir para lembrar os leitores dos seus instantes de leituras esquecidos (CERTEAU, 1998, p. 49). Aspectos materiais dos livros impressos – cheiro do papel, toque, capa, formato, etc – foram ditos, porém, não houve um relato afetivo de aspectos materiais do celular. Ao contrário, a maioria afirmou que negligencia marcas e se preocupa apenas com a usabilidade do aparelho para leituras (neste aspecto, as entrevistas apontaram que as telas maiores favorecem a leitura de livros e textos mais longos). Das peculiaridades da leitura em celulares para esses leitores está o fato de que a materialidade do aparelho proporciona economia de espaço e praticidade. Seja em casa – evitando papéis e livros –, seja em trânsito – na mochila a caminho da faculdade ou no metrô a caminho do trabalho. Isso está em consonância com a tendência mercadológica de menos objetos e mais serviços, como aponta Crary (2014, p. 11), que ressalta que a época de acumulação de coisas materiais já passou.

Além disso, alguns demonstraram certa insatisfação com a “dependência” do celular atualmente, sentindo-se um pouco incomodados com essa conexão constante. Sendo a leitura vista como uma atividade de fuga e de entretenimento pela maioria dos entrevistados, é interessante notar se este desconforto relacionado ao aparelho, de fato, afeta a experiência do leitor. Nota-se que os feitos materiais indicados estão mais relacionados à funcionalidade do que à afetividade. Nesse sentido, Crary (2014) aponta que existe certo prazer na posse desses aparelhos, porém tais objetos são marcados pela transitoriedade e decadência (CRARY, 2014, p. 28), o que pode explicar que, ao mesmo tempo em que leitores procuram por um celular bom e funcional, há certa consciência de que aquele objeto não durará muito. Talvez isso explique em parte o baixo apelo afetivo dos celulares quando comparados aos livros impressos. Um relato exemplar é o de um entrevistado que, ao terminar um livro no celular, diz que não vai abraçá-lo, como o faria se fosse impresso.

Ainda neste ponto percebemos uma relação curiosa entre prazer e obrigação nos telefones celulares. A fala de uma das entrevistadas tocou na questão de se fazer uma atividade prazerosa como a leitura em um aparelho de uso intenso ao longo do dia para atividades consideradas não tão prazerosas – como falar com parentes, pagar contas, responder mensagens, etc. Frases como “tudo está no celular” ou “está tudo ali” revelam a relevância dos aparelhos em tarefas do dia a dia na contemporaneidade.

A sexta conclusão é que o celular parece não ter muita relevância em termos de favorecer um conteúdo específico. Esperava-se que o celular fosse o meio preferido para leituras rápidas e fáceis, mas isso se mostrou relativo. Alguns dos entrevistados afirmaram gostar de estudar lendo no celular, tomando notas e marcando trechos. Outros preferem realizar todas essas tarefas no impresso, talvez por uma memória relacionada ao ato de estudar.

A sétima conclusão desta pesquisa é que a conexão com a internet e o acesso a aplicativos de organização de livros digitais favorecem rotinas de autoadministração, conforme apontado por Crary (2014). Dois entrevistados disseram que utilizam aplicativos que simulam bibliotecas e pastas que deixam organizados os livros digitais lidos. Essa organização foi apontada por um dos entrevistados como um ponto positivo de se ler no celular – o acesso à nuvem e pastas de arquivos estruturados. O acesso imediato a dezenas de títulos pode se configurar como uma ilusão de escolha e autonomia, uma das bases do sistema global de autorregulação, o neoliberalismo (CRARY, 2014, p. 27).

A oitava conclusão foi a visão positiva do universo digital como um todo, confirmando o contexto de influência das empresas de tecnologias do Vale do Silício, analisado por Barbrook (2009). Foram frequentes afirmações simpáticas ao livro digital, visto como a possibilidade principal de ampliar o conhecimento e torná-lo mais acessível por meio da internet. Ter muitas opções, garantir um conhecimento universal, ajudar a ler mais foram algumas das vantagens associadas aos livros digitais. Porém, como afirma Wu (2012), as empresas que trabalham com conteúdo digital estão sujeitas a regulações, práticas de mercados, e outros agentes que podem inviabilizar tal sonho de uma biblioteca universal digital. Em suma, como vimos, não há nada intrínseco ao digital que lhe confira um caráter mais democrático nesse sentido.

A última conclusão está relacionada aos sentidos do livro hoje. Pudemos perceber que quase todos os entrevistados demonstram em suas falas que a diversidade de suportes favorece a compreensão do livro mais enquanto texto do que enquanto livro, nos termos de Price (2013, p. 4). O apelo da história e do gênero literário esteve presente nos relatos de quatro entrevistados. Entendimentos do livro como “conteúdo”, com destaque para o papel do gênero literário na importância do sentido de uma obra foram frequentes e demonstram o predomínio novamente da esfera do texto sobre o livro. O digital funcionaria como um “frasco transparente” para boa parte dos entrevistados, os quais veem o celular como um meio de acessar a informação de modo mais fácil. Essa visão está associada à noção de que o celular – assim como outras mídias digitais – seria apenas um novo meio de ganhar acesso a

um material já existente, como se o conteúdo de uma mídia pudesse ser apenas “despejado” na nova mídia (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 45).

Por vezes, os entrevistados citaram a palavra “informação” compreendida como texto, como o texto que “emanaria” do físico. Elementos materiais do digital parecem ser negligenciados ou ignorados por esses leitores. Frases que reforçam a ideia de que texto é texto, independentemente do suporte, apareceram e ecoam a noção histórica de autoria e de “texto-mestre”, defendida pela crítica textual, visão que McKenzie (1999) confronta. Dessa forma, a dimensão textual como detentora do sentido único de uma obra parece ganhar força entre esses leitores de livros digitais em celulares aqui pesquisados.

É interessante notar ainda a utilização da palavra “objeto” pelos entrevistados. Com o sentido de algo físico e material, o termo refere-se ao livro impresso, como se o digital não fosse dotado de certa materialidade – ainda que variável. Isso reafirma a visão do arquivo digital como algo sem materialidade, não corpóreo. Por vezes, é comum ouvir a expressão “livro físico” referindo-se a impressos, como se o livro “não físico” fosse o digital. Ora, vimos que essa separação tão clara é problemática, pois o aspecto material está presente na noção de texto apresentada por McKenzie (1999), seja em palavras, voz, pedra ou terra.

Ainda neste último aspecto, duas entrevistadas apontaram para a dimensão de agentes externos na definição do sentido do livro. Os livros digitais guardam certa semelhança com o formato códice, por ainda conter uma intenção editorial e mercadológica por trás. Isso chama a atenção para o papel desses agentes na determinação do que poderá ser ou não um livro. Na tela, todos os textos podem parecer iguais, por isso uma das entrevistadas chega a perguntar qual seria a diferença entre um livro e um artigo de jornal, se ambos estão em um mesmo ambiente, a tela. Vemos, assim, que editoras, lojas de livros digitais e autores passam a ter um papel relevante na definição do que é livro ou não. Para Bolter (2001, p. 77), fomos encorajados a pensar no formato códice como uma “unidade de sentido”. Dessa forma “faz sentido” a semelhança do livro digital em termos internos – divisão por capítulos, sumários, etc – com o formato códice.

Em termos gerais, esta pesquisa buscou contribuir com alguns pontos para o debate acerca de práticas de leitura em mídias digitais móveis como os smartphones, procurando uma perspectiva menos determinista e mais nuançada sobre a leitura que é feita em máquinas presentes em nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA ANSA. "Há 10 anos, Steve Jobs apresentava o iPhone ao mundo". *Época Negócios*. 08/01/2017. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2017/01/ha-10-anos-steve-jobs-apresentava-o-iphone-ao-mundo.html>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2009.
- AMAZON. Site internacional da Amazon. Disponível em <https://www.amazon.com/gp/feature.html?docId=1001068141>. Acesso em 3 de fevereiro de 2019.
- ARCENEUX, Noah; KAVOORI, Anandam; (Ed.). *The Mobile Media Reader*. New York: P. Lang, 2012.
- BARBIER, Frédéric. *Historia del libro*. Madrid: Alianza Editorial, 2005
- BARBROOK, Richard. *Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global*. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- BARTHES, Roland. *Rumos da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BBC. "Joy of text: SMS messaging is 20 years old". BBC. 3/12/2012. Disponível em <https://www.bbc.com/news/av/technology-20576956/joy-of-text-sms-messaging-is-20-years-old>. Acesso em 3 de fevereiro de 2019.
- BOLTER, Jay David. *Writing space: Computers, hypertext, and the remediation of print*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2001.
- BRITO, Eduardo. "iPad completa 5 anos: veja como o tablet da Apple mudou com o tempo". Blog Techtudo. 4/04/2015. Disponível em <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/04/ipad-completa-5-anos-veja-como-o-tablet-da-apple-mudou-com-o-tempo.html>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.
- CAPELAS, Bruno. "Até o fim de 2017, Brasil terá um smartphone por habitante, diz FGV". *O Estado de S. Paulo*. 19 abril 2017. Disponível em <http://link.estadao.com.br/noticias/gadget,ate-o-fim-de-2017-brasil-tera-um-smartphone-por-habitante-diz-pesquisa-da-fgv,70001744407>>. Acesso em 8 de março de 2018.
- CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. Vol.1. São Paulo: Ed. Ática, 1998.
- CAWLEY, Christian. Why E-Books Are Recording Information About Your Reading Habits. *Make Use Of*, 26 fev 2015. Disponível em: <http://www.makeuseof.com/tag/reading-ebooks-secure-think/>>. Acesso em 5 de janeiro de 2018.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger; *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Unb, 1999

CRARY, Jonathan. *24/7 – Capitalismo tardio e fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DARTON, Robert. What is the history of books? *Daedalus* 111(3): 65-83, 1982.

DAVIDSON, James et alli. The YouTube video recommendation system. *RecSys*, Barcelona, v. 26, n.30, p. 293-296, 2010.

DERNBACH, Christoph. "Iphone 2007". Blog Mac-History. Berlim, 16/01/2009. Disponível em https://www.mac-history.net/apple/2009-01-16/image-gallery-the-top-10-standout-macs-of-the-past-25-years/attachment/10_mac25_iphone_350. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

DORDA, María F. *Serendipia programada: la construcción del gusto según las recomendaciones de Spotify*. Trabajo de fin de Máster. Getafe: Universidad Carlos III de Madrid, 2017.

DRUM, Marcela. E-books are tracking your reading habits. *Deutsche Welle*, Berlim, 7 nov 2012. Disponível em: <<http://p.dw.com/p/16c6Z>>. Acesso em 5 de janeiro de 2018.

EISENSTEIN, Elizabeth L. *The printing press as an agent of social change: Communications and cultural transformations in early-modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, vol I e II, 1979.

FARRAR, Lara. "Cell phone stories writing a new chapter in print publishing". CNN. 26/02/2009. Disponível em <http://edition.cnn.com/2009/TECH/02/25/japan.mobilenovels/>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

FEBVRE, Lucian; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Edusp, 2017.

FISCHER, S. R. *História da leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas, 1995

GILTEMAN, Lisa. *Always Already New: Media, History, and the Data of Culture*. Cambridge: The MIT Press, 2006.

GONÇALVES, Márcio Souza. Os meios, seus usos, sua materialidade: a comunicação e sua epistemologia. Revista *FAMECOS*, v. 17, n. 3, p. 163, 2010.

GONÇALVES, Márcio Souza. BARBOSA, Rafael de Oliveira. Comunicação, linearidade e não linearidade: costurando conceitos e práticas. Revista *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 694-712, set./dez. 2015.

GONÇALVES, Márcio Souza; CLAIR, Ericson Saint. Antes Tarde do que nunca: notas sobre as contribuições de Gabriel Tarde para a análise da articulação entre comunicação e cultura. In: *Revista Galáxia*. São Paulo, n. 14, p. 137-148, dez. 2007.

GONZAGA, Yuri. “Tendência de celulares gigantes se mantém e pode levar a iPhone maior”. *Folha de S. Paulo*. 28 abril 2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/04/1445679-tendencia-de-celulares-gigantes-se-mantem-e-pode-levar-a-iphone-maior.shtml>>. Acesso em 8 de março de 2018.

GRUSIN, Richard; BOLTER, Jay David. *Remediation: Understanding new media*. Cambridge: MIT Press, 2000.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Editora Globo, 2009.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 4ªed. São Paulo, 2016.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 3ªed. São Paulo, 2012.

KASTE, Martin. Is Your E-Book Reading Up On You? National Public Radio (NPR), Washington, EUA, 14 dez 2010. Disponível em: <<https://www.npr.org/2010/12/15/132058735/is-your-e-book-reading-up-on-you>>. Acesso em 5 de janeiro de 2018.

KNOX, Bernard MW. Silent reading in antiquity. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v. 9, n. 4, p. 421, 1968.

KOZLOWZKI, Michel. "The Tale of Rocketbook – The very first e-reader". Blog Good E-Reader. 2/12/2018. Disponível em <https://goodereader.com/blog/electronic-readers/the-tale-of-rocketbook-the-very-first-e-reader>. Acesso em 3 de fevereiro de 2019.

LEVINSON, Paul. *Cellphone – The story of the world’s most mobile médium and how it has transformed everything!*. New York, NY: Palgrave MacMillan, 2004.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007

LYONS, Martyn. *Livro: uma história viva*. São Paulo: Editora Senac, 2011.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MCCUTCHEON, Robert W. Silent Reading in Antiquity and the Future History of the Book. In: *Book History*. Volume 18 (2015): pp.1-32.

McKENZIE, Donald Francis. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MELLO JUNIOR, José de. *A introdução do e-book no mercado editorial brasileiro: mudança tecnológica, conflitos e resistências*. 2016. 371f. il. color. Tese de Doutorado Apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade Paulista, São Paulo, 2016.

MILTON, John. *Areopagítica: A Speech For The Liberty Of Unlicensed Printing To The Parliament Of England* (1644). Project Gutemberg. Release Date: January 21, 2006. E-Book #608.

O'NEIL, Cathy. *Weapons of math destruction: How big data increases inequality and threatens democracy*. Nova York: Broadway Books, 2017. E-book.

PEREIRA, V. A. G.A.M.E.S.2.0 – Gêneros e Gramáticas de Arranjos e Ambientes Midiáticos Moduladores de Experiências de Entretenimento, Sociabilidades e Sensorialidade. In ANTOUN, H. *Web 2.0 – Participação e Vigilância na Era da Comunicação Distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

RIFKIN, Jeremy. *The age of access: The new culture of hypercapitalism*. Nova York: Penguin, 2001. E-book.

ROBERTS, Joe. "Amazon Kindle: A history of the world's best e-reader". Blog Trusted Reviews. 13/04/2016. Disponível em <https://www.trustedreviews.com/opinion/a-history-of-the-amazon-kindle-2946395>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

SIMÕES, Marco Antônio. *História da Leitura: do papiro ao papel digital*. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

SPOON, Ryan. "Amazon Cloud Player: Buy Once, Listen Everywhere" Blog Ryan Spoon. 2/04/2011. Disponível em <http://ryanspoon.com/blog/2011/04/02/amazon-cloud-player-buy-once-listen-everywhere>. Acesso em 3 de fevereiro de 2019.

WEISS, Robert S. *Learning from strangers: The art and method of qualitative interview studies*. New York: The Free Press, 1995.

WU, Tim. *Impérios da comunicação: do telefone à internet, da AT&T ao Google*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. E-book.

ANEXO A - Roteiro de perguntas – entrevistas individuais

a) Experiência com livros

Poderia falar sobre a importância dos livros na sua vida?

Como adquiriu o hábito da leitura? Sua família o(a) incentivou? Sua escola?

Livros como lazer?

Qual é a principal vantagem/motivação em ler?

b) Aderência tecnológica ao celular

Você sempre busca estar atualizado quanto a novas tecnologias ou é indiferente?

Costuma trocar de celular com frequência? Marca importa?

Já conseguiu ficar por muito tempo longe do celular? Como foi a experiência?

Quais são as principais atividades que você faz no celular?

Você encara o celular como atividade de lazer?

c) Materialidade

O que é um livro para você?

O que acha dos livros digitais?

Como você adquire livros para ler no celular?

Houve alguma resistência inicial a ler no celular?

Qual aplicativo você usa?

Como é feita a escolha de títulos?

Com que frequência você lê o celular?

Poderia relatar como foi a experiência de ler no celular?

Quais são as vantagens/desvantagens de se ler no celular em comparação a livros impressos?

Onde você lê os livros no celular?

Qual é a postura corporal quando lê no celular?

Costuma fazer anotações?

Tela pequena incomoda?

Quando você lê no celular, o texto rola na tela ou passa de forma horizontal? O que acha desta forma de leitura?

Como é sua atenção no celular?

Quando lê em celular, você diria que também fica apegado ao objeto?

Você é apegado aos livros impressos? Por quê? Forma, capa são importantes?

Vimos que outras tecnologias foram rapidamente substituídas por outras novas, TV, DVD, CD, na sua opinião isso vai acontecer com os livros de papel?

d) Conteúdo e apropriação

Qual são seus autores e gêneros preferidos?

Qual foi o último livro que leu? Em qual plataforma?

Costuma marcar e compartilhar trechos de obras em redes sociais?

Há gêneros que você prefira ler só no celular?

ANEXO B – Questionário

Data do preenchimento do questionário: ___/___/___ Horário: ___:___

Identificação

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: () Masculino () Feminino

Se menor de 18 anos, responsável legal: _____

Estado civil: _____ Tem um ou mais filhos? () Sim () Não

Escolaridade: _____

Profissão/Ocupação: _____

Cidade: _____ UF: _____

Você leu ou iniciou a leitura de um livro nos últimos 3 meses? () Sim () Não

Marca e modelo do seu smartphone: _____

Sistema operacional: () Android () iOS () Windows Phone () BlackBerry () Outro: _____

Email: _____

Telefone/What'sApp: _____

Quais são os locais onde você costumar ler e-books em celulares? (Pode ser mais de um)

- () Casa () Bibliotecas () Escola ou Universidade () Meios de transporte (ônibus, trem, metrô, avião, carro etc) () Parques, praças, shoppings, praias ou clube () Trabalho () Cafeterias ou bares () Outro. Qual?

Qual plataforma/formato utiliza para ler livros no celular?

- () Adobe Reader, formato PDF () Kindle para celular, formato mobi
 () Google Books, formato e-pub () Apple Books, formato e-pub
 () Microsoft Word, formato doc () Outro. Qual? _____

Você costuma usar os recursos de modificação do aspecto do texto (exemplo: fontes, cor de fundo, tamanho da letra)

- () Sim
 () Não

Que tipo de livro (impresso ou digital) você mais consome?

- () Ficção/Literatura () Não ficção () Livros religiosos () Didáticos () Profissionais

Que tipo de livro (digital) você mais consome em celulares?

- () Ficção/Literatura () Não ficção () Livros religiosos () Didáticos () Profissionais

Costuma marcar e compartilhar trechos de obras em redes sociais?

- () sim () não

Assinale a opção que melhor condiz com seu perfil:

1. **Estou sempre trocando de celulares pelos mais novos do mercado.**

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
---------------------	-----------------------	-------------	-----------------------	---------------------

2. **Meu celular é um objeto pessoal para mim, não fico muito tempo longe dele.**

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
---------------------	-----------------------	-------------	-----------------------	---------------------

3. **Ler em celulares é algo agradável.**

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
---------------------	-----------------------	-------------	-----------------------	---------------------

4. **Em relação ao ano passado, leio mais livros em celular agora.**

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
---------------------	-----------------------	-------------	-----------------------	---------------------

5. **Em relação ao livro impresso, ler em celular é melhor.**

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
---------------------	-----------------------	-------------	-----------------------	---------------------

6. **Em relação a leitores eletrônicos (*e-readers*), se tiver, ler em celular é melhor.**

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
---------------------	-----------------------	-------------	-----------------------	---------------------

7. **Em relação a tablets e laptops, ler em celular é melhor.**

Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
---------------------	-----------------------	-------------	-----------------------	---------------------

ANEXOC - Termo de consentimento

Eu, _____, RG: _____ CPF: _____, estou sendo convidado(a) a participar de um estudo denominado “Práticas de leitura em celular: rupturas e continuidades”, pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com apoio do CNPq.

A minha participação no referido estudo será em entrevistas individuais em profundidade. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é Taynée Mendes Vieira, mestranda em Tecnologias da Comunicação do PPGCOM/UERJ, orientada pelo Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves, e com ela poderei manter contato pelo email taynee.mendes@gmail.com.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2017.

Nome:

Taynée Mendes Vieira